



A Editora Camille Flammarion apresenta *Renovação pelo Amor*, da professora Heloisa Pires.

Escritora e conferencista, a autora vem analisando as circunstâncias em que a maioria se encontra neste novo século que se inicia.

Esta obra aborda a possibilidade atual de libertação, com o desenvolvimento da ciência oficial, em que um mundo magnífico de descobertas libertadoras brilha nesse nosso querido planeta.

Todavia, a nossa evolução moral arrasta-se e continuamos com as mesmas dificuldades, criando problemas estéreis e sofrendo sem necessidade.

Porém, seres que enobrecem a espécie humana, trabalhando através dos séculos, levam-nos a pensar quão especiais somos. A esses, nossa admiração.

### **Prefácio**

Uma das maiores necessidades da Doutrina Espírita é, sem dúvida, a sua divulgação. E dentre os seus diversos meios, a palavra é um dos mais importantes, porque além do conhecimento que transmite, quando enriquecida pela eloquência, envolve a todos com as vibrações que invadem a alma de quem fala.

Um nome despontou nesse cenário não só como profunda conhecedora da Doutrina Espírita, como pela firmeza de suas convicções e eloquência, sendo requisitada pelos quatro cantos do nosso país. Falamos de Heloisa Pires.

Filha de um dos mais renomados escritores, e oradores espíritas das últimas décadas, embora conheça a fundo a obra de seu pai, não tem se servido dela como esteira para chegar até a posição que chegou. Percebe-se, entretanto, sua grande admiração por “Zequita” (José Herculano Pires), a quem procura

seguir em suas atividades nos enfoques filosóficos e científicos da Doutrina Espírita, sem desmerecer, até enaltecendo, seu aspecto religioso.

Como pedagoga, tem se dedicado à literatura na área educacional.

Nota-se, na literatura espírita, uma vertente que busca a propagação da Doutrina, procurando alcançar o grande público leitor não afeito às questões filosóficas, mas que paulatinamente vai absorvendo assuntos tais como reencarnação, vida espiritual, vingança dos desencarnados, lei de causa e efeito, valor do perdão etc. e que lhe serão muito úteis quando enfrentarem os

choques decorrentes de nossa vida comportamental, mas necessários ao despertar da criatura para uma nova visão do mundo e das coisas. São os romances e contos populares, mediúnicos ou não.

Com o lançamento desta obra, elaborada com esmero e dedicação, Heloisa dá prosseguimento ao seu tino divulgador, desta feita procurando alcançar esse novo público, com seus contos ricos em exemplos, entrecortados por oportunos comentários sobre ensinamentos espíritas, levando o leitor ao conhecimento da fundamentação doutrinária das origens dos acontecimentos e das medidas da sua superação.

Todos nós, leitores, seremos enriquecidos pelas idéias nela contida. De leitura agradável, relata imagens do cotidiano, a influência dos Espíritos sobre os homens, e mostrando o quanto importante é o conhecimento do Espiritismo para beneficiar as almas inquietas e carentes, proporcionando a todos o tão almejado equilíbrio espiritual, a visão real do mundo e o conhecimento da verdade.

A obra não deixa de mostrar a necessidade de conhecermos a Doutrina Espírita, participar do ambiente fraterno que proporcionam as Casas Espíritas, bem como o engajamento nas tarefas humanitárias que permitem nossa ascensão espiritual.

**Maria Santana M. Campanini Atílio Campanini São Paulo, março de 2006**

## **Apresentação**

Olhando o mundo à minha volta, analisando-me e aos que me rodeiam; relendo Dostoiévski em *Crime e Castigo*, *Humilhados e Ofendidos*, os livros de história das civilizações, ficamos fascinados ao verificar como atralhamos nossa caminhada rumo à felicidade e à luz, repetindo nas várias

encarnações, erros provocados pelo orgulho e o egoísmo. O mais intrigante é vê-los ainda em nós, espíritas, que nos expressamos em sombras e luzes. E pensar que estávamos lá, entre os druidas nas Gálias, convidados a compreender a verdade através do Druidismo. O convite à libertação da dor foi feito tantas vezes e exemplificado com propriedade por Jesus. Mas continuamos com as nossas dificuldades, criando problemas estéreis e sofrendo sem necessidade.

Nesse nosso século, a possibilidade de libertação aumenta com o desenvolvimento da ciência oficial. Um mundo magnífico de descobertas libertadoras brilha no nosso minúsculo e querido planeta. Células tronco, próteses especiais, compreensão da força do pensamento, parapsicologia, terapias alternativas. Mas os *Humilhados e Ofendidos* continuam na Terra, os perturbados de *Crime e Castigo*, o grande número de indivíduos que continuam na expressão da *Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera. A nossa evolução moral arrasta-se. Porém indivíduos especiais, trabalhados através dos séculos e aproveitando lições, seres que enobrecem a raça humana,

fazem-nos refletir quão especiais somos.

Tantas vezes iludimo-nos, mesmo no meio espírita, continuando centrados em nossas ilusões, vaidosos, crianças com dificuldades emocionais. Mas encontramos aqueles que já conseguem amar o próximo como aconselhou Jesus. Encantados, nós os vemos criando creches, escolas profissionalizantes, publicando livros, lutando pela divulgação do Espiritismo, da verdade que liberta. A cor do sangue é a mesma dos necessitados, o corpo físico é semelhante; o Espírito mais maduro faz a diferença; são os pontos de luz iluminando o querido planeta.

A esses, nossa admiração, nossa gratidão. Mas um exército opaco caminha com dificuldade, errando e acertando, sofrendo e chorando, incapaz de resolver desafios indispensáveis ao nosso crescimento. Ele nos comove porque nos vemos projetados em muitas das suas necessidades.

Neste livro procurei retratar esse indivíduo especial que continua tantas vezes amarrado ao seu escafandro de barro. Médiuns, paranormais, reencamados, “deuses e luzes”, sobem com dificuldade a escada da evolução, rolando muitas vezes no terrível abismo da descrença, da solidão afetiva, dos desequilíbrios comportamentais. Hoje sombra, amanhã luzes. A Doutrina Espírita os convida ao desenvolvimento das suas possibilidades especiais, à transformação de problemas em soluções.

Desejei mostrar a força interior de cada ser, encarnado ou não. Tantas vezes mantemo-nos na ignorância da finalidade do Espiritismo, desejando ainda o

brilho da intelectualidade vazia, esquecidos de que a hora é do desenvolvimento moral que nos tomará fortes,

inteligentes, felizes. Não esquecendo Allan Kardec no seu livro *Viagem Espírita*: “a hora do fenômeno passou; agora é a hora do desenvolvimento moral...”

Temos tudo o que é preciso para nos vincularmos às luzes, liguemo-nos aos irmãos mais evoluídos e seremos felizes...

**Heloisa Pires Março de 2006**

## Primeira Parte **Contos**

### **Amor e ódio**

*q*Aos mares mornos, indivíduos muito pequenos, unicelulares microscópicos, iniciam o desenvolvimento de suas potencialidades. André Luiz nos lembra, no seu *Evolução em Dois Mundos*, que os leptótrix, quando perdem a sua carapaça ferrosa, vão procurá-la; nessa tarefa ocorrem os encontros que geram mortes no corpo físico, mas possibilidade de crescimento espiritual. Os embriões de futuros relacionamentos ali se iniciam e, diz o querido repórter, que também os sexuais.

Evoluímos em grupos, “como as almas viajoras”, como gostava de dizer o pai Herculano. Nos encontros e desencontros muitas vezes confundimos os nossos sentimentos. Traições, rejeições, omissões, geram problemas que transformam amor em ódio; mas amor-ódio só expressa ligações profundas entre os indivíduos; o vínculo é tão intenso que não há o desligamento, e o supostamente traído, maltratado, continua ligado ao outro até que o tempo, o amadurecimento de um, a reencarnação, possibilite mudanças de posições, permita o reflo-rescimento do amor.

A chave maior para a harmonização de corações feridos é o renascimento. Para preparar o ser, um trabalho de esclarecimento é realizado no plano espiritual, para que compreenda que o sentimento que o liga ao outro e que está muitas vezes disfarçado em ódio, é o amor puro que toma o próximo indispensável e inesquecível.

No livro *Nas Voragens do Pecado*, Yvonne Pereira conta a história de um Espírito que evoluía através dos séculos com almas afins. Julgando-se forte, resolve dispensar a proteção do grupo “familiar” e testemunhar, através de

uma encarnação relativamente solitária, o que aprendera. Frágil, julga-se forte, como tantas vezes nós também nos julgamos. Reencarna e é rejeitado pela mãe e criado por um padre que o ama, mas não recebe os estímulos necessários, em cada encarnação, para que o amor e o respeito ao próximo desabrochem. Transforma-se em um fanático religioso, mata a família que amava porque ela era protestante. Ao ordenar a matança, sente uma emoção estranha, e a força do amor que dedicava aos que assassinara causa-lhe mal-estar. Séculos seriam necessários para que se perdoasse, embora a família imediatamente o tenha perdoado.

Desencarnado, sofre muito, compreende a extensão de seus erros, perdoa a mulher amada que, pertencendo à família por ele prejudicada, conseguira provocar a sua prisão e morte. Várias vezes tenta se aproximar dos que massacrara em nome do seu deus, cai de joelhos pedindo perdão e sentindo brotar em seu coração todo o amor que sempre lhes dedicara. Humilhado, amargurado, é recebido com demonstrações de afeto e, olhando duas crianças que matara, lembra-se de que haviam sido filhos queridos. Verifica ainda que a mulher que tanto amava e o traíra havia sido mãe dos seus filhos. Descobre que jamais

odiara aquela família, como supunha, mas que o seu orgulho fizera confundir os sentimentos no desejo de impor o seu modo de pensar. Amor e ódio lutaram no seu coração, e a aparente vitória do sentimento negativo só provocou uma eclosão maior de amor...

Kardec nos lembra em *O Livro dos Médiuns* que o ódio sobrevive à morte e por isso é melhor “reconciliar-se com o adversário enquanto está a caminho com ele...”, como ensinou Jesus. No livro citado, o mestre de Lyon conta a história da irmã atormentada por um desencarnado que rasgava as suas roupas, fazia barulho na casa, não dava sossego; evocado, contou através do fenômeno medi único que estava retribuindo o quanto ela o havia atormentado quando ele estava vivo.

O dia e a noite, o bem e o mal, o amor e o ódio são opostos que se unem na constituição de uma faceta da vivência na Terra.

O ódio surge da incapacidade do verdadeiro amor, do “amor-paixão” que é produto do egoísmo e do orgulho; é fruto da necessidade de ter os seus sentimentos recompensados por atenção, não admitindo frustrações.

O amor surge em embrião entre dois seres e exige trabalho, amadurecimento através dos séculos. Muitas vezes a atração física é confundida com amor, mas sozinha não atende às necessidades do indivíduo. O amor verdadeiro aparece na Terra em sua expressão mais profunda, por exemplo, entre pais e filhos.

Nos mundos em desenvolvimento, a atração necessária à sobrevivência do ser utiliza a força da energia sexual, o que no nosso planeta ainda gera problemas e desequilíbrios. Essa força desgovernada por um Espírito que se entrega às paixões inferiores produz o ódio na expressão de crimes vários. E o “charco do amor”, como bem explica Herculano Pires no seu livro *Pesquisa Sobre o Amor*.

No século XXI, o ser, ainda incapaz do verdadeiro amor, entrega-se à caricatura desse sentimento, criando problemas terríveis por sua incompreensão. Jesus veio nos ensinar a amar; as sementes luminosas que lançou continuam a germinar nos corações, dependendo do esforço de cada um para produzir frutos de libertação, de harmonia.

No tempo e no espaço encontramos os prejuízos provocados pelo “desamor-desejo” entre vultos considerados importantes pelos seres da Terra, como Henrique VIII, que matou a primeira mulher, Catarina, para ficar com Ana Bolena. Logo enjoou de Ana e não descansou enquanto não mandou matá-la. Ana, perante um julgamento dominado pela vontade do soberano, fala tudo o que pensava sobre ele, mostrando que o suposto grande amor se transformara em ódio de tristes conseqüências que exigiria séculos de sofrimento para que se dissipasse. À luz do Espiritismo entendemos o valor do perdão para não complicarmos a marcha reencarnatória. Compreende-demos também que casais que realmente se amam colhem nessa encarnação o resultante de sua maturidade e da extinção do orgulho e do egoísmo em seus corações.

Quando amarmos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, seremos felizes...

Evangelizados, na compreensão de que todos somos irmãos, conseguiremos transformar o ódio em amor através das várias encarnações...

## ***A História de M***

A senhora bonita e triste pede para conversar, pois deseja uma orientação. Sentamos na sala fechada, e ela logo desabafou:

- Odeio meu filho. Entreguei-o a uma irmã, pois desejava matá-lo. Mas ele é o errado, pois tive um sonho no qual ele me assassinava com crueldade.

Expliquei que se isso aconteceu, provavelmente em encarnações anteriores ela também o matara.

- Não, disse ela, porque ele não me odeia.

- Talvez ele tenha aprendido a perdoar.

Continuamos a conversar, e ela contou que teve

dois filhos com tranquilidade e os ama muito. Vivem com ela, e a compreensão é total. Na gravidez do último, passou mal por duas vezes e quase perdeu o bebê. Quando ele nasceu não podia olhá-lo e por duas vezes tentou sufocá-lo. Pediu para a irmã que o adotasse e cuidasse como se fosse seu, pois ela acabaria por matá-lo. A família desaprovou a idéia, acharam que ela estava louca, mas a irmã concordou em criar o sobrinho que se tomou um filho muito querido. O menino, hoje com dezesseis anos é bom, todos o amam; menos a mãe, que não o suporta.

Orientamos tratamento espiritual, Evangelho no Lar, auxílio de psicóloga. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* encontramos uma explicação para esse

problema. Indivíduos comprometidos verificam a necessidade de transformar ódio em amor, fazem cursos, são preparados para dilatar a capacidade de amar e perdoar e renascem junto aos que outrora os prejudicaram ou foram prejudicados por eles. A vitória vai depender da força de vontade dos envolvidos. O contato diário, as dificuldades dos relacionamentos com aqueles que estamos aprendendo a amar, exige esforço dos envolvidos no processo. Muitas vezes a vitória é completa, e o rostinho meigo do bebê faz esquecer possíveis problemas. De outras vezes o tratamento psiquiátrico ou psicológico completado pela desobsessão e Evangelho no Lar vence as dificuldades. O importante é lutar com a arma do amor para fazer com que a luz do perdão e da compreensão apareça em todos os corações. O crescimento muitas vezes doloroso pode fazer eclodir um amor profundo e duradouro. Querer é poder e, se realmente quisermos, encontraremos auxílio e recursos para vencermos as nossas dificuldades. E a cada vitória a felicidade é intensa. Vale a pena. Mesmo porque, queiramos ou não, um dia amaremos como desejamos ser amados. O caminho é de crescimento e mudança para melhor...

## **2 A mulher**

*P/òr* que o Espírito, quando reencarna em um corpo feminino, expressa-se na passividade, na aceitação de todos os sacrifícios, considerando que o Espírito não tem sexo? O convite no entanto é à disciplina, porque ele se expressa nas experiências necessárias à sua evolução. E como a mulher “escravizada” através dos séculos conseguiu um desenvolvimento intelectual imenso quando teve mais liberdade? Inspirada no livro de Simone de Beauvoir *O Segundo Sexo*, vamos refletir sobre o assunto.

A medida que se sobe na escala da evolução a reprodução já não absorve tanto o ser.

No Reino Hominal o que acontece?

### **Na Idade da Pedra**

O homem vence desde o início graças à força muscular.

Nessa época não tinham idéia de descendência nem de permanência. Não davam muita importância aos filhos que os atrapalhavam. As mulheres, com as gravidezes constantes, também os perturbavam.

O homem, graças a sua agressividade, mata, defende, se atira.

A mulher passivamente, cansada pela reprodução incessante, já se coloca numa posição mais submissa.

Nos mundos inferiores o valor é dado não ao sexo que dá a vida, mas ao que tira, luta, extermina.

### **No Horizonte Agrícola**

- Fixam ao solo e se tornam agricultores.

Os filhos assumem importância. A maternidade é sagrada.

- O mais importante é o clã. A tribo, o conjunto de indivíduos. O homem ainda não se individualizou. A propriedade comunitária transmite-se através da mãe. Os filhos pertencem ao clã da mãe.

- *A mulher e a terra*: o agricultor admira a mulher e a terra; a terra é mãe, a mulher é terra. O homem admira e respeita a fecundidade da mulher. O homem começa a estudar os fenômenos da natureza e não os entende. Ele os teme e venera. Surgem as práticas mágicas. O homem também teme e venera a mulher; não é amor, é temor.

- *A fecundação*: pensam que o pai não contribui para a fecundação do filho. Muitos consideram o filho reen-carnação de larvas ancestrais. Alguns acreditam que a fecundação se produz pelo nariz e pela boca. Filhos e plantaço são sagrados. Aparecem as deusas que representam a fecundidade. Há uma espécie de matriarcado. Mas o verdadeiro poder continua nas mãos do homem. A mulher é o outro, o não essencial.

*Imanência e transcendência*: A guerra, a pesca, a caça, provocam uma grande expansão no homem. A medida que o homem domina a natureza, se conscientiza da sua força; a mulher vai perdendo o seu prestígio. A transcendência supera a imanência. Isso pensa Simone de



Beauvoir, mas na realidade a mulher transcende através da renúncia, da paciência, do desenvolvimento, da capacidade de amar. José Herculano Pires, meu querido pai, no seu livro *Madalena*, apresenta uma heroína mais inteligente do que o homem amado. No seu *Adão e Eva*, a mulher é muito mais inteligente que Adão. Léon Denis exalta a mulher, sobretudo no seu *Joana D'Arc Médiun*, escrevendo que é mais sensível, melhor médium e mais intuitiva do que o homem. Durante muito tempo as qualidades do elemento feminino não foram muito consideradas.

## **Idade do Bronze**

O homem se impõe. Os deuses superam as deusas. O patriarcado triunfa. A mulher perde tudo. O homem descobre o seu papel na fecundação e o exagera. Ele acha que só ele faz o filho. Os filhos são dele, a terra é dele. De sagrada, a mulher se toma impura, perigosa.

*A herança.* A história da mulher se confunde com a da herança. O homem se toma escravo dos seus bens e escraviza a mulher para que ela lhe dê herdeiros legítimos. A mulher é desprezada pela incapacidade de adquirir bens.

A partir da Revolução Industrial a vida da mulher começa a mudar; mas a sua condição mais confortável ainda está longe de ser atingida. O trabalho continua, sobretudo, considerando que muitas mulheres, nos séculos XX e XXI, pensam que devem se comportar copiando o homem no que alguns têm de pior, o entregar-se às paixões inferiores. Felizmente um grande número de Espíritos aproveitou as experiências muitas vezes difíceis e revelam uma “clarividência”, uma capacidade de sentir a dor do próximo, admiráveis.

“Igualdade de direitos, diferenças de funções”, explica *O Livro dos Espíritos*.

*Século XXI:* as explicações sobre o poder da Fé surgem através da ciência contemporânea, que utiliza a mesma linguagem dos religiosos. A fé, a confiança em nossas forças, curam; mas *O Evangelho Segundo o Espiritismo* lembra que enriquecida pela Fé em Deus, a cura é mais eficiente. Fé Humana e Fé Divina, explica o Evangelho.

Jesus resume dizendo: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, nada vos será impossível.”

A mulher, graças à gravidez maternidade, amamentação, desenvolve essa Fé que se expressa em desenvolvimento maior das suas paranormalidades, das suas possibilidades luminosas.

A dilatação da compreensão da Verdade possibilita extinção de preconceitos estéreis, auto-educação para pensar melhor, domínio das paixões inferiores. O

ser da Terra passará a agir como cidadão do Universo, na compreensão de sua origem luminosa e do seu destino magnífico: projetar-se na Luz, depois de desenvolver as suas luzes interiores...

### **3 Duemi**

O despertador tocou, e Quemi estendeu a mão e o desligou. Lembrou que a mãe pedira para ir auxiliá-la por algumas horas na loja, mas resolveu continuar dormindo. Despertou com o telefone tocando sem parar e atendeu com má vontade, sabendo o que era.

A mãe gritava que nunca pedira nada, mas com a doença da irmã mais velha, precisava da ajuda de Quemi. O rostinho lindo ficou horrível, franzido numa careta de contrariedade, e a jovem disse que a enxaqueca a impediria de ir; à tarde teria muitos compromissos e pedia que a dispensasse. Desligou o telefone antes de ouvir a resposta, tomou banho, escovou o cabelo e saiu correndo com medo que alguém viesse buscá-la. Pensou que só faltava desejarem que substituísse a irmã doente, a “madre caridosa”, que vivia para servir a todos. Não, não se sacrificaria. A vida curta precisava ser vivida.

No carro, comprado pelos pais, ligou o som alto e acompanhava a música cantando com alegria. Escapara novamente. Se descuidasse terminaria os seus dias como empregada da família.

Os anos passaram, e a jovem, agora senhora, continuava a mesma. Casou, teve um filho, descasou e deixou o menino com o marido. Não estava bem, pensava, o cansaço a impedia de assumir tarefas “pesadas”. A herança que recebera dos pais a poupava do trabalho, e vivia na satisfação apenas de todos os seus desejos. Academia de ginástica, visitas a lojas, compras e compras...

Quemi, já com cinquenta anos, estava sentada em frente à televisão, vendo um belo filme, quando algo aconteceu, e a paisagem na tela mudou. Apareceu um céu escuro, uma região horrível, um deserto cinza. Não havia ninguém, o vazio não era quebrado por cores, flores ou pássaros. Aflita, desejava mudar o canal da TV, mas estava paralisada, as pernas e mãos dormentes impediam até mesmo alcançar o controle remoto.

No meio da aridez um vulto começou a aparecer; caminhava vagarosamente, parecia imensamente cansado. De repente apareceu o rosto marcado, enrugado, demonstrando uma infelicidade extrema. Primeiro pensou que era alguém parecida com ela, mas depois, aterrorizada, sentiu que era ela e que era isso que iria encontrar quando morresse. Pior, uma voz interior explicou que ela já estava projetada na região triste, escura.

A tela apresentou em seguida outra região: paisagens lindas, jardins, flores e sol, muito sol. Muitas pessoas passeando, pareciam deslizar. A música era magnífica, e ela sentiu o perfume delicioso das flores. No meio da tela um casal foi crescendo, como se colocassem uma

lente de aumento, e os pais de Quemi apareceram sorridentes. A mãe olhou e uma voz como que ressoou em sua cabeça, convidando-a a mudar de vida para sair do deserto que refletia a aridez do seu coração egoísta. Tentou pensar que era imaginação e viu que a mãe saíra da tela e estava ao seu lado olhando-a com muito amor. Pensou em perguntar se teria tempo para mudar de vida e, antes que falasse, a mãe respondeu que viera para auxiliá-la a se transformar para melhor, para se preparar para a tranqüilidade no mundo espiritual. Pediu que freqüentasse a Casa Espírita aonde ia quando criança e começasse a auxiliar o próximo. Devia ler diariamente *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Céu e o Inferno*.

Quemi começou a chorar, não sabia se de saudade ou de medo; no dia seguinte iniciou a desejada mudança. Um mês depois recaiu nos hábitos antigos e viveu mais trinta anos sem nada fazer em prol dos outros ou de si mesma.

Quando desencarnou ficou muitos meses grudada ao corpo, temendo o que a esperava. Não teve coragem para orar porque sentia-se indigna. Certa noite, não sabe como, deslocou-se pesadamente e caiu no meio do deserto que vira na tela da televisão. Dias sufocantes embora muito escuros; não aparecia sol, o cinza dominava tudo. Não havia alguém para conversar. Vazio apenas, como o coração de Quemi sempre fora. Um dia caminhava pensando que o sofrimento era exagerado para o que fizera, quando viu na tela mental o filho que praticamente abandonara no colo do pai; envergonhada, ouviu-o contar a uma jovem, que nunca tivera mãe; que ela preferira ficar

só e que ia visitá-lo raramente; disse que ainda bem que contara com o amor do pai e da madrasta. Em um outro dia, começou a ver atos de egoísmo por ela praticados. Sofreu muito até conseguir orar sinceramente e ser socorrida.

Depois de se preparar nas escolas do espaço durante muito tempo, iria reencarnar. A família não era a que tivera. Reencarnaria no meio de quase desconhecidos e pedira dificuldades econômicas para não perder tempo com tolices.

No dia da partida para a Terra recebeu a visita dos pais e da irmã; todos prometeram ajudá-la, mas avisaram que ela é que determinaria a vitória ou o fracasso. Abraçou-os e chorou muito descobrindo que agora começava a ser capaz de amar. Preparava sua *Renovação Pelo Amor*. Partiu recitando o Salmo vinte e três, prometendo servir e amar...

#### 4 Construtivismo divino

Agata não se conformava com o fato de ter de agüentar o marido. Vinte e dois anos de inferno. Não mais o suportava e talvez nunca o tivesse amado. Não acontecera nada grave, apenas o desgaste natural do tempo e a falta de objetivo de Ágata. Casara adolescente porque engravidara e não estudara, não crescera espiritualmente, continuava uma parasita revoltada com quem parasitava.

Os dois filhos cresceram e eram independentes da mãe. Consideravam a mulher linda apenas, uma boneca tola e querida, mas que não lhes acrescentava nada. Amavam o pai pela capacidade de trabalho, retidão moral; sabiam que ele compreendera que a mulher só ficava com ele por preguiça, incapaz de mudar a vida, de lutar para realizar algum desejo maior: aprender alguma língua, fazer um curso que dilatasse a sua visão, auxiliar alguma instituição de caridade. Nada. A mãe levantava tarde, reclamando de cansaço e depois ia passear, procurando encontrar objetivo, comprando roupas, indo a cabeleireiro, massagem, uma vidinha inútil que não lhe dava alegria. Meninos bons, amavam aquela boneca linda e tola que não formara opinião sobre nada. Infeliz, recebia o marido com indiferença, quando não se irritava com a alegria que ele demonstrava pelas conquistas profissionais realizadas; brigava com ele, fazia acusações absurdas e não se conformava com o olhar bondoso que ele lhe dirigia, compreendendo que ela só era desagradável por estar muito doente espiritualmente, envolvida em emoções desencontradas de desejo inconsciente de transcendência e incapacidade de lutar para mudar de vida.

Ágata foi se enrolando em suas emoções desencontradas, no seu egoísmo e orgulho e acabou ficando doente; uma terrível depressão a atirou na cama, sem forças para desejar passear. Uniu-se via pensamento com necessitados semelhantes, e o processo foi aumentando. Julgava odiar o marido e se tivesse forças o acusaria por todos os seus males. Paciente, maduro, o esposo começou a investir no tratamento daquela que o encantara pela helezia e alegria e que se transformara em fonte de problemas. Era grato pelos filhos que ela lhe dera e faria o possível e o impossível para tomá-la feliz; generoso, não pensou que ela talvez ainda não fosse capaz de desenvolver esse estado especial de espírito. Levou-a aos melhores médicos, contratou uma secretária-babá para que ela não ficasse só. Remédios fortes faziam efeito temporário porque a mulher queria se sentir infeliz.

Certa tarde Ágata, preguiçosamente, via um filme. Sentia-se profundamente infeliz e irritada e lembrou como na véspera o marido e os filhos conversavam alegremente, amigos, unidos, indiferentes a sua dor. O seu desejo era o de que todos sofressem o que ela julgava sofrer, deitados numa cama ou recostados

numa poltrona, sem vontade até de tomar banho. Um retrato caiu no seu colo e viu que era o de sua mãe falecida há vinte anos.

Ágata o pegou e apertou no peito, pensando que se a mãe estivesse viva não sentiria tanta tristeza e abandono. O retrato transformou-se em uma tela, e a mãe começou a falar com Ágata. Os olhos tristes da mãe se moviam como que numa prece, e Ágata começou a orar junto o “Pai Nosso”. Lágrimas caíam dos seus olhos, pensando que finalmente alguém se condoera do seu sofrimento. A figura da mãe cresceu e, espantada, a jovem senhora doente a viu como se estivesse em carne e osso ao seu lado. Sentiu as suas mãos entre as da genitora e ouviu uma lição de amor que a deixou inconformada. Ouviu falar do seu egoísmo, da sua inutilidade, do problema em que se transformara para o marido e os filhos. Viu a projeção de fatos da sua vida e percebeu o quanto fora egoísta tantas vezes. Ouviu os filhos conversando sobre como ela era infeliz por ter se transformado em uma mulher inútil. Espantada, viu aparecer no meio da sala uma grande árvore, que poderia ser bela se não estivesse coberta por parasitas e bichos horríveis. Recuou assustada com medo dos bichos, quando ouviu a mãe mandar que ela olhasse o tronco da árvore; horrorizada, viu que o tronco distorcido representava ela mesma e que da sua cabeça saía uma nuvem escura que estava matando o pobre vegetal. Gritou, e a sala voltou ao normal. Ia pensar que sonhara quando sentiu que apertava na mão um galho feio e ressecado, cheio de pulgões e outros bichos. Ficou realmente assustada e julgou que estava ficando louca. Mas o galho e os bichos eram reais. O que significaria aquilo? Levantou-se e como um cão farejador foi até o galho e tremendo verificou que ele tinha o seu cheiro, era realmente parte dela. Desmaiou. Quando a encontraram

segurava algumas folhas, mas o resto havia sumido. Precisou de atendimento médico e o psiquiatra pôde iniciar o tratamento necessário porque ela estava muito mal.

Dois anos de tratamento médico unido ao tratamento espiritual começaram a modificar a jovem senhora. Viu e ouviu mais duas vezes sua mãe, agora, em sonhos. Também projetada no mundo espiritual, viu a grande árvore desaparecer envolvida por uma luz muito forte e surgir no lugar um arbusto frágil. Compreendeu a mensagem, renascia para uma vida nova e dependia dela fazer surgir um carvalho belíssimo que oferecesse ao mundo a sua sombra, o seu amor.

Os filhos ainda a tratavam como boneca tola, mas o marido a envolvia em muito amor e tinha, agora que ela permitia, longas conversas sobre a finalidade da vida e o porque do sofrimento criado, na maior parte, por nossa incapacidade de valorizar tudo o que nos é concedido. Ela voltou a admirá-lo e começa a compreender a grandeza espiritual do companheiro. Está construindo o seu pensamento positivo, a sua capacidade de ser útil e feliz...

## Explicações

Em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo “O laboratório do mundo invisível”, Allan Kardec, assessorado pela equipe do Espírito da Verdade, explica como agimos sobre os fluidos espirituais pela força do nosso pensamento, podendo criar, construir sobre esses fluidos. Os Espíritos ensinam que podemos construir até frutos, mas que eles não nos alimentariam como os da energia condensada.

Ernesto Bozzano, no seu livro *Pensamento e Vontade*, ao tratar sobre Ideoplastia, narra os fenômenos que provam essa possibilidade.

Yvonne A. Pereira, no livro *Recordações da Mediunidade*, conta a história de criminosos desencarnados que criam pela força do pensamento o próprio castigo: sangue sobre o rio que contorna a própria cabana aonde estão em tratamento, modificação da sopa de legumes que se transforma em pedaços das vítimas.

A Parapsicologia estuda os fenômenos tetha, que admitem a possibilidade de mentes extra-físicas agirem sobre o mundo físico. Verificaram que o pensamento constrói de uma forma que pode aparecer em fotografias.

Ágata entrou realmente em contato com a mãe, que utilizou os recursos da ideoplastia para auxiliá-la. Covarde, Ágata custou a aproveitar o chamamento, mas através do auxílio espiritual e do merecimento da mãe, finalmente compreendeu a finalidade da existência.

Nas experiências de materialização de *Katie King*, através da médium *Florence Cook*, *Sir William Crooks* conseguiu cortar um pedaço de roupa do Espírito comunicante. As folhas encontradas na mão de Ágata poderiam ser produto da materialização, ou do fenômeno Aport, foram trazidas pelos Espíritos. Em *O Livro dos Médiuns*, a explicação sobre esse fenômeno deixa clara essa possibilidade. Nas materializações produzidas por *Florence Cook*, potes de doces eram trazidos da despensa com todas as portas fechadas. Explicam que poderiam produzir os objetos transportados, mas que utilizam os já existentes.

A ficção científica apresenta a possibilidade do transporte de coisas de uma dimensão para outra. A ciência contemporânea, por meio dos seus pesquisadores, já está construindo máquinas com essa capacidade. Nos fenômenos mediúnicos, leis por nós desconhecidas, mas naturais para a espiritualidade, permitem a ocorrência do fenômeno.

O futuro será maravilhoso; todos que permanecerem ou reencamarem na Terra encontrarão um planeta feliz...

## 5 laura

Morena, estatura baixa, tipo aparentemente frágil, magra, sorridente. Nos olhos a tristeza aparece falando de problemas internos ou externos. Aparenta setenta anos, mais tarde confirmados na conversa informal. A irmã ao seu lado confirma a história que parece irreal.

Casou jovem; não estava apaixonada mas louca para amar e ser amada. Se o marido soubesse conduzi-la teria uma mulher que o amaria ardentemente. Mas o esposo já na lua-de-mel revelou o desequilíbrio. Adorava humilhar a mulher aproveitando todas as ocasiões. Na lua-de-mel ela emagreceu quatro quilos; os maus tratos eram verbais, a agressão realizada através de palavras. Demonstrava admiração por qualquer mulher que conhecesse e desprezo para com ela. Ainda hoje, falando sobre o passado, os olhos ficam cheios de lágrimas. O rosto demonstra dor intensa. A ferida aberta pela inconseqüência de um doente necessitado de terapia sangra ainda.

Comecei a conversar profundamente interessada pelo sofrimento daquela senhora simpática, e mais uma vez me perguntei como o ser humano criado para a luz e o amor ao próximo consegue ser tão cruel algumas vezes.

O marido gostava de passear com a irmã, mas exigia que a jovem esposa o acompanhasse; braços dados com a irmã, fazia questão de deixar a esposa sozinha, caminhando ao lado sem saber onde se colocar. Atendia a todos os desejos da irmã e negava um simples pedido da esposa que desejava um sorvete.

A casa era farta, rica de coisas materiais, e ele exigia que ela usasse muitas jóias; guardava os mimos no próprio cofre, deixando claro que o dono de tudo era ele.

Grosseiro nos relacionamentos mais íntimos, humilhava sempre. Doente, muito doente, exigia uma mulher mais firme que o despertasse para as suas responsabilidades. Ela, dócil, passiva, como a maioria das mulheres do seu tempo, suportava tudo.

Vieram quatro filhos, e a situação só piorou, porque ele os utilizava como “armas”, para ferir a esposa. Nunca permitiu que a esposa os educasse e a contrariava nas proibições de passeios, roupas e hora para dormir. Bastava perceber que ela queria um determinado comportamento que ordenava outro; fazia com que a desobedecessem em todas as horas.

A vida foi difícil, e os filhos apresentam seqüelas das experiências vividas. Inseguros, a acusam pelos problemas emocionais, esquecidos de que somos herdeiros de nós mesmos e construtores do nosso destino. Hoje, viúva, ela

aguenta o resultado da sua passividade. Pobre senhora, que foi criada para agir exatamente como fez, aceitando as ordens do seu amo e “senhor”.

Só trinta e dois anos depois do casamento, pediu a separação; os pais, tios, parentes vários já haviam morrido,

e ela amadurecida pelo sofrimento, resolveu se libertar. O marido une-se a uma jovem e desencarna dois anos depois.

Repartida a pensão entre a jovem e a mãe dos filhos do desencarnado, uma nova vida deveria se iniciar para a viúva, que tanto sofrerá. Realmente, muitas coisas melhoraram; dirige com mais liberdade, dedica-se intensamente à Casa Espírita, mas os filhos continuam com problemas emocionais que impedem a paz, a harmonia naquele lar.

Laura trabalha em prol dos necessitados, mas os problemas maiores continuam dentro da sua família. Agora mais forte, espiritualmente falando, ela continua a auxiliar, perdoando sempre. Muitas vezes duvida do compromisso assumido para auxiliar um grupo de reencarnantes necessitados e julga-se grande devedora. Mas, amparada por amigos espirituais, sacode a cabeça e pensa que o importante é continuar ajudando; confia no seu amor de mãe e sabe que conta com o amparo de um exército luminoso. Pensa que o dia seguinte será de paz; canta com alegria e novamente um sorriso ainda melancólico aparece nos lábios finos. E uma vencedora...

A história de Laura fez com que eu relembresse o pai Herculano: não podemos evoluir sozinhos; nascemos em grupos e devemos amparar uns aos outros na conquista da evolução. Erra a mulher que não educa o cônjuge difícil ou o filho necessitado.

Os bons herdarão a Terra quando conseguirem educar os seus irmãos...

## ***6 Continuação da história de Laura***

Olhava para Laura, a sua voz foi ficando distante e uma tela como que se abriu em minha mente. Uma voz narrava os acontecimentos. Laura viera de encarnações difíceis, nas quais errara muito; estava começando a compreender Jesus. Agora precisava auxiliar os que prejudicara, nunca permitindo que cometessem erros. Evoluímos em conjunto, dizia Herculano, como as viajoras de Plotino. Jesus veio para que compreendamos que o “olho por olho, dente por dente” deve ser substituído pelo perdão; não existe um indivíduo na Terra que tenha o direito de atirar a primeira pedra, porque todos erramos no passado e continuamos errando nos dias de hoje.



A cada encarnação devemos examinar o círculo de encarnações viciosas. O marido de Laura fora lesado por ela em encarnação anterior, mas lesara e ferira muitos outros; no plano espiritual assumira o compromisso de auxiliar Laura, amando-a e respeitando-a para que, unidos e felizes, educassem os sócios de erros do passado. Todos foram convenientemente preparados para a grande transformação moral que os libertaria da infelicidade e da dor.

Na presente encarnação, marido e filhos foram cobradores implacáveis. Falharam por falta de humildade, oração, capacidade de perdoar, incapacidade de apagar as experiências desagradáveis, entendendo que a cada encarnação somos novos indivíduos preparados para a vitória.

A vaidade falou mais alto àqueles corações, impedindo que o aprendido no mundo espiritual aflorasse.

Laura realizava parte do que prometera, mas esquecia que amar é ser firme, educar, exigir respeito e tratamento adequado a seres que se dizem civilizados.

Vi, na tela mental, Laura jovem, linda e fútil. Em várias encarnações cometeu erros terríveis, mas os corrigiu em outras, amando, perdoadando. Poderia ter sido feliz, embora reencarnando com jovens necessitados, se exigisse, desde a reencarnação dos filhos, obediência, atenção, gratidão, respeito.

Muitas vezes nossos complexos de culpa impedem o nosso crescimento espiritual e sobretudo de agirmos como educadores escolhidos pela espiritualidade para receber os desafetos de outrora, para transformá-los em grandes amigos. O convite nunca foi ao sofrimento, mas à libertação, ao comparecimento ao grande banquete nupcial apresentado na *Parábola do festim de núpcias*, por Jesus.

A moça fútil e tola de outrora, a Laura dos muitos desamores, a interesseira, é hoje uma senhora adorável que só precisa compreender que o amor deve ser exigente na tarefa da educação, porque o reencarnante precisa aprender a “amar o próximo como a si mesmo”, e não conseguirá se amar, se o seu comportamento não for adequado à preparação pela qual passou no mundo espiritual.

Apesar da incompetência emocional na capacidade de educar os filhos, Laura, pela bondade, no auxílio aos mais necessitados, estabelece ligações com os responsáveis pela evolução do planeta Terra; um halo luminoso ainda pálido a envolve. Espiritualmente falando, Laura é linda.

A visão apagou e voltei minha atenção para Laura, enxergando-a como uma chama que ilumina o caminho de muitos. Ah! Laura! Imagino a sua beleza

espiritual e felicidade daqui a vinte anos. Despedi-me abraçando fortemente Laura, na certeza de que já é e será sempre muito feliz...

## **7 Cristiano**

Muito entusiasmado no mundo espiritual. Estava se preparando para uma nova encarnação. Na última, como em todas as outras, falhara, levado pela vaidade e pelo orgulho. Cantor brilhante, inspirado pelo mundo espiritual, compusera belas canções e, endeusado pelo público e sobretudo pelas mulheres, fracassara ruidosamente; destruíra lares, enganara jovens despreparadas, girara em torno dele mesmo permitindo-se todos os prazeres. Não havia limites. Aos cinquenta anos morreu subitamente, deixando para trás todas as conquistas materiais. Nada levara para o plano espiritual. Sofrerá muitos anos, não se perdoando os erros. Preparou-se para uma nova encarnação, pedindo para renascer médium, como fora em algumas encarnações no horizonte primitivo; foi concedido, e ele esperava com entusiasmo a nova experiência. Uma das jovens que enganara seria a sua esposa e se propunha a auxiliá-lo no atendimento aos necessitados. Com os olhos marejados os dois acompanhavam as reuniões preparatórias no mundo espiritual. O preparo fora longo e bem feito, para que fossem vencedores.

Renasceram no Rio de Janeiro. Ela veio cinco anos antes. Os pais eram amigos e desde o nascimento as crianças se encontravam. A família preparou-os para a compreensão da Verdade e cresceram ouvindo as histórias de Jesus, Buda, e todos os irmãos melhores que vieram para a Terra.

Cresceram unidos, desenvolvendo os talentos que lhes eram próprios. Ele pedira que a sua voz não tivesse a beleza de outrora, pois temia um novo fracasso. Ela continuava ao piano, mas nunca fora uma grande pianista; faltava talento, preparação, estudo, perseverança.

Os dois jovens eram encantadores; falantes, simpáticos, amorosos. Ela era elegante, esbelta, cabelos longos e castanhos, olhos azuis. Quando sorria, duas lindas covinhas apareciam, tomando-a mais encantadora. Ele era alto, forte, cabelos e olhos negros e muito sorridente; adorava cantar, estudava canto, mas a sua voz era comum, não tinha a beleza de outrora.

Casaram e continuavam a freqüentar o Centro Espírita. A mediunidade de Cristiano foi crescendo, e o seu sucesso, junto a um público imaturo, também. Muito elogiado, começou a acreditar que era especial, parou de trabalhar e cobrava pelos atendimentos mediúnicos, dizendo que era o que faziam em todo o mundo. Recebia livros dos Espíritos, com os quais combinara o trabalho de divulgação, publicava-os e usava o dinheiro como se fosse ele o escritor. Falava razoavelmente, e o povo vibrava. As mulheres o rodeavam dia e noite.

Cristiano voltou aos hábitos terríveis do passado e deixou-se enovelar novamente na teia dos prazeres ilícitos. Julgava-se acima do bem e do mal.

Os verdadeiros amigos encarnados e desencarnados tentavam acordá-lo. Certo dia fazia a barba, quando viu no espelho um senhor de cabelos brancos e olhos tristes olhando-o atentamente; sentiu censura no olhar e começou a se defender telepaticamente. O senhor também usou o pensamento para doutriná-lo. Cristiano viu no espelho fragmentos importantes de sua encarnação anterior, de modo a refletir sobre os erros de outrora novamente cometidos. Ouviu o seu choro quando descobriu depois da desencarnação quão tolo fora. Viu novamente as vítimas da sua inconseqüência. Ouviu o que prometera antes de reencarnar e o seu pedido para vir com dificuldades várias.

Cristiano virou as costas para o espelho, disse em voz alta que exigia que o seu livre arbítrio fosse respeitado e que não admitia que interferissem na sua vida. Ainda ouviu dentro da sua cabeça a voz grave e calma do velho senhor convocando-o a mudar de conduta; a se lembrar que era apenas um entre inúmeros trabalhadores vindos à Terra para auxiliá-la na grande transformação, de planeta de provas e expiações, para planeta de paz, justiça e amor. Que prestasse atenção para enxergar indivíduos mais competentes e inteligentes do que ele, que se compreendiam como trabalhadores na divulgação da Doutrina Espírita e que só conseguiriam divulgá-la realmente através da humildade e amor ao próximo.

Cristiano sacudiu os ombros e disse que, quando desencarnasse, também ia falar bonito; mas que vivo, utilizaria todas as oportunidades para aproveitar todos os minutos. Queria ser feliz, só isso. Não tinha culpa de ser talentoso, carismático, charmoso. Todos o amavam, e ele

só recebia o que plantara; a vida lhe retribuía o que dava ao mundo com a sua mediunidade, simpatia e alegria. Não podia e nem precisava trabalhar fora da Casa Espírita. Dava duro para escrever os seus livros, organizar as suas palestras e vender livros e apostilas. Comprava quem queria. Estava ajudando o próximo, porque só dava bons conselhos. Mandava todo o mundo ser feliz; agora, se para isso alguém era ferido, lesado, ele não tinha culpa.

A mulher, Luciana, perdera a cabeça, envolvida com as facilidades encontradas, esquecida dos pensamentos melhores com os quais reencarnara. Quando viu que Cristiano se entregava a aventuras extraconjugais, julgou-se no direito de imitá-lo. Um agia de forma pior do que o outro, e ela finalmente achou que encontrara o amor num jovem ingênuo que freqüentava a Casa Espírita e convenceu-o a abandonar a mulher e os filhos. Foi uma tragédia. Alguns meses depois ela verificou que não amava o jovem e mandou-o embora. Cristiano apoiou as loucuras e separados continuaram juntos, enganando, confundindo, explorando o povo tolo.

Enriqueceram, compraram casa no exterior, sempre às custas da massa necessitada que teme a liberdade, que não desenvolve a fé raciocinada e continua a agir como um bando de carneiros mugindo inconscientemente. Infelizmente a maioria só consegue crescer pela dor.

Para os menos avisados, Cristiano e a esposa eram espertos, eram felizes. O Mestre de Nazaré demonstrou que a felicidade verdadeira só conseguimos amando o próximo como a nós mesmos.

A tarefa do Espiritismo é despertar mentes adormecidas, tornando-as aptas para construir um mundo interior de luzes e transformar a Terra em um planeta de paz, justiça e amor.

Cristiano desencarnou e, desapontado, entrou em grande sofrimento. “Ninguém julga o ser no aqui ou no além”, lembra José Herculano Pires; é o próprio indivíduo que se julga.

Muito tempo passou até que Cristiano e a esposa, que também desencarnara, permitissem o auxílio do plano espiritual. Abraçados, choram inconsoláveis o tempo perdido. Estudam novo projeto reencarnatório e exigem limites maiores para não fracassarem novamente.

## **8 É necessário transcender**

*Naomi* estava profundamente infeliz. Nove meses sem emprego e perdera quase tudo o que conseguira após anos de trabalho intenso. Não podia mais viajar nem ir a restaurantes que considerava bons ou pagar a mensalidade do novo apartamento que comprara. Deixara de lado todas as mordomias e com elas o noivo interesseiro fora embora. Lembrou que a sua professora de ioga dizia sempre que o Universo responde, devolvendo o que enviamos. Poderia haver bondade sem amor ao próximo? Acreditava que sim; preferia crer. O que deixara de fazer? Tomou um calmante feito de ervas e foi dormir. Viu-se fora do corpo, consciente, enxergando um cordão prateado que a retinha ao corpo físico. Lembrou que lera o livro *Dançando nas Nuvens*, de Shirley MacLaine e, assustada, admitiu que a grande atriz não mentira. Estava solta, porém presa à matéria condensada. Começou a se deslocar e verificou que o cordão era flexível e não a impedia de ir aonde desejasse. Sentiu mais do que viu, uma presença agradável ao seu lado, percebendo que era alguém que a protegia. Novamente “sentiu” que as palavras atingiam o seu cérebro como se viessem de dentro e, ao mesmo tempo, de fora de sua cabeça. Percebeu que a convidavam para uma grande viagem através da qual encontraria respostas às suas perguntas. Pediu ajuda ao cósmico para aproveitar e compreender o que viria. Amparada por um vulto vestido de luz sentiu-se “voando”, com a velocidade do pensamento. Percebeu que passava por canteiros de luzes, cenário belíssimo, que tomavam pobre uma visita que fizera ao Planetário.

Viu que o seu corpo energético, ou o corpo bioplasmático dos russos, estava iluminado fracamente. A figura ao seu lado era uma centelha muito brilhante. Pararam de repente em uma plataforma invisível na qual estavam outras pessoas que apresentavam o cordão prateado dos encarnados. Uma voz agradável avisava a todos que iriam receber uma explicação sobre a finalidade da vida na Terra. Desejou fazer perguntas e no mesmo minuto “ouviu” que devia esperar até encerrarem a conversa, porque encontrariam respostas às suas indagações.

A explanação começou, e tudo o que era dito ia aparecendo ao redor de todos, como se estivessem mergulhados em um cenário iluminado. Viu o planeta Terra muito pequeno, um pontinho minúsculo mergulhado num mar de planetas. Ouviu que era uma escola importante para Espíritos em desenvolvimento, mas um pequeno planeta que ficava situado no quintal de uma galáxia, iluminado por uma estrela de quinta grandeza, o Sol. O instrutor mostrou estrelas se formando e outras morrendo, explicando que o Sol, em um dia ainda muito distante, deixaria de existir. Mas, por enquanto, o nosso pequeno mundo era um berçário, que permitiria aos que nele vivessem, o desenvolvimento através de experiências agradáveis e desagradáveis. Lições, apenas desenvolvendo potencialidades. Pensou em como seriam belos os mundos mais desenvolvidos; compreendeu que a dilatação da compreensão da arte de bem viver modificaria a sua vida. A visão que possuía era a de alguém que enxergava a verdade deformada por preconceitos e ignorância sobre as experiências realizadas na Terra.

Pela primeira vez em muitos meses Naomi sorriu e sentiu-se uma criança tola esperneando, porque perdera os seus brinquedos prediletos. Como seria diferente a sua vida se desde o início, já na infância, aprendesse a transcender os problemas, que agora julgava tolos, da escola Terra!

Voltou a prestar atenção ao “filme”.

Novamente o panorama mudou e surgiram “buracos negros”, como que transformadores de energia. O instrutor perguntou como os indivíduos da Terra podiam ficar fechados em seus quintazinhos quando a vida esplendia em cores e formas fabulosas. Comparou os que choravam por bagatelas a bebês que nada entendiam. Todos foram convidados a refletir sobre os motivos do seu desgosto ou desespero e a começarem a fazer perguntas.

Naomi indagou aonde encontraria quando despertasse ou voltasse para a Terra, essas lições. Foi informada que os ensinamentos estavam em toda a parte; que ela aprendera tantas vezes a Verdade, mas que, fechada no seu egoísmo e no seu orgulho, não compreendera.

No filme apareceram indivíduos falando e exemplificando os ensinamentos libertadores, desde os primitivos, até aos sábios. Encantou-a a apresentação de Jesus, o Nazareno, um irmão mais velho, disseram, não um mágico, tão pouco um alienado. Um Espírito especial, que veio apenas exemplificar o que todos podemos fazer, na medida em que crescemos moralmente, dilatando o corpo energético, o perispírito, através da emissão de pensamentos melhores; desenvolvendo a capacidade de amar, agradecer e servir.

Apareceu um livro dourado; na capa estava escrito *A Gênese*, Allan Kardec. O livro abriu no capítulo “Jesus, milagres e profecias”. E enquanto liam, as figuras eram projetadas fazendo-os compreender que Jesus viera demonstrar como somos especiais, competentes, aptos a nos modificarmos e transformarmos o nosso planeta em um mundo de Paz, Justiça e Amor. A figura do irmão mais velho impressionava pela força de emissão de uma energia especial, que envolvia a todos em luzes. A apresentação da cura da mulher hemorrágica, do cego de Siloé e outras emocionaram a todos e despertaram muitos para a compreensão da sua paranormalidade, de habilidades que possuímos e ainda não compreendemos.

Pela primeira vez em sua existência pensou em como perdera tempo debruçada apenas no barro e na dor.

Outro livro apareceu, *O Mistério do Ser Ante a Dor e a Morte*; o autor, José Herculano Pires. A explicação de como criamos a terrível idéia de que somos peixes aprisionados num aquário, “chicoteados pelos capatazes de Deus”; de que a dor é a única forma de evolução, assustou-a. Herculano dizia que criamos dores terríveis e que esperamos o chicote dos capatazes caírem sobre os nossos lombos provocando sofrimento.

Ao lado desse trecho do livro aparecia o capítulo de *A Gênese*, escrito por Allan Kardec, assessorado pela equipe do Espírito da Verdade, “O bem e o mal”, que inspirara Herculano a escrever o belíssimo livro, que convida a todos a compreender melhor a força do pensamento. A leitura explicava que a maioria dos males é criação do homem. Naomi pensou que se criamos, podemos modificar.

Uma pergunta apareceu escrita em azul brilhante:

- Podemos modificar as nossas provas?

E a resposta em letras douradas, era:

- Só o desleixado permanece no mesmo ponto.

Ouviu-se um *Oh* geral, como se todos se admirassem com o pensamento. Uma voz explicou que a pergunta e a resposta haviam sido retiradas de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Um senhor simpático apareceu na tela, a sua figura irradiava força, amor e paz. Ele falou sobre a Parábola da Festa de Núpcias, dizendo que o convite fora sempre para o comparecimento a um grande banquete, a um evento de alegria. Nunca o convite fora para a dor. Os indivíduos na Terra é que haviam entendido mal, mutilando a arte de viver.

Um silêncio de reflexão continuou após o encerramento das explicações. Muitos choravam e outros permaneciam estáticos, começando a compreender que podemos e devemos extinguir os nossos sofrimentos através do trabalho e do amor.

Naomi sentiu uma alegria e uma paz nunca antes alcançadas. Compreendeu que estava mergulhada nas luzes do Universo, que podiam mudar a sua vida para melhor. Sorriu e quando quis transmitir a sua compreensão ao seu vizinho, sentiu-se transportada até o seu corpo físico. Olhou a sua vestimenta de carne e começou a envergá-la, compreendendo que devia utilizá-la como fonte de crescimento espiritual e não de aprisionamento a costumes milenares de escravidão, aos prazeres efêmeros e às paixões desenfreadas.

Começava a compreender Jesus: “Podeis fazer o que faço e muito mais”. Sim, muito, muito mais...

Uma nova vida se iniciava, mais feliz, mais lúcida, com mais alegria...

Para os menos avisados, a jovem seria uma religiosa alienada. Mas ela compreendera que a verdadeira religião é uma das faces do conhecimento, um lado do triângulo divino: Ciência, Filosofia, Religião, esta, expressando o *religare*, a transcendência que impede ao ser da Terra permanecer como um galináceo tolo fechado no seu pequeno quintal. Todos os lados do triângulo em sua compreensão maior provocam a transcendência, pois formam um conjunto, cujo resultado é o processo do conhecimento....

## 9 Elda

*O^áta*, muito alta; magra, parecendo anoréxica. Pele clara, cabelos louros naturais, olhos de um azul desbotado. Um pouco de pintura poderia deixá-la pelo menos interessante. Fazia questão de não se arrumar, de se enfeiar; o que não requeria muito esforço. Amarrava o cabelo sem deixar um fio caindo graciosamente sobre a testa; não melhorava a cor dos lábios nem escurecia os cílios cinzas. Usava sapatos folgados e roupas pesadas.

Calada, indiferente, não fazia amizade com ninguém.

Secretária competente, impecável na vida profissional, ganhava muito bem, o que não fazia diferença alguma; vivia numa pobreza franciscana.

Não tinha amigos, não amava a família, não acreditava em Deus.

Saía do trabalho e corria para casa, só se sentindo segura no minúsculo apartamento que se permitia comprar, para não pagar aluguel. Comia um sanduíche de pão com manteiga e começava a fazer palavras cruzadas; varava a madrugada nessa atividade. Tomava um comprimido para dormir sem sonhar, porque odiava os seus pesadelos, nos quais sempre se via perseguida, maltratada, e amarrada a um poste para ser queimada; acordava antes do fogo. Descobriu um calmante forte receitado por um médico

do convênio e se permitia esse “luxo”. Acordava nervosa, mal humorada e ia para o trabalho.

Quarenta anos, idade maravilhosa para as mulheres do século XXI, nada diziam para ela. Nunca tivera namorados, nunca fora convidada para festas ou passeios. Criara a sua solidão. Não cumprimentava os moradores do seu prédio para não “dar brecha a que a cumprimentassem e comessem a conversar”. Entrava e saía do elevador de cabeça baixa, olhando para o chão. A família, da qual pouco se lembrava, ficara em Santa Catarina e ela viera sozinha para São Paulo. Só raramente telefonava para saber se estavam vivos; interessante que eles também não telefonavam nem vinham visitá-la.

Nessa noite Elda resolveu não tomar o remédio para dormir, porque sentia muita dor no estômago. Deitou de lado, fechou os olhos e o sono não vinha. Não lembrou de orar as preces que aprendera quando criança. No tempo e no espaço, fora preparada para viver bem e dormir melhor ainda, mas fazia questão de esquecer o que aprendera no catecismo da igreja que a mãe freqüentava. Ligou o rádio, e a voz do locutor começou a adormecê-la.

Viu-se alta e magra, andando com o corpo voltado para a terra, aparentando uns sessenta anos. As casas da rua que percorria rapidamente pareciam muito antigas. Parou em uma casa escura e entrou, encontrando vários gatos ariscos, magros, que se afastaram, sumindo nos cômodos escuros. Um cheiro de bolor e de animais enchia a casa. Era considerada curandeira na pequena cidade, e muita gente ia em busca das suas receitas que, diziam, curavam. Aprendera com sua mãe a utilizar ervas que extinguíam os problemas provocados por picadas de serpentes venenosas, dores no corpo, tosse e outros problemas. Atendia, cobrava e não mais se interessava pelo caso. Não aprendera ainda a alegria da amizade, do amor, dos verdadeiros valores que nos acompanham além da morte e nos tomam felizes, na felicidade possível da Terra. Seca, seu



coração era um deserto árido. Se alguma mãe vinha agradecer a cura do bebê, fechava o rosto e dizia que fora paga para isso. Consideravam-na mal educada, estranha, mas recorriam aos seus remédios.

A *Gênese*, escrita por Allan Kardec, explica que os indivíduos possuem fluidos magnéticos e podem realizar curas. E as plantas apresentam elementos que auxiliam na libertação das doenças. Muito mais conseguiria Elda se estabelecesse ligação com o plano espiritual superior através da prece. O Espírito ainda rude não se desenvolvera na “arte de bem viver” e na compreensão da necessidade de nos ligarmos ao nosso “maior amigo e confidente”, como diria Herculano Pires, Deus. Tendo usado mal o nome de Deus em várias encarnações, Elda criara dificuldades para ela mesma e colocara a culpa em Deus; depois, como criança tola, negara a sua existência.

Elda preparava um angu de alguma farinha, quando ouviu uma gritaria na rua. Abriu curiosa a porta, e uma avalanche humana a arrastou para a praça. Falavam em feitiçaria, ligação com o diabo e outras tolices. Ela foi presa, torturada e morta. O seu Espírito largou o corpo, revoltado, e novamente culpando a Deus, embora dissesse que não acreditava nele. A sua alma, que já vinha de experiências de rejeições, provocadas por ela, fechou-se ainda mais. Julgava-se injustiçada, e a crença de que o ser humano nada valia cresceu em seu Espírito difícil.

No mundo espiritual ficou encolhida em uma caverna que mentalizara, por muito tempo. Em vão, seres de Luzes tentavam auxiliá-la, convidando-a a acompanhá-los. Aos poucos foi assumindo posição fetal e foi recolhida a um hospital do espaço. Dormiu muito tempo num quarto especial. Não lesara, com atos maus, o próximo; não fora má; mas não conquistara uma alma amiga, um gato, uma planta. Prece alguma de encarnado foi ouvida em seu favor. Nem por um momento, porém, quando acordou do longo tratamento, desejou vingança; essa característica da sua estranha personalidade permitiu um auxílio maior para os que cuidavam da sua encarnação. Foi tratada, doutrinação, consolada. Tentaram derreter a neve da solidão e da indiferença para com o próximo que congelava seu pobre coração; não permitiu e reencarnou no estado em que se encontrava, com os problemas comportamentais que dificultavam o seu desenvolvimento espiritual. No plano espiritual combinara esforçar-se para amar a família na qual nascera; não conseguira.

Pela primeira vez na vida Elda perdeu a hora de acordar. O trabalho no plano espiritual fora longo. Desejava uma vida normal, mas enterrara tão fundo o desejo que julgava que não mais existisse. Compreendeu algumas esquisitices suas e resolveu procurar um psicólogo “do convênio” porque realmente não estava bem.

Os meses passaram, e Elda já apresentava boas mudanças. Conversava com os colegas de trabalho e com alguns vizinhos. A psicóloga era espírita e convenceu Elda a fazer um tratamento espiritual; ela pensou que era grátis e se não fizesse bem, mal não faria. A melhora foi se acentuando. As sementes de amor lançadas por Espíritos

amorosos através dos séculos começaram a germinar. O caminho ainda é longo, mas “queiramos ou não, Deus nos faz amadurecer”. Elda é muito jovem. Agora permite o auxílio e durante o sono continua a ser tratada pelos responsáveis por sua encarnação; o seu coração começa a se abrir para o mundo. O seu Espírito começa a aceitar a Verdade libertadora.

Será feliz, muito feliz...Todos fomos criados para a felicidade, a alegria, o amor verdadeiro. Deus nos ama.

### ***10 Era uma casa muito estranha***

Cleonice estava com dezenove anos quando conheceu Fabrício. Era uma jovem melancólica, apresentava enxaquecas homéricas que a deixavam acamada por vários dias. Saía do quarto com olheiras escuras e cambaleante, dormia pouco e mal, acordando em meio a pesadelos terríveis.

Fabrício, jovem alto e forte, estava sempre sorrindo, feliz com tudo o que lhe acontecia.

A família de Leonice era muito pobre e nem plano de saúde conseguiam pagar. Fabrício pertencia à classe média, e o emprego muito bom era acompanhado por um excelente plano de saúde.

Ao se conhecerem na casa de amigos da igreja que freqüentavam sentiram-se profundamente atraídos. A jovem triste e o moço alegre não se largaram mais. A família de Fabrício não se conformava com o namoro e ficou indignada com o casamento; muitos parentes não foram, dizendo que o jovem poderia escolher entre dezenas de moças, mas resolvera namorar e casar com a mais sem graça e até a mais antipática delas. As fãs do analista de sistemas não se conformavam; diziam que a moça era macumbeira e prendera Fabrício com trabalhos vários. Os amigos espirituais dos dois sorriam felizes com o reencontro. O casal caminhava unido há várias encarnações, acertando e errando, mas sempre juntos. Ele amava a alma da menina e era correspondido. Bonitos ou feios, inteligentes ou com dificuldades, sentir-se-iam atraídos independentemente de qualquer molde social. Amavam-se e ponto final.

O casamento foi simples e lindo, e a noiva estava menos melancólica; mas nos olhos negros aparecia o medo do futuro; era como se ela achasse que precisava sofrer; as marcas do passado a impediam de ser feliz

Depois da lua-de-mel, que foi muito feliz, foram para a casinha que Fabrício havia comprado e mobiliado com a esposa. Pequena e graciosa, no meio de um lindo jardim, parecia uma casa de boneca. Entrando, o visitante ficava encantado com os detalhes das toalhas bordadas, vasinhos de violetas, gerâneos nas janelas. Havia um pequeno quartinho esperando o herdeiro que ainda não se fizera anunciar.

Enquanto o marido tomava banho, Leonice foi preparar um lanche. Tudo lindo, mas no seu coração havia um aperto provocado por um medo que não sabia do que. Fome saciada, foram dormir. O marido logo descansou, desligou do corpo físico e, delicado, ficou esperando Leonice. Seus olhos amorosos não viam um vulto escuro que se escondia na sombra. Leonice finalmente conseguiu dormir e deu as mãos a Fabrício com o coração apertado e um leve tremor no corpo todo; sentia-se como se um perigo terrível a ameaçasse. Passearam e quando o dia começou a surgir, voltaram ao corpo físico. O jovem, feliz; Leonice, preocupada, com a sensação de insegurança, perseguição. Acordaram e Leonice não conseguiu levantar, tão terrível era a dor que sentia na cabeça e em todo o corpo. Tomou o remédio forte e pediu ao marido que avisasse que não poderia trabalhar. Era sempre assim, depois de uma alegria surgia a dor horrível. Cochilando pelo efeito da droga alopata, sentiu um cheiro estranho, que lembrou um sabonete de enxofre que usara para acne. Abriu um pouco os olhos e viu uma fumaça branca que a impedia de enxergar a sala. Sabia que não deixara nada no fogo, mas pensou que estivesse enganada. Tentou levantar, mas o seu corpo não obedecia. O quarto estava insuportável, mas ela não conseguia se libertar daquela sensação. Não se lembrou de orar; aflita, tinha dificuldade em respirar e julgou que estava absorvendo fumaça pelo nariz; na verdade, a energia esbranquiçada saía de todos os orifícios do seu corpo. Recebeu no centro da cabeça uma carga negativa, como se fosse um soco, ao mesmo tempo que ouvia palavras ameaçadoras; o que quer que estivesse ali, a ameaçava, dizendo que ela jamais seria feliz, que acabaria louca como o havia deixado. Espantada, notou que, no meio de toda a neblina, um vulto tomava forma e apareceu horrível e ameaçador, mais parecendo um animal do que um ser humano. Desmaiou e acordou muito tempo depois, perguntando a si mesma se fora real ou mais um pesadelo. O cheiro inconfundível pairava no ar, convencendo-a de que o fato ocorrera. Ligou correndo para a mãe e, chorando, narrou o que acontecera. Minutos depois a genitora chegou com um grupo da igreja e começaram a rezar em voz alta. Rezaram, esparramando água benta e foram embora.

Durante alguns dias a paz reinou na casa. Leonice não disse nada para o marido, temendo que ele pensasse que ela enlouquecera; ainda não sabia o quanto ele a amava.

Os dias transcorriam calmos, e a jovem era quase feliz. Numa noite de sábado foram cedo para a cama para assistir a um filme; levaram pipoca e

refrigerante. A moça estava inquieta, como que temendo algo desagradável. A tela da televisão apresentava a história, quando um cheiro começou a envolver o casal. Leonice ficou apavorada. O marido levantou para verificar se havia algum vazamento de gás. De repente a fumaça invadiu tudo, e o casal como que se perdeu no meio da neblina. Leonice, chorando, chamava o marido, mas quem atendeu foi o homem-gorila, que já a assustara. Novamente desmaiou. Quando acordou estava nos braços de Fabrício, que a apertava com amor; suspirou quando a viu acordada e começou a consolá-la como se faz a uma criança querida. Prometeu descobrir o que acontecera e impedir que o fato se repetisse. Beijou os olhos, a testa da mulher amada e disse que não permitiria que nada a magoasse, fosse alma desse ou de outro mundo. Mais tranqüilizada, Leonice passou o resto da noite agarrada ao marido, não conseguindo fechar os olhos com medo da criatura horrível, que não sentia mais no quarto. O jovem dormiu serenamente; era da sua personalidade guardar os problemas no bolso e levar uma vida normal enquanto pensava em como resolvê-los. Apenas como medida de prevenção, deixou a luz do quarto acesa.

No dia seguinte, enquanto tomavam café, começou a planejar como resolveriam o problema. Resolveu que

iriam primeiro consultar um padre. A jovem ficava quieta, feliz, apenas por ver que ele não iria abandoná-la.

Mesmo sendo domingo, conseguiriam a entrevista desejada com o vigário, e foram vê-lo. Para espanto do casal o padre não ficou assustado com a narrativa, dizendo que ouvira falar de casos semelhantes e que um colega fazia exorcismo. Pediria a ele que atendesse o casal. Orações foram feitas e parecia que tudo voltara ao normal. Até as dores de cabeça ficaram mais amenas.

Em uma tarde sol, Leonice, que estava de folga, assistia televisão; as janelas cerradas impediam a entrada de sol forte. A luz da televisão iluminava bem, e Leonice estava tranquila, quando começou a sentir a dor de cabeça terrível e um aperto no coração. A televisão desligou, e o fenômeno começou. A moça permaneceu consciente até o aparecimento da criatura horrível, que avançou para ela, gargalhando. Sentiu garras machucarem o seu braço e o desmaio misericordioso a livrou de maiores sofrimentos. Quando voltou a si, a TV estava novamente ligada e só o cheiro de enxofre mostrava que não sonhara. Sentiu um ardor no braço e viu que estava cheio de arranhões; levantou gritando, correu para fora de casa e foi para a casa da mãe. Nunca mais voltaria para aquela casa, prometeu a si mesma.

Meses se passaram e Leonice julgou que seus problemas haviam acabado. A casinha encantadora estava fechada, e o marido amoroso concordava em

permanecer na casa da sogra até que ela desejasse voltar ao lar. As dores de cabeça voltavam periodicamente, mas o fenômeno assustador não se repetia.

Mas no momento em que estavam sozinhos no quarto que fora de Leonice, novamente o fato ocorreu; o cheiro, a neblina e o monstro. Corajosamente, Fabrício berrava todas as orações que sabia e continuou a dizê-las com os olhos fechados até que tudo sumiu. Abraçou a mulher desacordada e prometeu mover céus e terra até livrá-la do problema. Iria consultar os bruxos, iria em uma Casa Espírita, recorrería ao diabo, para auxiliar a esposa.

À noite, depois de obter o endereço com um amigo espírita, foi à “casa do diabo”. Recebido com amor, pensou que nunca vira representantes do demônio tão simpáticos. Um casal encantador, já velhos, os cabelos brancos, o recebeu como a um grande amigo. Olhava para os dois e se perguntava de onde os conhecia. Explicou a que viera e pediram que os acompanhasse a uma sala especial. Ouviu o Evangelho, tomou um passe, escreveu o nome da esposa em um papel e foi avisado que fariam uma oração especial no lar da sua sogra. Partiu feliz e, chegando em casa, contou tudo para sua esposa. Ela pensou no susto da mãe, mas aceitou a idéia de apelar para outros recursos; faria qualquer coisa para se libertar.

O tratamento na Casa Espírita começou, e os jovens iniciaram um curso para compreender o fenômeno mediúnico.

Aprenderam que vinha de todos os tempos, já existindo no horizonte tribal. Aprenderam que o que acontecia com Leonice eram efeitos físicos, ou, como diriam os parapsicólogos, ação de mentes extra-físicas sobre suas mentes físicas. Disseram que a mente extra-física estava escrava dos seus ressentimentos e não conseguia perdôá-la; mas que, através dos estudos do Evangelho, tudo seria esclarecido; que todos erramos em outras vidas e, portanto, um não poderia perseguir o outro. Todos precisavam ser perdoados e se perdoarem.

Leonice, com o marido, começou a fazer o Evangelho no Lar, tomava passes, lia diariamente *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e sentiu que o peso saía do seu coração. Resolveu também trabalhar na assistência social espírita, fazendo a sopa dos pobres. Melhorava a cada dia.

O Espírito que se materializava numa forma terrível começou a se fazer presente pela psicofonia de um médium da casa e, após quase um mês, chorou vendo o próprio passado e entendeu que não podemos julgar alguém, porque todos precisamos da misericórdia de Deus. Pediu desculpas e partiu amparado pela mãe, que há muito tempo tentava ajudá-lo. Noite de alegria para todos.

Leonice disciplinou a sua mediunidade e a partir daquele dia o casal foi imensamente feliz.

Dois anos depois, um bebê lindo encantava o casal. Outro estava se preparando para reencarnar. Seis anos passaram e, finalmente, o Espírito que tanto transtorno causara nasce feliz com a mãe que julgara odiar por muito amar, no amor-desamor comum na Terra.

A família estava completa por enquanto; mais tarde, viriam as noras.

Leonice vivia sorrindo, e dos seus olhos saíam fagulhas luminosas... Tudo mudara, graças a Jesus...

## **11 Gina**

O rosto coberto de sardas estava muito queimado pelo sol. Os cabelos vermelhos, embora um pouco ressecados pelo mar, ainda brilhavam em ondas loucas. O corpo perfeito auxiliava na composição da bela menina-mulher.

Dezesseis anos e estava grávida. O namorado sumira. Ela chorava, e as lágrimas molhavam a camisetinha branca dando-lhe um ar de menininha. Precisava abortar, pensava. Ninguém saberia. Usaria os dólares que a avó às vezes lhe dava e tiraria o bebê indesejado. Não queria fazer isso, era contra o aborto, mas não podia ter o filho sem o apoio do namorado. Não, não era justo enfrentar sozinha a ira da família. Sabia como o bebê era retirado do útero materno e só de pensar sentiu ânsia de vômito. Era uma questão de sobrevivência. Sua família seria atormentada, sofreria mais do que poderia suportar e ela não poderia continuar os estudos, todos os seus sonhos seriam desfeitos.

Por vários dias, fechada no quarto, planejava o aborto. Arrumara o endereço através de uma colega e só criava coragem para resolver o problema. Pensava intensamente em ir no dia seguinte, quando sentiu como

que um soco na barriga e a presença de alguém ao seu lado. Sabia que o quarto estava bem fechado. Levantou os olhos assustada e viu o jovem mais belo que já vira em sua vida. Alto, ruivo, a pele muito branca e pequenas sardas espalhadas no nariz e nas faces. Os olhos, de um azul intenso, estavam cheios de lágrimas. Ouviu a voz dele, embora não pronunciasse uma palavra:

- Você não pode me assassinar. Lembre-se que nos prometemos auxílio constante, fosse qual fosse o problema. Veja o que você faria comigo.

O corpo do jovem apareceu todo marcado, coberto de sangue, e ele gemia desesperado. Era agora menos que um bebê, um feto disforme e sofredor. Ela sentiu o corpo doendo e gritou desesperada; parecia que mil facas a

retalhavam. O seu grito afastou o feto, e o jovem apareceu novamente. A voz grave explodiu novamente na sua cabeça:

- Tem coragem de fazer isso comigo? Lembre-se de como somos unidos.

Ela se viu brincando com o jovem. Conversavam perto de uma lareira. Correndo felizes, de mãos dadas, por belos jardins.

- Não, gritou, não posso fazer isso.

Desmaiou. Quando acordou permaneceu deitada pensando no que vira. Sabia que não podia matar aquele ser que tanto amava. Não sabia quando o conhecera, mas sentiu que haviam vivido unidos por muita vidas. Que valor teriam seus sonhos perante a realidade daquela amizade? Preferia morrer a matá-lo. Enfrentaria a família e o mundo, mas não o prejudicaria. Sabia agora que trazia no ventre um ser encantador que falava alto ao seu coração.

Estendeu a mão até o criado mudo, comeu um chocolate e mergulhou em um sono profundo. Sonhou com ele, com árvores e flores e acordou refeita. Sentiu uma presença amorosa ao seu lado, e mais percebeu do que viu a avó paterna que desencarnara há um ano. Pediu auxílio à velhinha para enfrentar a família.

Os familiares estavam reunidos em torno da mesa do café. Era domingo. Sentia a garganta fechada, a cabeça pesada, o coração doendo, mas sabia que o pior seria matar um ser humano. Tomou calada o copo de leite e pediu aos pais que a acompanhassem ao quarto, pois precisava contar algo importante. Foi horrível; gritos, ameaças, cobranças, convite ao aborto. Firme, ela explicou que não mataria o próprio filho. Os irmãos foram chamados e tudo ficou pior. Apenas a irmã mais velha pediu calma a todos e disse que conversaria com Gina, que deixassem que ela resolveria o problema. Todos concordaram, e a jovem recolheu-se extenuada. A irmã veio e aconselhou-a a ir por uns tempos morar com uma tia viúva e sem filhos, que a adorava. Telefonou para a tia e explicou o que estava acontecendo. A doce senhora ficou muda ao telefone. Passados minutos disse que concordava em recebê-la pelo tempo necessário.

Gina partiu com uma pequena mala, chorando muito.

Com a tia, começou a freqüentar com mais intensidade uma Casa Espírita e a certeza da sua atitude aumentou. Desejava reencontrar o jovem, mas ele não apareceu mais. A tia a amparava com amor, e só a irmã mais velha vinha visitá-la. Sentia saudades, sofria muito, mas sabia que estava fazendo o que era correto. O bebê nasceu forte e logo um tufo de cabelos vermelhos

enfeitava a cabecinha. Os meses passaram e os olhos de um azul intenso eram os mesmos que vira durante a gravidez. As mãozinhas a apertavam com amor, dissolvendo possíveis máguas pela rejeição da família.

Os anos passaram e a criança era a sua alegria. Os pais finalmente entenderam a conduta correta da filha e novamente a família voltou a se reunir aos domingos, para o lanche. O menino era adorado por todos. Com vinte anos, Gérson era o retrato fiel do jovem que Gina vira, e evitara o aborto. Amava a mãe com toda a força do seu coração leal e viveram felizes, amparando um ao outro, como sempre haviam feito no correr dos séculos...

Glória Perez deu um depoimento, no programa matinal de Ana Maria Braga, narrando o medo que teve ao sentir-se projetada no teto do seu quarto. Contou que estava cansada, depois de muito trabalho, e deitou na cama. Não sabe como aconteceu, mas de repente estava no teto do quarto e via o seu corpo físico deitado. Via um cordão prateado que a ligava ao corpo físico, o que lhe causou grande medo. Pensava no que lhe aconteceria se alguém entrasse no quarto naquela hora. E ficou temerosa naquele estado estranho, até que se viu novamente imantada ao corpo físico. Disse que mudou depois dessa experiência. Resolveu descrever a quase morte do personagem Tião, interpretado por Murilo Benício, na novela *América*, da TV Globo. O peão vai enfrentar o touro que o atacava e quase o mata. Tião enxerga o túnel que termina em uma luz muito forte, no meio da qual está o seu avô, que o conduz de volta ao corpo físico. Glória repete as experiências narradas pela Dra. Elizabeth Ross.

Verificamos que assuntos espirituais, hoje em dia, marcam pontos no Ibope. O importante é que, através desses trabalhos, o povo vai aceitando, sem perceber, os conceitos espíritas.

Uma outra novela, *A Gêmea*, apresenta a Reencarnação. A maioria adorou, mas alguns indivíduos acharam que houve um erro na apresentação, porque o personagem morre, vai subindo em direção à dimensão espiritual, mas os gritos desesperados do marido a desequilibram e ela cai na Terra; entra no corpo de uma indiazinha que está nascendo.

Sim, houve um erro, porque o Espírito se liga ao corpo no momento da concepção e estaria ligado à mãe durante os nove meses. A preparação seria feita com antecedência. Mas o importante é trazer a idéia da Reencarnação, tomá-la popular. E isso a novela realiza com propriedade. Aos poucos, a Verdade, tão bem apresentada pelo Consolador Prometido, o Espiritismo, será aceita por todos. A ciência a cada dia vai comprovando as afirmações que convenciamos chamar de espíritas, mas que são de todos os tempos. Quando a maturidade espiritual atingir o maior número de indivíduos, a Verdade se estenderá por toda a Terra, causando a maior revolução moral de



todos os tempos. No livro *Obras Póstumas*, no item Futuro do Espiritismo, essa afirmação aparece.

## **12 Glória Perez e seu desdobramento**

Glória Perez, depois da experiência que ela considerou assustadora, resolveu encarar corajosamente o problema do estado de “quase morte” e auxiliou a divulgação do grande trabalho realizado pelo mestre de Lyon, Allan Kardec, na compreensão de que somos muito mais do que um corpo de carne.

Ernesto Bozzano, no seu livro *A Crise da Morte*, narra a história de vários indivíduos que entraram em desdobramento quando a morte os ameaçou; o autor escreve que alguns contaram que se deslocavam como se voassem e viam as casas transparentes, como se as paredes fossem de cristal.

Um amigo de meu pai, que por sinal era decorador, ficou muito assustado quando começou a entrar em desdobramento; disse que se via no meio dos carros nas ruas, e que ficava com medo de morrer. O pai ria e dizia que ele precisava perder o medo e orar mais. Que o fenômeno era natural e que o estudo e o agir bem permitiriam o equilíbrio, o domínio sobre o acontecimento. Depois, papai desencarnou e não fiquei sabendo o resultado dos conselhos.

O número de filmes, sobretudo americanos, que tratam dos assuntos espíritas é imenso. A cada dia fica mais fácil ser espírita. Somos respeitados e convocados a explicar filmes, livros, acontecimentos. A nossa tarefa é exemplificar o que o conhecimento espírita fez por nós e “estudar, compreender e praticar os ensinamentos de Kardec”. Como escreve o mestre de Lyon, não há nada de novo no conhecimento apresentado, que é de todos os tempos. Mas é preciso “colocar os pingos nos iis...”

Se Glória Perez cometeu algum erro ao apresentar o fenômeno de quase morte, não importa; vale o esforço e o convite à reflexão, de que somos ainda ignorantes sobre as nossas possibilidades, as nossas potencialidades.

A Doutrina Espírita explica muito bem o assunto, sobretudo no capítulo de *A Gênese: Jesus, milagres e profecias*.

Todo o convite a lembrarmos a nossa condição especial: *sois deuses e luzes, podeis fazer o que eu faço e muito mais...*, é necessário.

O Consolador Prometido, o Espiritismo, visa conscientizar o ser da Terra da sua força interior, da sua capacidade de superar problemas. O indivíduo que se diz espírita e não apresenta o esforço de transformação moral precisa estudar os livros básicos apresentados por Allan Kardec e praticar o amor, para que a

dilatação do perispírito o tome mais perceptivo, mais inteligente. Se percebemos o mundo à nossa volta através das experiências captadas pelo corpo físico e pelo perispírito, a prática do bem nos auxilia no desenvolvimento pleno, permitindo uma maior irradiação do corpo energético e, conseqüentemente, uma melhor compreensão do mundo no qual nos expressamos.

Mas se continuarmos no meio espírita para nos promovermos, tentado virar estrelas e brilhar mais do que a Doutrina, há que recomeçarmos. Não compreendemos nada; mais estudo, mais comparecimento à Casa Espírita, mais prática do bem. O homem desenvolvido integralmente, que se entende como Espírito, “centelha divina”, não pode agir como criança tola que se julga o centro do Universo.

O convite é ao crescimento espiritual e à felicidade, um estado confortável de alegria, de paz...

### ***13 Os extraterrestres***

Marion adorava pensar que era superior, mais inteligente e preparada do que a maioria dos seus conhecidos. Lia muito, realizara vários mestrados e se considerava o máximo. Faltava humildade, abrir-se para o Universo, compreender Sócrates; “sábio é aquele que sabe que nada sabe”.

Encantada consigo, fechada no seu mundinho egoísta, a jovem era sua própria obsessora.

Certo dia chegou em casa depois do trabalho e começou a ouvir vozes; sabia que ouvia, não pelos órgãos destinados a essa tarefa, mas pelo cérebro. Meio assustada, parou para prestar atenção e “ouviu” que diziam o quanto especial e inteligente era. Pediram que entrasse em contato com eles, explicando como conseguiria através de vários rituais. Tola e vaidosa, não pensou que se houvesse a possibilidade, seria alcançada pela dilatação proporcionada pelo amor ao próximo, pela humildade. Pensou que ainda bem que os seres de outros planetas sabiam da sua inteligência superior, da sua capacidade; sim, poderia ajudá-los. O contato mais intenso aconteceria no sábado.

No dia combinado Marion começou a se preparar desde cedo e, conforme as instruções, tomou um banho especial com casca de laranja, sal grosso e folhas de

arruda. Vestiu um macacão branco e entrou no quarto escuro. Acendeu uma vela e ficou olhando fixamente no espelho. Seus olhos pesavam, estava muito cansada, quando enxergou duas figuras estranhas entubadas e com uma roupa

verde brilhante. Quase gritou de alegria. A conversa começou e, encantada, percebeu que era realizada via telepatia.

As figuras disseram que precisavam do auxílio da jovem, que no momento era a única na Terra a apresentar condições especiais para auxiliá-los. “Ganharam” Marion, que pensava exatamente assim: ela era especial, acima de todos os habitantes da Terra. Fora educada dessa forma e a sua maneira de perceber a realidade era distorcida por esse pensamento imaturo. Respondeu via pensamento, e um relacionamento obsessivo teve início.

No começo a moça respeitava o trabalho e ia todos os dias cumprir o compromisso. Só no fim de semana ficava escrava dos “visitantes”. Aos poucos começou a considerar que tudo o que se referia a uma vida normal era tolice e a faltar no emprego para conversar com os habitantes do outro planeta. Queria saber como viviam, o que comiam, como poderia ajudá-los. Orientada por eles, comprou roupas estranhas e iniciou uma alimentação especial, que a enfraquecia.

Perdeu o emprego porque faltava demais, tirou o dinheiro que guardara na poupança, começou a usar um gorro brilhante que confeccionara, orientada pelos dois, a quem chamava de mestres. Ia para a rua só quando eles ordenavam e parecia uma louca falando sozinha; na verdade, falava com os acompanhantes que só eram vistos por ela.

Colocou, como fora mandado, um “fio terra no tornozelo”, um arame que arrastava no chão quando ela andava e outro, feito antena, no gorro.

Os vizinhos chamaram a família que vivia em outra cidade e, espantados, eles viram o estado da outrora metida, mas relativamente equilibrada Marion. O que fazer, se ela recusava qualquer tratamento? Foi aconselhado que esperassem até que ela pedisse socorro. Começaram a orar por ela.

Marion, fraca, porque só a deixavam comer pão com mel e tomar água, andava com dificuldades e, aos trinta e seis anos, parecia uma velha. Quando os “extraterrestres” ordenavam, permanecia na chuva, procurando estrelas no céu. Vivia mergulhada no seu mundo fechado, dominada por dois seres que só a elogiavam e falavam tolices.

Certo dia, foi avisada que a nave espacial desceria na Terra para buscá-la. Arrumou uma sacolinha e passou a noite em um terreno abandonado, esperando o veículo espacial, que não veio. Os estranhos disseram que um problema impedira a vinda, que seria adiada.

Um mês se passou e, finalmente, a jovem, com pouco dinheiro e muita vaidade, foi avisada que o dia chegara. Novas instruções orientavam a

construir um aparelho que permitiria visualizar a nave no seu espelho, para depois combinarem o local para a viagem. Ela, que até conhecer os habitantes do outro planeta era independente, agora os obedecia como uma criança tola e sem vontade. Seguiu rigorosamente as instruções e, naquela noite, desencarnou no quarto cheio de fumaça e cheirando a enxofre. Despertou confusa no mundo espiritual, pensando que chegara a outro planeta.

Continuou escrava dos seres até que um dia, cansada, ouviu o chamado de uma tia. Foi atraída a uma casa grande e cheia de gente e começou a ser doutrinada pela própria tia. Só depois de várias reuniões compreendeu como havia sido enganada. Chorou desanimada, mas foi informada de que tudo tem remédio, embora o preço seja de dificuldades a serem vencidas. Aceitou a correção, foi conduzida a um hospital do espaço, porque estava muito fraca.

O tempo passou, e Marion já compreendia que não era a mais inteligente da Terra; que a sua vaidade permitira a ligação com os Espíritos necessitados que também estavam em tratamento. Os vínculos eram de outras vidas e todos retornariam, depois de preparados, a uma encarnação de aprendizado. Não seria fácil, mas o auxílio espiritual não lhes faltaria se fossem humildes, fizessem o bem e se ligassem a uma casa de oração.

Anos passaram e hoje Marion está reencarnada. Aos vinte anos está encantada por um moço magro e moreno que é louco por discos voadores e extraterrestres; é o Espírito que a enganara anteriormente, mas que fora traído por ela em outras vidas. Ao lado dele está o outro “interplanetário”, esperando para reencarnar como filho dos dois.

Vencerão? O auxílio não faltará; a palavra final, por enquanto, é deles, que possuem a capacidade de escolha e relativa lucidez. Inevitavelmente, crescerão pelo amor ou pela dor... A escolha ainda é deles...

## **14 Jajula**

O menino era estranho.

Calado, parecia um velho desanimado.

Permanecia horas sentado, quieto, olhando a água do rio, enquanto os outros meninos brincavam. Crescia comendo pouco e falando menos ainda. No meio da criançada alegre, Jajula parecia um ser vindo de outro planeta.

Quando entrou na adolescência foi levado ao feiticeiro da tribo que, após vários rituais, entrou em transe e declarou que o jovem deveria ser preparado para ser feiticeiro. No Horizonte Primitivo, consideravam feiticeiros os médiuns atuais. Havia o mediunismo, não compreendiam o fenômeno

mediúnico como é apresentado em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. Jajula sofreu por isso.

O processo de desenvolvimento dos poderes de Jajula foi iniciado. O sofrimento foi imenso. Foi levado para uma caverna longe da tribo e lá, ficou sozinho. As visões aumentaram e o assustavam. Amigos e inimigos de outras épocas se faziam presentes através da vidência. As vezes o jovem dormia encolhido, enrolado em suas peles, depois de noites horríveis lutando com os fantasmas.

O jejum a que era obrigado o deixava fraco, o que aumentava as visões. Começou a ouvir vozes. Uma, firme e forte, começou a orientá-lo em como se defender das visões desagradáveis. Um dia, encantado, enxergou o dono da voz; parecia que o conhecia há muito tempo. Orientado pelo amigo, começou a se alimentar de pequenas larvas que diminuiram a sua fraqueza. Amparado pelo amigo começou a desenvolver a força espiritual.

Magro, porém tranqüilo, finalmente retomou à tribo. Era agora assistente de feiticeiro; o estágio para a tarefa futura foi intensificado. Não poderia casar e deveria morar sozinho; só participaria das festas religiosas especiais. Seria respeitado, mas temido.

As esquisitices de Jajula aumentaram.

Para ser considerado feiticeiro deveria levitar ou fazer com que alguém levitasse. Jejuns, concentrações, palavras especiais e finalmente Jajula conseguiu realizar a tarefa especial. No Horizonte Civilizado, um médium, Daniel Douglas Home, levitaria sem ritual algum, graças à sua mediunidade e ao amparo dos amigos espirituais. D.D.Home levitaria até o teto e o riscaria para não deixar dúvidas sobre o fenômeno. Realizaria materializações e vários outros fenômenos. Em uma época em que os médiuns cobravam, D.D.Home dizia que não poderia cobrar porque era apenas instrumento do plano espiritual.

Era necessário exhibir o fenômeno para a tribo. Em um grande terreno plano, coberto de bela vegetação, Jajula chegou todo paramentado e iniciou uma dança própria para a ocasião, acompanhando os movimentos com gritos guturais. Preferiu fazer uma jovem levitar. A linda moça tentara brincar com o novo feiticeiro na infância.

A jovem deitou na terra e segurou um bastão bem fininho preso ao chão. Fechou os olhos e, após ouvir uma canção, dormiu. Seu corpo estava enrijecido e, obedecendo as ordens do médium, levitou, pairando bem longe do chão. A lua iluminava o rosto e o corpo perfeito, e Jajula parou extasiado diante de tanta beleza. Quando ele ordenou, a jovem voltou ao chão e, após

novas cantorias, acordou bem disposta. Sorriu feliz e seus olhos ficaram mais brilhantes ao encontrarem os do responsável pelo fenômeno.

O feiticeiro agora fazia previsões, realizava curas, descobria culpados de crimes realizados na tribo.

Sempre que encontrava a jovem que levitara, o coração do jovem saltava do peito. Ela estremecia ao vê-lo, a atração parecia irresistível.

Certo dia, o chefe da tribo chamou Jajula para uma reunião com os familiares desencarnados. Os amigos espirituais ordenaram ao jovem esquecer a moça; ela era prometida a um guerreiro e não poderia fugir ao acordo. O jovem sabia que não poderia se casar; assumira um compromisso que deveria ser respeitado, caso contrário, morreria ou enlouqueceria. Ele pensou que já estava louco de amor e não sabia onde encontrar forças para vencer a atração pela jovem. Por ela largaria tudo, fugiria para longe e seriam felizes.

O feiticeiro chefe viu que o caso era grave. Algo devia ser feito para salvar Jajula. O jovem recebeu um chá, tomou-o e entrou em um estado que parecia o de sono profundo. Dormindo, suando, chorando, reclamando, tomava o chá, era colocado no meio de folhas especiais, ouvia cantigas dia e noite. Dormia mergulhado em

pesadelos, nos quais se via amarrado, sugado, esvaziado das suas energias. “Viu”, em sonhos, o casamento da mulher amada. Tentou acordar e não conseguiu. O tratamento continuou, e um ano se passou, quando Jajula foi despertado. Estava mais estranho ainda, parecia um robô. Algo mudara em seu modo de ser. Continuava impecável na realização das suas feitiçarias. A figura da jovem como que desbotara nas lembranças do feiticeiro. Ao revê-la, sentiu um leve estremecimento, mas passou.

Após a morte do feiticeiro chefe, assumiu o lugar do velho. Era agora um senhor melancólico.

O tempo foi passando e as lembranças foram voltando; não tomava mais o chá e o amor ameaçava voltar. Estava agora cansado, idoso; encontrou a jovem que agora era uma senhora e lágrimas caíram dos seus olhos. Reconheceu que ela ainda falava alto ao seu coração. Pensou que fizera a escolha errada e foi dormir arrasado. Amigos espirituais o envolveram, e começou a relembrar todos os irmãos que ajudara, libertando-os dos males físicos e morais. Sim, embora sem desejar, colocara o bem do próximo acima dos seus desejos. Vencera; não do modo que agora desejava, mas com uma vitória maior, cumprindo o que prometera antes de vir novamente para a tribo. Sofria agora, mas teria sofrido muito mais, se houvesse fugido, abandonado seus compromissos. O futuro seria de luzes. Poderia combinar: casar com a amada

na outra vida. Quem sabe morrendo e renascendo, poderia encontrá-la, casar e ser feliz? Quem sabe?

Uma lágrima de alegria e esperança deslizou entre as rugas do idoso. Sim, seria feliz, plenamente feliz... Abençoada Reencamação...

Jajula dormiu e acordou abraçado pelos amigos do plano espiritual. Feliz, absolutamente feliz...

Ao observarmos o fato, vemos hoje, com o conhecimento que temos, ser o Espiritismo o Consolador Prometido...

## 15 Joseph

*Joseph* entrou na casa da prima e viu Nádia. Ruiva, alta, muito branca, o rosto salpicado de sardas, os olhos muito verdes, parecia um felino prestes a atacar.

Desagradou-o o cigarro que ela sugava com prazer; ele, que sempre fazia campanhas contra o tabagismo, não ousou dizer nada. Mergulhando seus olhos nos dela, sentiu um estremecimento e viu numa tela mental, fora do tempo e do espaço, um quadro no qual os dois se beijavam com paixão. Julgou então, amá-la. Vontade de fugir, desejo de ficar. Confusão de sentimentos, o medo predominando. Percebia que ela era cruel, mas sabia que era tarde para fugir. A atração poderosa fez com que lembrasse de um imã atraindo um pedaço de metal. Sentiu-se perdidamente, irremediavelmente atraído. Não aprendera nada sobre o poder do pensamento e não sabia da sua força interior; tão pouco aprendera a orar ou estabelecer melhores ligações através do poder mental. Caiu na rede das paixões irracionais e por muito tempo permaneceria nela.

Nádia, preocupada apenas com ela mesma, sentiu atração e repulsa, mas, imediatamente, desligou-se do outro e ficou mergulhada no autismo dos egoístas, pensando no filme que em breve veria.

Joseph tentava conversar com Nádia, mas ela só ficou interessada quando ele disse que levaria as moças ao cinema. Levou-as e desejava entrar, mas a prima cortou o seu desejo. Partiu aborrecido. Quando dormiu, sonhou com Nádia como se fossem marido e mulher; as roupas eram outras, a cidade também, mas ele sabia que o sonho era real. Brigavam; quando acordou não conseguiu lembrar detalhadamente de tudo. Se houvesse lido *O Livro dos Espíritos*, saberia que o sonho muitas vezes é real, que podemos lembrar do passado, encontrar amigos, mas que, ao acordarmos, misturamos imagens reais com desejos não realizados. Imagens vistas quando acordados; o cérebro não consegue registrar fielmente o que vivemos no corpo espiritual. Mas

Allan Kardec explica que, se sentimos emoção, em geral, houve um encontro no mundo espiritual.

Joseph acordou impressionado e telefonou para Nádia, que permaneceu indiferente; mas como não tinha programa, concordou em jantar com ele.

O namoro foi momo da parte dela e apaixonado da parte de Joseph. Ele, que nunca acreditava em nada, começou a procurar informações sobre outras vidas. Começava a pensar que vivera com Nádia e, embora sentisse que fora muito infeliz, desejava repetir a experiência.

Joseph não sabia que o que julgava amor seria paixão. Hábitos milenares o impulsionavam sempre na direção do sofrimento e não se permitia ser feliz. Necessitava de um tratamento espiritual, para compreender que podia e devia ser feliz encontrando alguém que o amasse, cortando o vínculo de reencarnações dolorosas.

Quando apresentou a namorada aos pais, estes pediram que ele pensasse mais, porque sentiram que ela o faria sofrer. O inconsciente fazia aflorar as lembranças dolorosas, provocadas pela mesma jovem que estava novamente nos braços do filho querido. Ah! Se ele ouvisse a voz da razão ou os conselhos dos pais teria esperado a noiva certa. Mas preferiu a aventura, o imprevisto nos braços da mulher que já o fizera sofrer. Nos itens Escolha das Provas e Fatalidade, *O Livro dos Espíritos* explica que escolhemos as nossas provas, mas que podemos mudá-las: “fatal, só nascimento e morte”.

Os meses passam, e o tempo só piora o relacionamento estranho; Joseph tem prazer em sofrer, adora ser maltratado, e Nádia, como o conhece há muito, atende aos seus desejos. Pensamentos de desequilibrados encarnados e desencarnados criam como que uma teia de aranha ao redor do casal, que vive entre “tapas e beijos”. Nádia grita, reclama, parece uma criança mal educada castigando os pais, e Joseph aceita tudo; quanto mais ela o maltrata, mais ele fica dependente do relacionamento. Em vão os pais de Joseph, os amigos, os responsáveis por sua reencarnação tentam despertá-lo. Ele escolhe nessa encarnação o caminho da dor e casa com Nádia. As brigas ficam mais intensas na lua-de-mel e continuam aumentando na vida do casal.

Nádia vive para ela mesma; academia, cabeleireiro, manicure, estudo de línguas, uma roda viva na qual não incluiu Joseph. A empregada do casal faz o que quer, e muitas vezes ele janta sozinho, pois ela está atendendo aos seus compromissos inúteis.

Joseph viu em um sonho um *flash* em que abandonara Nádia e o seu desequilíbrio aumenta; não compreende que podia auxiliá-la como amigo e



que é da obrigação de cada um educar-se e educar aqueles com os quais convive.

Por parte de Nádia nunca houve amor no casamento, mas, agora, o mínimo de respeito que ainda sentia pelo marido vai embora. O casal acorda brigando, irritado um com o outro e incapazes de saírem da verdadeira armadilha que criaram.

Joseph resolve ir a um psicólogo e começa a refletir sobre os rumos que dera à sua vida. Os pais e amigos encarnados e desencarnados começam a doutriná-lo para que se permita ser feliz.

Certo dia, parado diante da televisão, pensava em como complicara a sua vida, quando uma tela se abre à sua frente. Vê Nádia acompanhada de um moleque; entregam-se a um relacionamento desastroso. Vê o carro estacionado na porta da casa, a roupa com a qual ela saíra pela manhã jogada no chão. Não tem mais dúvidas, está sendo traído vergonhosamente. Levanta-se da cadeira indignado e anda de um lado para o outro, como fera acuada. A espera é longa, o que só faz a indignação crescer. Quando ela chega, ele, “empurrado” por Espíritos desencarnados, começa a agredi-la verbal e fisicamente. Não sabe como, pensa em matá-la. Mas o plano espiritual superior já estava trazendo os pais de Joseph, que conseguem segurá-lo, impedindo o mal maior. Choro, acusações, desatino, horror desnecessário. A separação é resolvida na hora e Joseph parte arrasado para a casa dos pais.

Sufrimento inútil que deveria ser evitado pelo uso da razão. “As paixões”, diz Allan Kardec, “são como um cavalo, útil quando domado e perigoso se desgovernado...”

Joseph, que se entregara às suas paixões, começa agora a raciocinar na compreensão de que “tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém”, como dizia Paulo de Tarso.

Uma nova vida se inicia para Joseph. Introduce o Evangelho no Lar, o comparecimento à Casa Espírita, o trabalho de auxílio aos mais necessitados. Anda abatido, com os olhos marejados, rasga uma foto do casamento e pensa como sua vida teria sido diferente se subordinasse o coração arrebatado ao controle da razão. O primeiro sorriso dos muitos que viriam surge em seus lábios, quando pensa que teria feito melhor se tivesse ficado internado um mês em um *spa* até controlar o impulso irracional que o atirava para uma mulher que não o amava. Sacode a cabeça atirando para longe o desânimo e começa a emitir pensamentos positivos. Era ainda jovem, havia tempo para a felicidade.

O Cosmos responde aos nossos pensamentos; seria muito feliz, ainda nessa encarnação na Terra; perdoara Nádia, embora sentisse uma grande mágoa e desejava que ela também encontrasse a paz... o tempo cura tudo...

## ***16 Liliam***

A menina estava muito assustada. Sofria. Os olhos grandes e castanhos, marejados. Chorara, gritara, tudo em vão. Agulhas brotavam do seu corpo e muitas vezes exigiam o auxílio médico para serem retiradas. Os pais viram o senhor espírita que falava em um programa de televisão e resolveram pedir ajuda. Não era reunião para uma criança com nove anos, mas o desespero da menina também não era adequado para a sua idade. Só à noite os médiuns mais experientes uniam os seus esforços no atendimento aos sofredores.

Liliam chegou amedrontada, grudada na mãe. O senhor José Herculano surgiu sorrindo, os cabelos brancos emoldurando o rosto simpático. Havia uma serenidade no seu olhar, uma doçura tão grande no seu sorriso que imediatamente a criança ficou calma. Conversou com aquele “avô”, mostrou os calombos provocados pela agulhas, ouviu de mãos dadas com o senhor a mãe descrevendo o seu problema e exibindo as radiografias. José Herculano explicou à menina o que estava acontecendo e convidou-a a compreender que iria ficar curada; era necessário orar e ter confiança em Jesus.

Conversaram como dois velhos amigos, e a mãe prometeu voltar. Quando a menina saiu, a sessão de desobsessão foi iniciada.

Espíritos terríveis se comunicavam, ameaçando e dizendo que em várias encarnações, a hoje criança utilizara a magia negra para conseguir poder e ferira e lesara adultos e crianças, para alcançar o que desejava. Era cruel, diziam, e não era porque se escondera em um corpo infantil que iriam deixá-la livre.

Com firmeza e doçura, José Herculano conduzia os comunicantes à compreensão de que também eles haviam agido da mesma forma, prejudicando e lesando o próximo. Eram convocados a “mergulhar” no passado para verificarem os erros cometidos. Alguns choravam, não conseguindo se perdoar. Outros oravam, pedindo perdão a Deus. Muitos custaram a se conscientizar de que não poderiam atirar pedras, julgar, porque também haviam cometido erros graves. Mães desencarnadas se faziam visíveis aos filhos vingadores, envolvendo-os em amor; muitas vezes conseguiam envolvê-los de tal forma que podiam voltar à infância e podiam receber o auxílio mais intensamente.

Após várias reuniões os chamados obsessores foram auxiliados e libertados.

A menina ficou livre do processo doloroso, as agulhas sumiram. Assim que verificaram que a filha ficara curada, os pais também sumiram.

O importante é que a libertação fora realizada, principal mente dos Espíritos que, mergulhados no ódio, eram escravos do seu desequilíbrio.

Crianças muitas vezes necessitam de auxílio para se afastar de mentes às quais se ligaram devido aos seus próprios desequilíbrios. O Evangelho no Lar, o comparecimento à Evangelização da Casa Espírita, as conversas edificantes agem como vacinas, evitando os processos dolorosos da obsessão. Oro para que os pais da menina não a deixem no abandono espiritual. Lembrando Jesus: Um homem apresentava um Espírito mau no seu coração. O Espírito foi afastado. O coração do homem ficou vazio. O Espírito depois de muito vagar, sentiu saudades da casa antiga e voltou a visitar o homem. O coração do homem estava vazio. Não havia amor nem desejo de ajudar o próximo; era um árido deserto de egoísmo. O Espírito voltou, e o homem ficou pior do que antes.

O convite do irmão mais maduro espiritualmente, Jesus, é para colocarmos luzes, amor, auxílio aos necessitados em nosso coração. Pensando bem, atrairemos luzes, harmonia, vitórias...

## **17 Mogli**

Su desejava entrar em contato com irmãos do horizonte primitivo para verificar os fenômenos mediúnicos narrados por Max Freedom Lang, Ernesto Bozzano e outros estudiosos do assunto. Sabendo da existência de uma tribo que, apesar do contato com os civilizados, mantinha seus rituais, fui para lá.

Meses passaram, visitas, agrados, conversas, até ser convidada para uma reunião especial. O “feiticeiro curandeiro” faria o “farejamento” para descobrir o culpado de vários roubos. Na tribo, achavam que não havia possibilidade de erro; o culpado seria castigado

O “processo” foi iniciado à noite. Mogli, o feiticeiro, chegou todo paramentado, vestido com uma roupa de palha que o tornava irreconhecível; o rosto estava encoberto. Um círculo de selvagens vestidos mais simplesmente o rodeavam como se ele fosse um rei.

Cantaram, dançaram, realizaram vários rituais estranhos. Só após muita cantoria, Mogli disse que descobriria o culpado. Pegou vários bastões feitos com galhos de uma árvore considerada sagrada e começou a dar, como que, passes nos bastões, que pareceram adquirir vida e começaram a dançar em tomo do feiticeiro; os selvagens que participavam do ritual ficaram de cócoras, como se permanecessem auxiliando Mogli através da concentração.

Mogli falava de forma estranha, e um selvagem ao meu lado disse que ele pedia ajuda aos protetores da tribo para que indicassem o culpado. De repente, os bastões voaram e caíram sobre um jovem que começou a chorar jurando inocência. Dizia que não roubara, mas foi levado para um quarto que serviria de prisão. Eu conhecia o jovem e fiquei preocupada, porque sabia que a conduta dele era irrepreensível. Fui empurrada e entendi que era melhor ficar quieta esperando o momento oportuno para auxiliar o jovem injustiçado.

Os rituais começaram; Mogli receitou ervas para vários doentes, espargia fumaça de um grande charuto nos rostos que haviam vindo para acura. Dava passes. Atendeu uma moça que havia sido mordida por uma cobra venenosa. Foi incansável no atendimento aos necessitados.

Eu me perguntava como Mogli podia agir, ora auxiliando e ora castigando. Entre os “civilizados”, a injustiça se faz através de um bom advogado; como surgiria entre os selvagens? Que tipo de Espírito Mogli recebia, que cometia erros tão terríveis? Por que o jovem fora acusado? Sabia que não dormiria direito até obter respostas.

Uma semana depois estava em uma sessão de desobsessão entre os ditos civilizados, e um Espírito se comunicou; sem que eu pedisse, explicou o caso Mogli. A entidade comunicante lembrou que somos o que pensamos. Muitas vezes, disse, mergulhamos no passado, nos erros cometidos, repetindo via pensamento esses mesmos erros, atraindo “sócios” de outrora, caindo em

complexos de culpa e exigindo o castigo, ainda que de forma inconsciente. Ninguém julga o ser, lembrou o Espírito, mas ele mesmo se julga e condena. Quantos indivíduos só ficam aliviados quando provocam o seu próprio sofrimento? Existem até alguns que se flagelam para conseguirem o que julgam alguma libertação. A Educação Espírita vai produzir a transformação moral que nos liberta das auto-obsessões e nos convence a caminhar através do amor e trabalho em benefício do próximo. Na atual encarnação o jovem nada fizera de errado. Lutava contra os impulsos inferiores. Mas, nas outras, roubara, matara, traíra; cometera injustiças aparentemente impunes.

Desencarnou, entrou em grande sofrimento e, depois de muito preparo espiritual, reencarnou. O trauma pelos erros cometidos fora atenuado, porém, não extinto. O jovem carregava como marcas terríveis, chagas profundas em sua alma. Como o moço apresentado por Dostoiewski em *Crime e Castigo*, desejava a punição. Cada erro que um irmão cometia, fazia com que aflorassem as tristes lembranças do passado. Na noite do “farejamento”, atraía Mogli, que estava envolvido por Espíritos familiares da comunidade. O jovem desejava ser julgado e condenado e conseguira o seu intento. O verdadeiro culpado fugira, e os Espíritos comunicantes ficaram felizes em encontrar alguém que queria ser castigado. Telepaticamente o jovem exigiu o

juízo e o conseguiu. Na prisão, sofria, mas sentiu certo alívio como se um peso fosse tirado das suas costas. Não compreendera as palavras misericordiosas dos irmãos que o atenderam antes da reencarnação e exigia a dor. Jesus veio à Terra para nos libertar dessas situações, fazendo o convite para nos projetar nas dimensões melhores através do “amai ao próximo como a ti mesmo.” Não o entendemos, não o praticamos. Dificultamos a nossa caminhada exigindo inconscientemente muitas vezes, o fracasso, a dor...

Após a belíssima explicação, dormi tranqüila, mas triste com a nossa dificuldade em compreendermos a mensagem de Jesus, rerepresentada por Allan Kardec.

No dia seguinte fui visitar a tribo e consegui ver o jovem. Magro, abatido, no entanto, parecia aliviado, quase feliz. Depois do castigo, disse, iniciaria uma nova vida e agora tinha certeza de que viveria bem. Era inocente, sabia, mas talvez precisasse daquela experiência, porque não tivera mais pesadelos, e a dor de cabeça que sentia desde criança, passara. “Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que pode conceber a nossa vã filosofia...”

Fui falar com o feiticeiro, mas ele não explicou nada; tive a impressão de que, instrumento inconsciente do mundo espiritual, estava um pouco desligado dos problemas maiores, preocupado em organizar o próximo evento, no qual desejava impressionar os seus irmãos. Na tribo, ou entre os civilizados, muitas vezes o indivíduo da Terra se repete. Os médiuns esquecem o papel de instrumentos e ficam fascinados com suas possibilidades mediúnicas, com os seus dons, como diria Paulo de Tarso.

Continuei a visitar o jovem e estava lá no dia da sua libertação. Seus olhos estavam cheios de luz e, na sua boca, um sorriso nunca visto antes, aparecera. Ah! Pensei, como é difícil encontrar o caminho da felicidade, dispensando o sofrimento e caminhando, amando e servindo!

Até quando continuaremos a nos flagelar espiritualmente? Mais do que nunca, é preciso estudar Kardec, compreender e praticar a Verdade Libertadora, o Consolador Prometido pelo Mestre Jesus... Então seremos felizes e não criaremos dores...

## **18 Mona e a fé raciocinada**

### *Q/fitcwia e a*

*Jovem*, muito jovem. Vinte e um anos. Alta, magra, bela. Uma dor nas costas não lhe dava paz; não lembrava como começara. No início pensou que fosse o resultado de uma nova série de exercícios que iniciara na musculação; voltou à série antiga, e a dor continuou. Trocou o colchão. Não resolveu. Não

conseguia ficar sentada, mas em pé, a coluna também a incomodava. Analgésicos já não faziam efeito. Andava de um lado para o outro, tomava remédios fortes, mas a dor continuava. Consultou vários médicos: ortopedistas, neurologistas, especialistas em reumatismo, e nada.

Pediram que ela fosse ao psicólogo, pois a dor devia ser de fundo emocional, somatizada de problemas mal resolvidos. Iniciou a terapia.

A dor aumentava a cada dia. Desanimada, às vezes quase perdia a fé, a confiança em que conseguiria ficar bem. Reagia, sacudia a cabeça e lembrava das palavras que lera em livro de José Herculano Pires: *O e a Serenidade*. O autor escrevia:

- Nunca te deixes abater.
- Procura a perfeição.
- Supera as circunstâncias.

Orava, mergulhava nos pensamentos positivos e pedia aos irmãos responsáveis pela sua atual encarnação que a intuissem para conseguir a cura. Pensava que Deus tem recursos que desconhecemos.

Novos exames, cansaço, dor e finalmente detectaram câncer em um rim. Chorou muito. Um rim já não funcionava, e o outro apresentava manchas estranhas.

Operada, o rim lesado foi retirado, e o outro seria bombardeado através dos recursos da medicina. Não garantiam nada, era preciso esperar.

O cansaço não diminuiu a sua beleza interior e exterior. Admirada, olhava ao redor e pensava que, se morresse, a vida seguiria o seu curso e, em breve, todos se adaptariam. Mas não queria morrer. Lutaria com todas as suas forças para continuar vivendo. Amava a vida, a família e, se possível, só partiria mais tarde.

A resposta à sua fé veio com a lembrança de uma prima que ficara curada utilizando tratamento espiritual de uma Casa Espírita do Rio de Janeiro. Abriu o coração, falou das suas dores, da sua esperança na cura.

A resposta veio semanas depois, exigindo lençol branco, oração e descanso por várias semanas. Fez tudo direito. Deitava na hora certa, orava e dormia tranquilamente.

Na primeira noite do tratamento, sentiu a presença de mentes extra-físicas, como diriam os psicólogos, seres gentis que a abraçavam com carinho.

Na segunda semana do tratamento, sentia uma energia que a deixava alegre, e a certeza de que em breve estaria curada aumentou. Deitada, permanecia com os olhos bem abertos e começou a ver formas na parede do quarto, formas brancas que foram se definindo e construía paisagens.

A água como que jorrava, apresentando-se na forma de cachoeira, rios, mares; escura, primeiro foi clareando até se transformar em um lindo lago azul. Sentiu-se feto, mergulhada no útero da mãe, feliz, aquecida e sem dor. Sentiu-se diminuir e mergulhou, forma microscópica na água, e depois, foi crescendo até voltar à forma de feto. Sentiu o renascimento como se fosse agora um bebê chorando fortemente. Enrolada, protegida, adormeceu, e quando acordou, sabia que estava curada. Sentira a passagem dos séculos, mas na verdade, dormira algumas horas. Lembrou quando *A Gênese*, de Allan Kardec, explica que o tempo da Terra é uma ilusão, uma convenção, porque não existe fora do planeta. Agora entendia a lição: “O tempo e o espaço”.

Os dias passavam e a dor não voltava. Foi ao médico e os exames pedidos constataram a cura. As manchas haviam sumido, o rim estava curado. O facultativo ouviu a história que ela contou, sacudindo a cabeça; lia muitos livros de Parapsicologia e começara a entender como somos ignorantes sobre as nossas potencialidades.

Escreveu uma carta de agradecimento ao Centro Espírita e iniciou uma nova vida, preocupada em amar o próximo como a si mesmo.

Refletia sobre o poder da fé aliada ao conhecimento de nossas forças interiores, do auxílio de irmãos encarnados e desencarnados, e lembrou as palavras do Mestre Jesus: “Se tiverdes a fé como um grão de mostarda, direis a esse monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar, e nada vos será impossível.” A fé raciocinada e atuante, pedindo auxílio à Casa Espírita especializada na cura, resolvera o seu problema.

Renascera para uma vida plena de alegrias e de amor a Deus e ao próximo.

Uma nova Mona; extinguiu o *karma* negativo e foi plenamente feliz, transformando os espinhos aos quais se condenara em flores...

## **19 Núbia**

tpstatura média, muito magra, nariz longo, lábios finos. Usa cabelos presos em um coque e alguns fios crespos escapam e voam junto ao rosto. Olhos amarelos e sem vida. Algo desarmoniza o rosto e ela é feia, seca, sem charme, sem graça. A voz tenta ser doce e ela fala muito baixo, como se temesse que a ouvissem. Apela sempre ao nome de Jesus, fala em correção moral, honestidade. É uma tentativa desafinada de vencer as más tendências do

passado. Quem muito repete está tentando se convencer. A postura e o rosto de Núbia lembram o de fanáticos religiosos ou de qualquer outro fanatismo: poder, apego ao dinheiro...

Aproximo-me fascinada pela alma estranha Conversamos. Conta que foi abandonada pela mãe e adotada, ainda bebê, por um casal idoso. Fala controlando a voz, como se tudo estivesse bem; as mãos trêmulas e um brilho de lágrimas nos olhos, indicam que tempestades convulsionam a pobre alma. Em suas palavras, na sua expressão, apesar do cuidado que mantém, captamos sofrimento pela rejeição e sentimentos de inferioridade. Lembra, aparentemente sem emoção, a morte dos pais adotivos, a luta pela casinha comprada por eles.

Dias se passam.

Uma manhã, Núbia me espera, o que me surpreende. Chorando, diz que está com grave inflamação nos órgãos de reprodução e acha que não poderá ter filhos. Pensara em gravidez, mas infelizmente não era. Espantada pela figura incoerente, descubro que, ao contrário do que pregava, tinha um relacionamento sexual intenso com o namorado. Aconselho paciência e oração, e saio correndo, temendo surpresas. Penso quão difícil é entender a alma dos que nos cercam.

Os meses passam. Mudando de local de trabalho, quase esquecera Núbia, quando, abrindo um jornal, me deparo com o seu rosto frio estampado na primeira página. Tentara matar o namorado.

Descubro onde se encontra e vou visitá-la, encontrando-a calma, como se tivesse o direito de tirar a vida de alguém. Tento descobrir o porque do ato insano, mas ela foge para assuntos outros e saio sem saber o motivo do crime. Na fuga às minhas perguntas, mostra uma experiência que me assusta. Ela se julga justiceira. Por que caminhos terá andado nas várias encarnações, para continuar na barbárie em pleno século XXI?

Despeço-me e corro para um banho quente, tentando limpar a minha alma, que também deve trazer resíduos de maldade.

Mergulho nos lençóis e penso como ainda devemos temer as pessoas vestidas de santidade, mas corrompidas pelos vícios seculares.

Perco o sono e resolvo ver televisão. Escolho um filme, mas de repente a tela se dilata e me vejo em outra época. Núbia é a presença maior em minha visão e se mostra em toda a sua crueldade. Julga e decreta sentenças. Ordena perseguições espirituais. Tirou a máscara e se revela em toda a sua necessidade espiritual.



Descobrem-me escondida atrás de uma coluna e me levam até ela; cumprimenta-me e ordena que me deixem em paz e ainda, que me levem ao meu corpo físico. Vejo-me novamente no meu quarto e suspiro aliviada. Sinto uma presença pesada ao meu lado e leio *O Evangelho Segundo o Espiritismo* em seu favor. O ar fica livre, a presença desaparece. Sonhei ou visitei outra dimensão?

No dia seguinte procuro Núbia e ela me recebe com o seu estranho sorriso. Pergunto-lhe por que age daquela forma e ela me aconselha a deixar de estudá-la. Fala que eu era pior há pouco tempo; não quer, diz, conselhos ou interferências. Despeço-me.

Só conheço uma maneira de educar Espíritos difíceis; desobsessão. A evocação do encarnado é possível, como explica Allan Kardec na *Revista*, quando alguns encarnados pedem para ser evocados.

Levo o nome de Núbia para a desobsessão. Ela se manifesta brava, revoltada, fazendo ameaças. Vira-se para o meu lado e diz que pagarei caro a intromissão. Retira-se com violência. Felizmente a médium é equilibrada, conhece bem a Doutrina Espírita e, ligando-se ao plano espiritual superior, consegue logo a harmonia espiritual.

Em casa, sinto o ambiente pesado e oro um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Modificamos a energia à nossa volta, de acordo com os nossos pensamentos. Na certeza do auxílio espiritual, ligando-me pela prece aos amigos espirituais, sinto a energia se transformando para melhor, ficando agradável, leve. Sinto-me bem, durmo tranqüila. Deus é a maior força do Universo. Senhor de todos os seres.

Núbia continua a ser tratada na desobsessão. Certo dia, relembra o passado, enxerga-se na indigência espiritual na qual se encontra, compreende a necessidade de mudança, chora pela primeira vez, não com raiva, mas com pena de si mesma. A Espiritualidade Superior aproveita a mudança mental, e Núbia vê a mãe desencarnada pedindo docemente que ela permita o auxílio para evitar encarnações dolorosas. A mãe a abraça e a embala cantando, como fazia quando Núbia era bebê. Núbia assume atitudes e voz de criança, e o diálogo é comovente. Oram juntas e Núbia pede perdão. Promete mudar de atitude e iniciar uma nova vida.

Três dias se passam e Núbia telefona pedindo auxílio. Vem para a Casa Espírita. Começa a estudar a Verdade Libertadora. Poderia ter compreendido a necessidade de amar o próximo em outra Casa que ensinasse a orar com o coração; vários caminhos conduzem a Deus. Mas no caso de Núbia, como a mediunidade ostensiva estava em grande desenvolvimento, a Casa Espírita resolveria mais facilmente o problema.

Meses se passam e observando Núbia fazendo a abertura de um tratamento espiritual, ficamos encantados com a mudança. Uma luz tênue a envolve e a prece sai sincera do coração modificado por Jesus. No plano dos desencarnados, a mãe acompanha feliz o novo comportamento da filha.

O *Livro dos Espíritos* explica que nenhum jugo resiste a uma vontade firme. Núbia é agora um Espírito que inicia a subida da montanha da evolução utilizando o

trabalho, o amor, o serviço ao próximo. Para Deus nada é impossível.

Núbia está iniciando sua *Renovação pelo Amor*.

## **20 A história de \Jorge Peres**

A história é real e é apresentada na *Revista* ;

vou narrá-la, iluminada pela luz que o Espiritismo desenvolve.

Jorge foi Preparado para a Vitória, no mundo espiritual, como nos explica *O Livro dos Espíritos*. Os pais foram convocados a auxiliá-lo e a apresentarem o “modelo de homem ideal”, Jesus. O irmão mais velho exemplifica a alegria, a disciplina, a força interior; disse, porém, que podíamos fazer o que ele fez e muito mais... outra seria a história de Jorge, se os pais o apresentassem convenientemente a Jesus, à prece, ao Evangelho no Lar. Os pais e Jorge assumiram o compromisso da reencarnação com preocupação, mas com alegria.

Os pais renasceram, estudaram, se reencontraram, casaram e eram felizes. A mãe ficou grávida três anos após o casamento e vibrava, sabendo que um amigo viria auxiliá-los na presente existência. Jorge renasce e é cercado por muito amor. Os melhores colégios reiniciam a sua educação. Esportes, cursos de línguas estrangeiras, boas maneiras, disciplina, retidão moral. Só faltou a compreensão espiritual da existência, do corpo físico como instrumento importante de trabalho.

Jorge é excelente aluno, bom filho, bom amigo. Mas começa a se entregar a esportes radicais e arrisca o corpo físico relativamente perfeito: corre no meio de touros na cidade da Espanha onde nasceu, pula de um parapeito de mais de cinco metros, caindo horizontalmente nos braços dos amigos. Entrega-se à “festa do mundo”.

Numa tarde ensolarada Jorge pula novamente do parapeito, mas o pé escorrega e ele, em vez de cair com o corpo na posição horizontal, tomba na vertical, com a cabeça voltada para o chão. Acorda três dias depois na UTI do Hospital, cheio de dores e problemas. Não consegue respirar sem a ajuda de

aparelhos e seu corpo não obedece aos seus pensamentos. Dias difíceis se iniciam. Jorge está desanimado, quando a sua mãe entra no quarto e o abraça, doando a energia de amor que só os pais possuem, o que faz com que Jorge comece a se sentir melhor. Jorge diz que o primeiro pensamento é o de que se afastara dos pais levado pelas ilusões do mundo. Não fora preparado para compreender a vida como possibilidade de crescimento espiritual; pensava até então, que nascera para ser feliz a qualquer preço e que bastava não lesar o próximo para viver bem. Não lera o capítulo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* “Cuidar do corpo e do espírito”; descuidara do corpo e esse descuido era fruto da falta de estimulação que lhe permitiria o aflorar do conhecimento adquirido no mundo espiritual; essa educação estimuladora do desenvolvimento moral mais intenso só é conseguida através do que convencionamos chamar de Educação Espírita, na apresentação da reencarnação, da mediunidade, da força do nosso pensamento, da compreensão de Deus como Pai, da nossa responsabilidade perante o corpo físico e o energético, o perispírito. Se Jorge tivesse lido sobre Parapsicologia, os trabalhos de Rhines, outra seria a história da sua vida. Mas Jorge ficara no “barro”, no imediatismo, na busca da felicidade, nos prazeres efêmeros. Criara, nessa encarnação, as suas grandes dores e lições difíceis.

A mãe convida Jorge a orar e, pela primeira vez, sente que deveria ter insistido mais com Jorge para que ele refletisse sobre a vida e os exemplos de Jesus. Oram juntos e Jorge chora; compreendia a extensão do seu erro e temia as suas conseqüências: sabia que enfrentaria dificuldades imensas. A mãe, assessorada por amigos espirituais, começa a doutrinar Jorge, na terapia do amor que utilizamos nas desobsessões para entidades espirituais necessitadas. Abraçada por entidades luminosas responsáveis pela reencarnação de Jorge, diz:

- Filho, você é forte; sempre me deu muito orgulho e tenho a certeza que vai continuar com a coragem que sempre demonstrou. Não largarei um minuto de você e juntos resolveremos esse problema. Agora não adianta chorar, vamos agir.

Jorge inicia tratamentos difíceis; reaprende a respirar, a locomover as mãos para movimentar a cadeira de rodas. O carro é adaptado ao novo estado de Jorge, que recomeça a dirigir pela ruas da Espanha. Acaba o curso de Administração de Empresas e vai para os Estados Unidos fazer uma especialização. Jorge reflete sobre as suas dificuldades, mas lembra de centenas de deficientes que, por motivos vários permanecem à margem da vida, excluídos da melhor parte, inclusive dos estudos que lhe abririam as portas para uma existência mais tranqüila; Jorge não sabe ainda de que maneira vai auxiliá-los, mas sente que vai descobrir um meio.

Trabalhando no computador descobre na internet um curso para deficientes físicos aprenderem a esquiar. Faz a matrícula e na primeira aula cai trinta e cinco vezes antes de conseguir a grande vitória. Embora preso a uma cadeira de rodas, sente o gosto da liberdade e diz que nunca fora tão feliz quanto no momento em que após tantos anos recomeçava a sua vida de atleta, agora com prudência e respeito ao corpo físico. Promete que levará a mesma alegria aos seus amigos deficientes; levado pela dor, mas iluminado pela felicidade de poder ser novamente um atleta, Jorge se abre para o mundo, liga-se às luzes do Universo e possibilita um auxílio maior que o transformará em um libertador do processo doloroso do seu próximo.

No apartamento, Jorge recebe o telefonema de um amigo, Javier, que pergunta se Jorge tem alguma idéia para ele aplicar algum dinheiro em benefício ao próximo. Jorge fala sobre o projeto de levar o curso que ensina deficientes a esquiar e resolvem levar o projeto para a Espanha. Uma equipe bem preparada os auxilia e em pouco tempo a escola é implantada. Trinta e cinco alunos começam a aprendizagem, e Jorge inicia as aulas conversando, contando a sua história e mostrando a sua habilidade; diz então:

— Se eu consegui, você também consegue.

Um aluno especial atrai Jorge; está profundamente deprimido e permanece no quarto, deitado, olhando o teto; não aceita as limitações impostas por um acidente de carro e permanece apático, esperando a morte chegar. Jorge inicia o seu trabalho de “doutrinação” e, aos poucos, o moço concorda em aprender a esquiar. Feliz, desliza pela neve e pela primeira vez, depois do acidente, sorri; sente-se renascer. Começa a praticar exercícios também em uma academia e a exercer a sua profissão. Jorge se sente realizado, mas começa a pensar nos deficientes morais; vai encontrar uma forma de auxiliá-los; e se Jorge conseguiu, todos nós podemos conseguir. Somos “deuses é luzes”, disse Jesus...

## **21 Caridade e evolução**

nós, espíritas, a “salvação” virá, não através do sangue de Jesus nem pelo conhecimento estéril da Lei de Deus. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, encontramos que “fora da caridade não há salvação.” Essa “salvação” é a implantação do Reino de Deus em nosso psiquismo, a transformação moral.

Paulo de Tarso explica com propriedade sobre a Caridade, que apresenta como maior virtude, a que nos liberta das dimensões obscurecidas por nosso orgulho e egoísmo. Lembra o grande irmão na sua Primeira Epístola aos Coríntios: *Se eu falar a língua dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom de*

*profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber; e se não tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento aos pobres, e se entregar o meu coração para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disso me aproveita...*

Levado pelos instintos que, segundo Allan Kardec em *A Gênese* e a ciência oficial, é um guia quase sempre correto, os animais ditos irracionais, expressam-se na caridade.

No livro de Remy Chauvin, *Sociedades Animais*, ele lembra o caso dos golfinhos que, no Mar Negro, na Rússia, nadavam ao redor de barcos de pescadores, exigindo atenção. Os pescadores custaram a entender o que os golfinhos tentavam lhes comunicar através de ruídos próprios. Resolveram segui-los e encontraram um golfinho preso em uma bóia, desesperado. Soltaram o animalzinho e os “irmãos” fizeram como que uma festa, agradecendo por terem salvo o amigo. Durante meses auxiliavam os pescadores no seu trabalho, levando os peixes para as redes de pesca. Praticaram a caridade auxiliando um irmão ferido e demonstram gratidão, esse sentimento divino.

No livro citado, o pesquisador Remy Chauvin conta também o caso de pelicanos cegos que são alimentados por seus irmãos.

Nos filmes sobre animais apresentados no “Planeta Animal” e no SBT, o espírito de caridade aparece entre os lobos, leões, elefantes... Uma manada de elefantes auxiliou um “bebê” elefante que caíra em um buraco cheio de lama até salvá-lo; todos se uniram em torno da mãe e do bebê até ele ser retirado do barro. Um exemplo lindo do “amai ao próximo como a si mesmo.”

Refletindo sobre os vários casos, concluímos que o amor faz parte do psiquismo do ser e que é necessário um esforço no egoísmo e no orgulho para nos expressarmos na indiferença e na crueldade. Esquecemos as experiências vividas, sufocamos com os espinheiros dos nossos descontroles emocionais os embriões magníficos que trazemos como potencial de luz.

No Horizonte Primitivo o indivíduo, ainda muito próximo dos instintos, ama o clã, a tribo e, embora faça guerra com os vizinhos, considera os da mesma tribo como de sua família; amam-se, auxiliam-se, dividem os alimentos, unem-se na alegria e na dor. Não existem órfãos abandonados nem irmãos acumulando riquezas enquanto outros morrem de fome. Antes da chegada do branco, as tribos viviam em harmonia, educavam as crianças com alegria, realizavam o intercâmbio com os desencarnados em uma vida plena.

No Horizonte Agrícola e mais ainda no civilizado, o clã, a tribo, é substituída por pequenas famílias que começam a viver isoladas espiritualmente, exigindo conscientização da necessidade da união em torno de um objetivo único, a transformação da Terra em um mundo de Paz e Amor. As pessoas se reúnem em ocasiões especiais, mas o espírito amoroso, a capacidade de sentir a dor do próximo quase desapareceu. Enquanto alguns morrem física ou moralmente de fome e de frio, centenas dormem indiferentes, preocupados em aumentarem os bens adquiridos. Ao contrário do vivido entre os irracionais e os selvagens, a dor do outro não é mais a sua, o sofrimento do irmão não mais o comove.

Piaget nos lembra que a criança atravessa várias fases no desenvolvimento da sua capacidade de raciocinar, na construção do seu pensamento. No período pré-operatório, diz Piaget, crianças muito pequenas estão mergulhadas no pensamento egocêntrico que apresenta indivíduos “centrados em si mesmos”, que se julgam o Sol do sistema solar. São incapazes de se colocarem no lugar do outro,

de sentir do ponto de vista do próximo. Analisando a nossa sociedade necessitada, observamos que um grande número de indivíduos permanece nesse estágio de necessidade, ainda mergulhados no autismo do egoísmo. O pensamento, a capacidade de raciocinar e entender a vida estão limitados pela visão mutilada; na criança faz parte do desenvolvimento. No adulto é uma atrofia das possibilidades de ser e fazer feliz.

A incoerência faz parte da “centração” em si mesmos; dizem uma coisa e fazem outra; mas nos adultos imaturos a incoerência também se expressa na linguagem, é uma constante; vemos nos nossos profissionais, nos nossos políticos, um comportamento inadequado ao que pregavam como correto.

Para extinguir essa defasagem entre amor e raciocínio, Jesus veio à Terra e apresentou a libertação através da prática do amor, exemplificando como viver de acordo com as nossas necessidades reais de espírito indestrutível: amar e ser amado, crescer espiritualmente, permitir o desabrochar das luzes interiores, ser feliz na Terra ou em qualquer outro ponto do Universo que nos acolhe. Preparamo-nos para construirmos o nosso pensamento no espírito de caridade através dos séculos, mas como adolescentes tolos, perdemo-nos depois na “festa do mundo”, tentando viver como seres de carne, apenas. O espírito de caridade, a prática do amor, a estimulação através do exemplo de pais em esforço de evolução, o esclarecimento e a fortificação realizados na Casa Espírita, possibilitarão o despertar do sonambulismo milenar, a abertura para o mundo exterior, a libertação das dores individuais e familiares, a implantação da alegria nos corações. Milagre? Claro que não, apenas realização da tarefa que nos foi apresentada e aceita antes da reencarnação. Para cumpri-la é preciso libertarmo-nos do apego ao barro da Terra, olharmos

as estrelas na compreensão da nossa dignidade desenvolvida através da Caridade; e então, implantaremos o Reino de Deus em nosso interior. Reino cujos fundamentos são: Deus, Amor, Justiça.

Só através da Caridade, para conosco e com o próximo, voltando agora conscientemente e de forma dilatada para a prática do amor, conseguiremos construir a compreensão da finalidade da existência, que é a nossa transformação em “anjos”, em Espíritos puros.

E é graças à caridade ainda, que o nosso corpo bioplasmático se dilata, transcendendo o corpo físico, possibilitando com mais precisão a captação da realidade à nossa volta. Como escreve o Dr. Homero Pinto Vaiada, entre todas as leis, a do bem é indispensável.

A prática do bem harmoniza os nossos pensamentos e conseqüentemente o nosso corpo físico. Pensamento e Vontade; pensando bem, construiremos a “couraça da fé e da caridade” do apóstolo Paulo.

Para extinguir o *Karma* negativo e aprimorar o *Karma* positivo, aprendamos a amar o próximo como a nós mesmos. Precisamos, portanto, aprendermos a nos amar, desenvolvendo as luzes que nos são próprias, para a nossa *Renovação Pelo Amor...*

## **22 Dr. Fábio e Cléon**

O médico realizava exame de rotina e ultra-som em uma jovem mãe; tudo parecia bem e ele ia encerrar quando ouviu uma voz firme ordenando que fixasse a coluna porque o feto estava com problema. Obedeceu à voz que já o auxiliara outras vezes e, como o seu aparelho não permitisse ver com maior precisão, encaminhou a gestante a um laboratório especializado. Foi para casa pensando em quantos diagnósticos fora auxiliado, mas se perguntando se não estaria desenvolvendo algum problema mental. Lembrou de um colega que fizera vários cursos de Parapsicologia e resolveu consultá-lo. Por telefone, o amigo explicou que a telepatia ocorria sempre em nossas vidas, mas raramente tão clara a ponto de o indivíduo ouvir a voz com perfeição. Disse que se houvesse confirmação do problema era uma prova de que indivíduos de outra dimensão estariam interessados em auxiliar o feto. Esperasse.

No dia seguinte os pais foram cedo ao laboratório fazer o exame e ficaram sabendo que realmente o bebê apresentava má formação na coluna que, se não fosse tratada com cirurgia, poderia impedi-lo de andar ou causar outros problemas. A mãe começou a chorar desesperada, mas o pai disse que se o problema fora detectado é que o auxílio era imenso e que a criança ficaria boa; tivesse fé, o médico era excelente, e o auxílio espiritual, visível.

Dr. Fábio ficou contente com a confirmação do aviso e encaminhou o casal para um especialista no problema. Voltou para casa preocupado com o pequeno ser, jantou e deitou no sofá. Um jovem atravessou a porta, sem abri-la, e sorriu para Fábio, como pedindo licença para conversar. Era tão simpático, os olhos tão doces que o médico ficou feliz em recebê-lo; parecia que já o conhecia há muito tempo. O jovem se apresentou como médico e explicou que fora indicado para auxiliá-lo no atendimento aos doentes. Percebia que ele amadurecera e começava a pensar que havia algo mais importante do que o corpo físico e viera para trocarem idéias sobre o assunto, pois isso poderia ajudá-lo nos tratamentos. Começaram a conversar, e Fábio notou que as palavras não eram emitidas pela boca do jovem, mas entravam diretamente na sua mente sem que fossem pronunciadas. Imediatamente o moço disse que ele poderia utilizar a mesma forma de comunicação. Iniciaram a conversa numa forma estranha, mas eficiente e o doutor com o corpo físico ficou sabendo que o médico com expressão extrafísica fora grande amigo seu em outras vidas. O bebê com problemas fora tratado antes da reencarnação e melhorara muito, mas não conseguira se libertar de vários complexos de culpa, o que o desequilibrara, provocando a desarmonia física. Lembrou que todos erramos no passado, mas que alguns são incapazes de se perdoarem, criando seus grandes problemas. Que o Consolador Prometido visava libertar

o indivíduo da escravidão ao passado, livrá-lo do desequilíbrio provocado por lembranças desagradáveis. Disse que o deficiente físico poderia se libertar do problema e que os “libertadores” do *Karma* negativo aumentavam a cada dia na Terra para permitir que cada ser compreendesse que a finalidade da existência é o desenvolvimento pleno e não o pagamento de dívidas inexistentes. A prova evidente é que a criança ficaria bem, a operação seria um sucesso, e o *Karma* negativo, extinto, permitindo que ele se desenvolvesse através do trabalho e do amor. Fábio sorriu feliz, mas sentindo que Nietzsche e Schopenhauer não tivessem ouvido isso na época em que, encarnados na Terra, se deixaram envolver pelo pessimismo e descrença.

O jovem desencarnado disse que iria ver a mãe e o bebê, já iniciando os preparativos para a operação. Partiu sorrindo, e Fábio ficou um bom tempo pensando sobre a Misericórdia e o Amor de Deus e dormiu tranquilo como nunca, sentindo que uma luz o envolvia.

A operação foi um sucesso; realizada com a criança no útero da mãe, provava que o progresso do homem vai permitir a extinção das dores, a maioria causada pelo homem, como explica *A Gênese*, de Allan Kardec, no capítulo: O bem e o mal.

No dia da operação, Fábio esperava desde cedo no hospital e acompanhou, vibrando para que tudo desse certo. Sorria quando viu entre os enfermeiros o



jovem que o visitara. Acabada a cirurgia, o jovem sorriu e desapareceu sem deixar rastro.

No dia seguinte, Fábio comprou vários livros de Parapsicologia porque sabia agora que somos imortais e que seres das duas dimensões se comunicam na lei da solidariedade.

O Dr. Fábio realizou o parto da menininha que operara a coluna e nunca se sentira tão feliz; adotou-a como filha do coração e não por acaso os pais se tornaram seus grandes amigos. Cléon, a bebê, era louca por ele.

Fábio foi considerado o melhor médico do hospital, o que fazia diagnósticos impecáveis. Auxiliou e continua auxiliando todos os doentes que chegam até ele; no hospital, dizem que faz milagres...

## **23 Giselda**

A senhora baixa e gorda tinha um ar muito cansado.

As faces haviam “desabado”, e o rosto, pescoço, braços e mãos apresentavam sulcos profundos como se a pele estivesse privada de água há muito tempo.

O cabelo pintado falava do desejo de rejuvenescimento.

No meio das rugas os olhos escuros brilhavam jovens e a boca “caída” se abria em um sorriso encantador. Os cento e poucos anos se convertiam em sessenta.

A simpatia foi instantânea. Sentei ao seu lado no auditório lotado e começamos a conversar como velhas amigas.

Ela começou a falar sobre o marido difícil que desencarnara há três anos. Contou que uns oito meses antes da morte tivera visões estranhas. Via a televisão, quando enxergou o esposo entrando para pegar um remédio no armário próprio. Falou com ele, que não respondeu. Assustada, notou que ele enfiava o braço dentro do móvel, ignorando a porta fechada. Gritou, mas ele pareceu não ouvi-la e desapareceu, se desfez no ar.

Abalada, Giselda precisou de auxílio médico, tão real foi a visão. Soube depois, que naquela hora ele dormia no quarto da neta, em outra casa.

Outra tarde ela sentiu que se desprendia do corpo físico e começou a se deslocar para fora de casa. Sentiu-se amparada por mão amiga, mas mesmo assim teve medo. Atingiram uma região cheia de plantações. Não sabe como parou e desceu sabendo que deveria prestar atenção no que sucederia. Um rio

a impedia de chegar a uma linda plantação de girassóis. No meio do campo enxergou o marido, muito mais jovem, cuidando das flores. Quando acabou o serviço, ele ajoelhou e orou agradecendo a Deus a oportunidade de trabalho. Embora distante, Giselda ouvia o que ele falava e ficou emocionada.

Não sabe como, de repente estava sentada no sofá da sua sala, chorando, porque sabia que o esposo morreria. Foi o que real mente aconteceu.

Novo tratamento para a depressão que a envolveu. O psicólogo disse que a Parapsicologia estudava esses fenômenos através do quais havia o aviso de morte. Giselda disse que teve outras visões e desdobramentos, mas que nunca os fatos foram tão nítidos como os sinais de aviso da desencamação do esposo.

Lembrava de uma visão bonita, mas para ela não tão marcante, quando vira uma vizinha já idosa, com aparência de jovem e linda dançando num salão belíssimo. Pouco depois a idosa desencarnara.

Agora estava preocupada porque se vira jovem, pensativa, em uma sala cheia de flores. Achava que a sua hora estava chegando e pedia forças a Deus para fazer a “grande viagem” com traqüilidade.

Convidei-a a ler *A Gênese*, de Allan Kardec, no capítulo sobre a Relatividade do Tempo, que é, na Terra, uma convenção do planeta. Eu disse que embora real o fato poderia acontecer anos depois. Ela sorriu e disse que em todo caso estava pronta.

Uma semana depois, telefonei para a senhora e a sua filha disse que ela havia morrido...

## **24 Lili**

Q^menininha estava feliz, passeando com os pais. Achava a cidade de São Paulo linda e planejava sair da pequena cidade do interior assim que crescesse.

Pararam em um farol e dois indivíduos entraram no carro, apontando suas armas. A menina ia chorar quando um senhor simpático também entrou e sorriu fazendo um sinal para que ela ficasse quieta. Obediente, ela engoliu as lágrimas e sorriu para o “avô”. Pensou que tudo estaria bem porque o velhinho parecia controlar a situação. Ouviu uma voz dizendo que ela ficasse calma que tudo daria certo; pedia que ela orasse...

Os pais viram só os dois bandidos, mas sentiam uma paz incrível, como se houvessem tomado um calmante.

O pai falou com uma voz tranqüila que era de outra cidade, estavam num hotel, mas que daria o carro e o dinheiro que possuía a eles. Os jovens, que pareciam assustados, estavam agressivos, mas perante a serenidade do casal e da criança, foram se acalmando. O pai explicou que na cidade estranha nada possuíam e que o relógio, jóias e dinheiro seriam dados.

Os dois jovens começaram a conversar baixinho, e a menina viu que o senhor impunha as mãos nas duas cabeças e orava; seguiu as palavras com Fé, na certeza de que o problema logo seria resolvido

Minutos que pareceram horas se passaram, e a criança ouvia palavras tranqüilizadoras. Os pais sentiam um envolvimento de paz. No som do carro uma música clássica contribuía para melhorar o ambiente espiritual.

Um carro da polícia apareceu e os jovens ficaram muito nervosos; o pai entrara na contramão. Falou para os jovens ficarem calmos e esconderem as armas, que ele falaria com os policiais. Parou, explicou que estava confuso, pois era do interior e pediu explicações sobre o melhor caminho; disse que estava com a esposa e filhos, e os policiais foram muito gentis. Continuaram a rodar, agora com mais cuidado, e a criança lembrava das aulas de Evangelização da Casa Espírita.

Os jovens ordenaram ao pai que entrasse na Marginal e foram orientando o homem até que ele conseguiu parar em um local onde desejavam. Passou rapidamente pela cabeça do motorista o perigo de desejarem levar um deles, mas afastou depressa, pensando positivamente que iriam embora sozinhos. Entregaram as jóias, relógios, dinheiro e desceram do carro. O senhor de branco desceu também e acompanhou os três até tomarem um táxi. A menina conversou com ele, mas os pais pareciam não vê-lo. Lili partiu abanando a mãozinha para o velho, que ficou parado na rua. A mãe perguntou para quem ela dava *tchau* e com quem conversava e ela contou a sua história. O casal ficou pensativo e acreditou que uma força superior os salvara. Suspiraram felizes quando chegaram ao hotel, e um hóspede emprestou

o dinheiro do táxi. O dinheiro e os pertences se foram, mas eles estavam bem e felizes.

Algum tempo depois Lili veio mostrando um álbum de fotografias e o velhinho que andara no carro com eles. Os pais reconheceram o avô que partira há dez anos.

Os laços de amor não se dissolvem depois da morte...

## **25 Na academia**

Carlos estava na academia fazendo os seus exercícios. Perdera o emprego e aproveitava o fundo de garantia para fazer apenas o que desejava. Dizia que odiava pressão, mas admitia a imposição de uma sociedade caótica que induzia ao endeusamento do corpo.

Puro músculo, o instrumento físico deformado por remédios perigosos, viciado em exercícios físicos, pressionado por um molde social que exige a modificação do corpo de carne; Carlos só raciocinava em termos de dilatação das medidas.

Suando, sofrendo, ele que se dizia livre das imposições do sistema, na realidade era escravo das máquinas e das convenções impostas por um grupo de indivíduos.

Molhado, o suor escorrendo por todo o corpo, olhou-se no espelho e sorriu diante do vulto de andar pesado e de movimentos lentos. Enquanto se admirava, o seu corpo como que se abriu e ele viu os órgãos em funcionamento. Parou estático, a boca aberta, não entendendo o que acontecia. Um senhor magro e simpático, vestido de branco, apareceu dando uma aula sobre o que ele fazia com o corpo de carne. Ao mesmo

tempo em que sentia que estava na Academia, mergulhava em outra dimensão e servia de exemplo no meio de uma sala cheia de alunos, para que fosse explicado o que não deveriam fazer com o corpo físico. Diminuído o susto, tentou fugir, mas os seus pés estavam grudados no chão.

Como um boneco, assistiu a uma aula magnífica sobre a sua incompetência emocional. O fígado deformado foi bem apresentado; o coração sofrido e todas as sequelas da sua irresponsabilidade perante a saúde. O joelho o assustou, pois uma lesão estava prestes a aparecer.

A aula terminou e começaram as perguntas. Um jovem quis saber o que aquele homem combinara antes de reencarnar, qual era o seu projeto de vida. Ouviu que desejava nascer de novo para servir ao próximo, criando um orfanato para os sócios de erro de outras eras, que permaneciam adormecidos. Viu-se sendo preparado em cursos no plano espiritual para a grande tarefa. Soube que deveria ter casado com a segunda namorada e que receberiam um Espírito muito amado de outras vidas. Viu a encantadora jovem que pensara amar e talvez amasse, carregando uma criança linda com outra segurando a sua saia. Esperavam o pai que chegou alegre, forte mas magro, preocupado com a família consanguínea e a espiritual. Abraçou a esposa e sentiu que se conheciam há muito tempo. Percebeu que ela era a realidade e o tomara feliz. Pensou que era um tolo e pediu a Deus a oportunidade de recomeçar. Mas ainda foi levado ao asilo no qual largara a velha mãe, alegando falta de tempo.

Chorou com a tristeza da velhinha que pensava nele orando por sua felicidade; não reclamava do abandono, orava para que ele fosse feliz.

Quando novamente sentiu que estava na academia de ginástica chorou envergonhado. Prometeu que mudaria, cuidaria do corpo físico, auxiliaria os necessitados e procuraria a namorada.

Daria tempo?

Saiu carregando as roupas e correndo para retirar a velha mãe do asilo...

## **26 O médico paranormal**

O menino era lindo, gordinho, cabelos louros cheios de cachos; os olhos eram negros. Xodó da casa e dos vizinhos.

Aos quatro anos via amiguinhos que a família dizia que eram imaginários; a mãe, porém, acreditava que o menino via seres de outra dimensão. Com eles brincava, cantava músicas que ninguém conhecia.

Aos oito anos, ótimo aluno, pela primeira vez na sala de aula viu projetado na parede branca um moço trabalhando como médico. Alto, magro, louro e com olhos negros, virou para ele sorrindo como se dissesse: “eu sou você amanhã”. O jovem continuou trabalhando, debruçado sobre leitos que pareciam estar em um quarto de hospital. O menino notou que do peito do jovem saía uma luz azulada que envolvia os doentes. A voz da professora fez a imagem sumir e ele se viu sentado resolvendo problemas. Aprendera com a mãe a não comentar as visões e só mais tarde, já em casa, abriu o seu coração. A genitora o abraçou e disse que provavelmente ele enxergara uma possibilidade do futuro.

Esqueceu o que vira, mas aos quinze anos, novamente enxergou sobre a tela da televisão o jovem louro muito magro, os olhos tristes e vermelhos, caminhando como se estivesse bêbado. Com o coração batendo loucamente, sabia que ele era drogado. Viu em seguida o mesmo moço envelhecido em uma cela gradeada e escura. O homem não o olhou, a cabeça pendia sobre o corpo magro. Correu para contar à mãe e à avó, que o tranquilizaram, dizendo que ele podia afastar a visão com o “orai e vigiai”. Para acalmá-lo, oraram, leram uma página de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e à noite foram ao Centro Espírita que frequentavam. Durante o sono foi envolvido intensamente por amigos espirituais que disseram que as tentações viriam, mas que ele desenvolvera a capacidade de reagir e até de ajudar, amparado pela casa de oração, os viciados aos quais se ligara em outras vidas. Acordou tranquilo sabendo que não estava só.

Os anos passaram. O adolescente era agora um jovem belo e forte; entrou, como desejava, em uma Faculdade de Medicina. Continuou aluno brilhante. Encontrou uma colega encantadora pela qual se apaixonou. A ligação foi ficando forte e um dia a moça ofereceu um cigarro de maconha. Ela o envolvia com olhar amoroso, mas uma luz avermelhada parecia rodeá-la. O desejo de agradá-la e de não parecer “careta” foi vencido pela lembrança que teve aos quinze anos; sabia que seria a porta para entrar no mundo das drogas e do fracasso. Tentou auxiliar a mulher amada, mas duas outras vezes ela usou de toda a sedução para fazê-lo usar droga. Percebeu que ela não desejava a cura e que ele poderia ceder, devido a condicionamentos do passado e se afastou, embora sofrendo muito.

Agora era médico procurado, respeitado, embora ainda ganhasse pouco.

Esperava clientes no consultório, quando novamente viu-se numa possibilidade futura. Em um velório ele era o morto, jovem, mas com a aparência de velho. Ouviu conversas que diziam que ainda bem que morrera, porque era o desgosto da mãe; era traficante de drogas.

Quando se viu saudável e lúcido, chorou emocionado, pedindo aos amigos espirituais que não o deixassem se iludir. Permanecerá atento para não cair em armadilhas; não dessa vez.

Uma semana depois, um colega que era muito rico começou a convidá-lo para sair. Veio com uma conversa estranha sobre a possibilidade de ganhar muito dinheiro de uma forma muito fácil. O novo amigo tentava envolvê-lo; levou-o a um apartamento majestoso, dizendo que ele poderia comprá-lo em pouco tempo. Mostrou carros importados e disse que ele também poderia adquiri-los, bastava se tornar seu sócio. Sentindo o perigo, viu novamente o morto na parede e, fingindo que não entendia bem o convite, explicou que era pobre e que desejava permanecer assim; deu a desculpa da religião e saiu de fininho. Partiu quase correndo e olhando para trás, viu o colega envolto em uma luz avermelhada que causava arrepios. Contou para as mulheres que mais amava, a mãe e a avó e resolveram mudar de cidade, iniciando vida nova.

Na vida nova logo fez amigos verdadeiros e começaram a freqüentar uma Casa Espírita. Um dia veio uma mensagem que explicou, que em uma encarnação anterior fora viciado e se ligara a indivíduos que agora, encarnados e desencarnados, tentavam envolvê-lo.

Vencera, mas deveria continuar firme no amor aos necessitados e no comparecimento à Casa Espírita. Que na Terra havia ainda muito desequilíbrio, exigindo que tecéssemos a “couraça de Fé e da Caridade”, como disse Paulo de Tarso.

Aos quarenta e cinco anos o médico continua jovem e belo; trabalhou muito, possui um belo consultório, mas nos fins de semana atende na assistência da Casa Espírita, aos necessitados da Terra. Não enxerga o seu peito, do qual sai um luz azul brilhante que envolve os doentes, aliviando-os. Na cidade comentam a precisão dos seus diagnósticos. Em casa, uma moça doce o espera e três crianças lindas e levadas exigem que brinquem com elas. A mãe, agora idosa, mora na casa ao lado. A avó o acompanha do plano espiritual.

O jovem louro escolheu o melhor caminho; aparentemente mais árduo, mas que o conduziu ao oásis de paz da consciência tranqüila.

## **27 Lion**

Dezoito anos e já profundamente frustrado com a vida. Cabelos eriçados com gel, queixo proeminente, dentinhos acavalados e um modo horrível de se vestir, como se usasse a roupa de alguém muito maior.

O cigarro entre os dedos mostrava a inquietação confirmada pelos passos rápidos e os olhos piscando sem parar.

Não conseguiu estudar após a quarta série. Tentou o futebol, mas era péssimo.

Resolveu trabalhar com a moto, fazer entregas para várias casas comerciais. Pela primeira vez encontrou algo que lhe dava prazer. Voava por cima da máquina frágil e sentia-se como um rei.

Ia “costurando” pelas ruas de São Paulo, xingando os motoristas que o atrapalhavam, chutando os carros que ultrapassavam o limite por ele determinado. Unia-se a outros motoqueiros e formavam um bando escuro como corvos endoidecidos. Esqueciam a prudência, o respeito ao corpo físico. Costumava ir aos enterros dos companheiros que morriam pelo excesso de velocidade; pensava que eram tolos e que nada aconteceria com ele. Campeão de entregas entre os amigos, aumentava a cada dia a velocidade e o mal humor; rápido, rápido, precisava ganhar dinheiro. Mais do que o dinheiro, o vício na velocidade entorpecia o seu raciocínio, que já não era dos melhores.

Uma noite, estava gripado e cansado. A garganta doía insuportavelmente e ele deitou no sofá enrolado em um velho cobertor. A casa vazia o encantava, apesar do mal-estar. Silêncio, paz. Estava quase dormindo, quando sentiu como que um arranco, que o lançou fora do corpo físico. Assustado, via o corpo esparramado no sofá e ele voando, encostado no teto. Não compreendeu como atravessou a parede e se viu na rua correndo no meio dos carros. Percebia que uma força o conduzia e embora temesse bater nos automóveis, nada acontecia; o que quer que o dirigisse, era competente. De repente, parou bem perto de um desastre. Horrorizado, viu uma moto caída e o seu ocupante

jogado ensangüentado no chão. Viu-se obrigado a chegar bem perto do ferido e gritou feito louco, quando enxergou o rosto ensangüentado; era o seu rosto deformado pela pancada no chão. Gritou mais alto e arrastado novamente, foi levado ao corpo físico.

Gritando, ainda, percebeu que a sua roupa estava molhada como se tivesse passeado numa garoa; lembrou que havia uma chuva leve, durante todo o passeio. Mas como a chuva o molhara, se estava protegido dentro de casa? Notou gotas de sangue na calça e, atormentado, largou as cobertas e foi se refugiar na igreja que havia perto da sua casa. Ele, que não rezava há muitos anos, começou a pedir ajuda a todos os santos que conhecia. Tentava lembrar o “Pai Nosso” aprendido na infância e os trechos que decorara. Rezou e chorou diante do fato incompreensível. Cochilou esgotado e, quando despertou, estava mais calmo e pensou que fora apenas um pesadelo. Não tentou explicar a roupa molhada, apagou a informação desagradável. Foi para casa e, como falava pouco com os familiares, não contou a terrível experiência. No dia seguinte foi trabalhar e, cauteloso, procurava se locomover com mais calma, respeitando os carros, caminhões e ônibus.

Quando terminou a tarefa do dia, reuniu-se aos motoqueiros e contou a visão que tivera. Falou como se assustara e da certeza que o corpo ferido era o dele.

Um dos amigos disse que era um aviso para ele tomar cuidado; todos concordaram. Lembraram casos vistos na televisão, filmes, e todos disseram que tomariam mais cuidado. Isso foi verdade por algumas semanas.

Um mês se passara e Zion quase esquecera o desastre que vira naquela noite esquisita. Corria feito um louco na pista molhada como se mil diabos o perseguissem. A moto derrapou, bateu com força em um carro e ele sentiu-se voando sobre os carros. O baque do seu corpo no asfalto fez com que perdesse a consciência. Acordou muitos dias depois no hospital, todo entubado. Soube depois que ainda permanecia na UTI e que o seu estado era grave.

Muitas vezes entrava em um estado de consciência especial, sentindo que voava novamente pelos corredores da casa de tratamento. Não sentia medo, era melhor do que permanecer no corpo sofrido.

Sofria muito em uma noite quente, quando sentiu que largava o corpo e se viu penetrando em um corredor muito iluminado; pensou que estava ainda no hospital. Continuou deslizando em direção a uma luz muito forte que havia no que parecia o fim do túnel e penetrou em um jardim cheirando a rosas, aonde várias pessoas pareciam esperá-lo. Uma senhorinha encantadora o conduziu a um banco e sentou ao lado dele segurando as suas mãos; o jovem sentia uma emoção incrível, na certeza de que conhecia e amava muito aquela mulher; não lembrava de onde, mas certamente, ela era cara ao seu coração. A senhora



começou a explicar o que acontecera e disse que ele deveria lutar por sua vida; voltar ao corpo, enfrentar as dificuldades, aceitar o que fosse preciso, mesmo que desagradável. Ele escolhera por sua imprudência, apesar dos avisos recebidos, uma experiência difícil e deveria suportá-la com classe. E claro que havia a possibilidade, devido a erros do passado, de passar pelo sofrimento atual; mas, senhor do seu destino, poderia ter atenuado ou apagado o *Karma* negativo através de uma vida mais útil, de auxílio aos sofredores da Terra. Explicou que o próprio indivíduo é que se julga e pediu para que ele pensasse sobre o que ocorrera, porque fora atirado longe da moto. Não fora abandonado nem por um segundo, mas o seu livre-arbítrio, a sua capacidade de escolha, fora respeitada. Agora necessitava de força e paciência para os anos difíceis que viriam. Prometeu confortá-lo, sempre durante o sono e através da telepatia em todas as horas que ele permitisse, através de pensamentos melhores. Abraçou-o e mandou que ele voltasse ao corpo físico.

Zion abriu os olhos já no corpo físico e começou a rezar, certo de que a triste notícia viria em breve. Dias se assaram e finalmente chegou a confirmação daquilo que ele tanto temia: estava tetraplégico. Limitara a ação do seu corpo físico e a sua inquietação estaria contida no corpo imóvel. Aprenderia a amar os familiares que lhe eram estranhos e que agora seriam os anjos da guarda no atendimento a todas as suas necessidades.

Com o rosto molhado por lágrimas de dor, Zion se perguntava por que não atendera ao aviso tão claro. Elevou o pensamento ao túnel iluminado e desejou que a senhora querida o auxiliasse. Sentiu um abraço, cheiro de rosas e pensou que por ela e para não decepcioná-la, precisava ser forte. Ouviu novamente as palavras: “você escolheu o seu destino...”

## **28 O assalto**

O pai entrou, e a mãe assustada viu que dois homens mal-encarados o acompanhavam, com uma arma na mão. A mulher tampou a boca para não gritar, porque sabia que só a calma os salvaria.

O menino estava com nove anos, mas, muito inteligente, fixou o pensamento em Jesus; pediu ao irmão que os envolvesse em luzes. Viu que eram três homens, mas que o terceiro tinha uma aparência calma e sorria para ele. Ele se encolheu quietinho e ouviu bem dentro da sua cabeça a ordem: “Finja que está dormindo; continue calmo que estamos aqui com vocês”.

Fingiu que dormia mas orava pedindo proteção.

Os homens começaram gritando, mas foram se acalmando. O pai deu tudo o que possuíam, mas um dos homens queria mais e ameaçou agredi-lo; o menino queria ajudar o pai mas estava como que paralisado. Viu-se no teto

observando tudo, enquanto seu corpo estava esparramado no sofá. Viu Espíritos luminosos envolvendo os pais e afastando entidades sombrias. Enxergou os assaltantes pegarem a chave do carro e partirem. O senhor de branco partiu junto, dando uma piscadinha alegre e ordenando que ele voltasse ao corpo, porque felizmente tudo acabara bem. Nem bem pensou em voltar, já estava no corpo e correu para o colo do pai. A mãe fora buscar pedras de gelo porque um olho estava roxo. O pai sorria e convidou-os a agradecerem a Deus e aos amigos espirituais. O carro foi encontrado, mas as jóias e o dinheiro, não. A mãe disse sorrindo: “vão-se os anéis, fiquem os dedos, é o que importa.”

Quando foram buscar o carro, a polícia explicou que os assaltantes eram conhecidos pela crueldade; que haviam tido muita sorte. O pai, sorrindo, disse que a ajuda veio de Jesus.

Meses depois o menino, olhando fotos antigas, mostrou o senhor que os auxiliara. Comovidos, pai e mãe contaram que era um vizinho querido que chamavam de pai e que havia falecido a muitos anos. Enquanto falavam, o menino viu o senhor sorrindo e ouviu novamente a voz que ecoava dentro da sua cabeça. “Diga que eu é que agradeço o carinho que sempre demonstraram. Somos amigos de muitas vidas; amo muito vocês e enquanto puder, continuarei velando. Vocês permitem o auxílio porque se ligaram a nós através da oração e amando os necessitados da Terra. Vou partir agora, mas um dia voltarei...”

Os três se abraçaram sorrindo, felizes, lembrando que realmente o Espiritismo é o Consolador Prometido por Jesus...

## **29 Tibete**

A moça viajava calma, maravilhada com a paisagem magnífica. Estava estudando o povo tibetano e a cada dia ficava mais encantada com suas histórias.

Chegaram em um mosteiro onde havia os monges de chapéus vermelhos. Um deles ficou hospedado com eles, a moça e os serviçais.

O monge, ao contrário da maioria deles, parecia sujo e mal-humorado. A moça não sentia prazer nenhum em encontrá-lo.

Certo dia ele sentou bem na passagem, impedindo que entrassem ou saíssem da sala reservada para as refeições. Em vão pediram a ele que desse licença, pois fingia que estava meditando, mas sorria de forma cínica. Cansado, o

serviçal foi carregá-lo para outro lugar; ele entreabriu os olhos pálidos e fuzilou com o olhar o jovem, que caiu desmaiado. O monge do chapéu vermelho levantou como um rei e partiu sem nada levar.

O homem acordou muito mais tarde gemendo de dor e uma mancha roxa no seu estômago mostrava que realmente houvera uma terrível agressão. O serviçal amedrontado negou-se a dar queixa, porque sabia que fora

atingido não pelas mãos, mas pelo pensamento do homem estranho.

A moça foi falar com o Lama principal e ficou sabendo que alguns monges usavam os poderes para prejudicar ou dominar o próximo. O Lama prometeu corrigir o monge e disse que o ser humano custava a mudar de comportamento e que alguns, mesmo sabendo das belezas do mundo espiritual, continuavam a agir como se fossem poderosos e com direito a lesar quem os perturbasse.

Quando fora dormir, a jovem acendeu vários incensos na cabana que armava no meio da sala, para que o vento não atrapalhasse o seu sono. Os criados dormiam no cômodo grande que servia de cozinha.

No meio da noite um grito horrível acordou a jovem, que pulou da cama que armara e entrou na cozinha. Viu o monge voando como um morcego ameaçador, assustando os serviçais. Pegou uma vela, acendeu, e repetindo palavras mágicas avançou furiosa sobre o monge, que não aprendera nada sobre a vida. Um olhar apagou a vela e lançou-a longe. Ela começou a rezar em voz alta e um clarão surgiu na janela espantando o “monge-morcego”.

Não dormiram mais, vigiando as janelas. No dia seguinte, soube que o monge agora seria castigado pelo Lama, que exigia respeito para com os seus hóspedes. Nunca mais ouviu falar no monge rancoroso. O Lama a tranqüilizou, prometendo que aquele não mais a importunaria. Disse que, infelizmente, nem todos os que estudavam as coisas espirituais as entendiam e que muitos continuavam mergulhados na crueldade. Explicou que conseguiam levitar e entrar onde quizessem desde que os moradores não se prevenissem através de atos e palavras boas.

O Lama convidou-a para assistir a uma sessão na qual os mortos se comunicariam. Ela foi feliz com a oportunidade. A sessão era confusa, cantavam, dançavam, parecia uma festa barulhenta. Acompanhavam o canto com um tambor e um sino. Dançam até começarem a tremer, entrando em transe. Um demônio ou um deus, ou seja, um Espírito bom ou mal, ligava-se ao médium. Todos ouvem com atenção, e os homens mais sábios da tribo concluem o que ele quer expressar. Muitas vezes vários Espíritos se comunicam. O principal objetivo dos assistentes é fazer com que os mortos

recentes partam sem perturbar a família. São convidados a fazer a última refeição para irem à esfera que lhes é própria.

Algumas vezes Espíritos sofredores se comunicam pedindo auxílio, porque estão escravizados por alguma entidade. O trabalho para libertá-los é longo. A família em geral acompanha, chorando, o processo de libertação, que exige muitas vezes várias sessões.

Algumas dessas informações são encontradas no livro *Tibete: Magias e Mistérios*, escrito por Alexandra David-Neel, uma mulher que após vários anos no Tibete foi escolhida como Lama devido aos seus conhecimentos.

Os Lamas eruditos compreendem as verdades espirituais e agem com desprendimento e exemplificação de nobreza espiritual.

Precisamos lembrar dos “gomchen ” tibetanos, alguns muito respeitados, como um que, diziam, dominava demônios, voava e se quisesse até matar um homem a muitos quilômetros de distância, conseguia. Desenvolviam esse poder depois de exercícios especiais e de permanecerem durante muito tempo fechados em uma caverna.

Uma lenda muito interessante é contada pelo povo sobre Mahakala, que é um deus hindu adotado pelos tibetanos. O Lama foi convidado a visitar um imperador. Mas, tendo ofendido o imperador, foi amarrado à cauda de um cavalo. Em perigo de morte pediu ajuda a Mahakala, mas como este não veio, ele mesmo se soltou, separando a barba do queixo através de magia. Quando Mahakala apareceu, recebeu um bofetão que até hoje deixa o rosto do demônio inchado. O deus hindu foi transformado pelos tibetanos em demônio.

Certo dia convidaram um budista ilustre para esclarecer o povo e libertá-lo da superstição. Conversavam, a jovem e o marajá, quando ela sentiu uma presença invisível. O silêncio se fez, e ela ouviu palavras dentro da sua cabeça, ameaçando-a com o fracasso de todos os seus planos. Talvez a presença estivesse irritada com a intromissão da jovem. A voz ainda disse que o povo do país era seu e que ele era mais poderoso do que a moça. O marajá que acompanhava a jovem disse que é claro que obteria sucesso e que os camponeses seriam esclarecidos.

O marajá realizou um belo trabalho na libertação da superstição, mas quando ele morreu, tudo voltou a ser como antes e até bebida era servida nos templos. A mudança de hábitos exige tempo e encarnações várias; às vezes, só a dor provoca o crescimento espiritual.

Alexandra assistiu a uma sessão na qual o Lama recebeu um Espírito para atender o pedido do marajá, que disse necessitar do conselho de um sábio

clarividente. O Espírito encarnado do mestre do Lama se comunicou, e o início do transe assustou a jovem que desejava socorrê-lo; foi avisada de que não o fizesse, pois poderia matá-lo.

A transformação no médium foi impressionante; a fisionomia e a voz eram do comunicante. Disse para o marajá que não deveria se preocupar, pois nunca teria que enfrentar o assunto que temia. O Lama voltou ao normal, e o Espírito comunicante, à sua moradia.

O consultante ficou bravo, pois achou que não obtivera uma resposta clara. Desejava saber o que deveria fazer, pois namorava uma jovem e engravidara outra. Poucos dias depois morreu, e o assunto não precisava ser esclarecido.

Descobrimos no livro, por trás das superstições, onze fenômenos paranormais, produzidos pela força do indivíduo, do seu pensamento forte e os mediúnicos, quando há interferência do plano espiritual; mas aparecem também os mistos, nos quais existe a força do pensamento do encarnado unido ao do desencarnado.

A Verdade é uma só e a encontramos em todas as fases do desenvolvimento realizado na Terra em todas as regiões; senão, não seria Verdade...

## **Segunda Parte: explicações encontradas na parapsicologia e na educação espírita**

### **30 Parapsicologia**

*O* a ciência que estuda os fenômenos considerados sobrenaturais, mas que são apenas produto de Leis Naturais desconhecidas por grande número de indivíduos. “E o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psico-fisiológica”, escreve José Herculano Pires.

Allan Kardec, assessorado pelo Espírito da Verdade, explica em *O Livro dos Espíritos* que em nenhum indivíduo o perispírito está fechado como um pássaro em uma gaiola. O corpo de energia irradia, transcende o físico, aumenta a percepção do indivíduo, produz os fenômenos da telepatia, dupla vista, clarividência e outros. O Espiritismo os explica e a parapsicologia surge depois, utilizando linguagem semelhante para compreendê-los.

Se estivéssemos fechados no corpo físico, se o corpo energético não irradiasse, não conseguiríamos sequer perceber o mundo a nossa volta e sentir simpatia ou antipatia ao encontrar o próximo. A nossa expressão no mundo seria triste. Graças às possibilidades dadas pelo corpo bioplasmático, como dizem os parapsicólogos, “podemos fazer o que Jesus fez e muito mais”... Não esquecendo que o perispírito ou corpo bioplasmático

é apenas instrumento de trabalho do Espírito; tudo o que acontece com o corpo energético é produto dos nossos pensamentos. Espíritos, somos Pensamento e Vontade. Pensando, criamos o que desejamos, luzes ou sombras, felicidade ou problemas.

A *Gênese*, livro escrito por Allan Kardec, é claro quando explica que Jesus não agiu como médium na Terra e que tudo o que ele fez foi graças a sua força interior, à força do seu pensamento superior.

O pensamento harmônico do Mestre de Nazaré, fruto do domínio completo das emoções, a sua grandeza espiritual, possibilitavam a ação sobre a energia condensada.

Em Jesus os fenômenos dupla vista, telepatia, clarividência, eram constantes. Jesus nos convida a dilatarmos, através do desenvolvimento moral, o nosso corpo bioplasmático, possibilitando que a nossa ação, via pensamento, seja maior no mundo no qual nos expressamos; consciente e produtiva.

Com propriedade, o “modelo de homem ideal”, diz: “Se tiverdes Fé, nada será impossível”.

Falta-nos Fé, confiança em nós mesmos e em Deus, Senhor de todas as coisas, Criador do Universo. Desenvolvendo a Fé Raciocinada, utilizando o Pensamento e a Vontade iluminados pelo Amor Verdadeiro exemplificado por Jesus, conseguiremos a força que modifica situações e criaturas.

Educar crianças, jovens e idosos, na compreensão desses conceitos libertadores, possibilitará a grande transformação da Terra, de planeta de expiação e provas, no qual os problemas são imensos, em mundo de Paz, Justiça e Amor.

O convite refeito na Parábola do Festim de Nupcias é ao comparecimento a uma festa de alegria, de vitória. Nunca convidaram ao sofrimento. O critério é desenvolver a veste nupcial, ou, como disse Paulo de Tarso, vestir a couraça da Fé e da Caridade...

A Parapsicologia está situada no campo científico da Psicologia, lembra José Herculano, Enquanto os parapsicólogos da escola Rhine encaram o fenômeno

como de natureza psicológica, os russos encaram como de natureza fisiológica.

Ou seja, norte-americanos e europeus admitem a transcendência do indivíduo e russos dão mais importância ao corpo físico. Joseph e Luisa Rhine admitem a natureza extrafísica dos fenômenos parapsicológicos que nada teriam de material; os russos acreditam na natureza material dos fenômenos. Mas o russo Vassiliev diz que “o pensamento é uma energia desconhecida...”

Joseph Banks Rhine, da Duke University, nos Estados Unidos, admite que os fenômenos são de todos os tempos e que cabe à Parapsicologia estudá-los. Um livro importante de Rhine é: *O Mundo da Mente*. Luisa Rhine escreveu um livro que é muito esclarecedor: *Os Canais Ocultos da Mente*, no qual ela narra vários casos que apresentam fenômenos paranormais. Basta lembrar o caso da avó que, distante da neta, percebe que o bebê estava se afogando com o vômito e avisa a filha. Luisa diz que isso só foi possível porque todos possuímos percepções extrafísicas.

Na Universidade de Cambridge, o professor Whately Carington formulou uma teoria parapsicológica da existência pós-morte. Foi apoiado pelo professor Harry Price, catedrático de Lógica da Universidade de Oxford, que afirma que a mente humana tem o mesmo poder, com ou sem o corpo físico, e pode influir sobre outras mentes e sobre o mundo físico. São apoiados pelo professor Soai, da Universidade de Londres, que realizou importantes experiências com os fenômenos de “voz direta”, quando a voz dos desencarnados é ouvida independentemente do corpo físico do médium. No Brasil, a ginecologista Beatriz P. Carvalho pesquisa gravações do inaudível, manifestações de entidades extrafísicas e consegue resultados surpreendentes. Conta que certo dia, regando as plantas, ouvia vozes; correu, buscou o gravador e o fato ficou provado, as vozes de entes imateriais fizeram-se ouvir de forma a não deixar qualquer dúvida.

Os professores americanos e europeus, em geral, concordam na participação de entidades extracorpóreas, sem o corpo físico, que denominamos de desencarnados.

Porém, existem os que discordam; Robert Amadou, na França, pensa que os fenômenos são de ordem inferior, ligados ao psiquismo animal e não podem explicar a sobrevivência do indivíduo, a vida após a morte; é a posição de vários católicos.

Não importam as interpretações. O que vale é que o conhecimento se dilata e vai chegando ao povo, permitindo que a “massa” se conscientize da verdade libertadora: “somos centelhas divinas cuja cor varia do vermelho ao rubi”;

somos indestrutíveis, especiais. O corpo físico e o corpo energético ou perispírito, são apenas instrumentos de trabalho do Espírito.

Jesus, o maior paranormal que encarnou na Terra, exemplificou o que podemos fazer na conscientização

de nossa paranormalidade aliada à prática do amor...

Paulo de Tarso lembra que, “se tudo nos é lícito, nem tudo nos convém”. Não nos convém permanecer na ignorância, escravizados a preconceitos estéreis, mergulhados apenas nas percepções conseguidas pelos sentidos. Convém crescer, conseguir a Liberdade, ‘voar’ em direção ao Sol da Verdade...

### **31 Clarividência: visão sem olhos**

Cientificamente provada desde 1940.

O preconceito científico tem impedido a sua aceitação plena.

Na Rússia treinam indivíduos que conseguem ler pelo cotovelo, pontas dos dedos, qualquer parte do seu corpo.

José Herculano, no livro: *Parapsicologia e amanhã*, lembra que o preconceito é que impede cientistas de aceitarem esse fenômeno suficientemente provado no tempo e no espaço. Swedenborg, o sábio respeitado por Kant e outros grandes nomes, apresentava a clarividência, várias vezes confirmada. “ O preconceito científico é tão cego e surdo quanto o religioso de cujas entranhas nasceu... continua a criar obstáculos ao desenvolvimento das pesquisas e principalmente à interpretação dos resultados. Alguns tentam reduzir todas as possibilidades paranormais à telepatia”, escreve o autor, no livro já citado.

Para verificar a clarividência, colocam o paranormal em contato com um baralho de cartas bem embaralhadas.

O indivíduo descreve a nova ordem das cartas, mostrando que enxerga por vias outras, sem usar os olhos do corpo físico.

Joseph Banks Rhine considera as explicações que tentam negar a Clarividência, fantasiosas, e confirma a existência do fenômeno.

“A percepção extra-sensorial”,- diz Rhine -, “é um complexo de funções *psi*, que em geral se entrelaçam da mesma maneira que se entrelaçam os nossos sentidos, apesar de sua especificidade orgânica, para obtermos todas as sensações de um objeto. E a confirmação do homem integral.”



É considerado um caso clássico e explica bem a Clarividência, a história real de um pastor procurado para resolver um caso de “infestação”. O pai desencarnado de uma senhora aparecia reclamando que haviam construído o seu túmulo sobre a sepultura de outra pessoa. Pesquisaram e verificaram que, por engano, construíram o túmulo sobre uma cova vizinha ao local correto. Consertaram o erro, e a “infestação” desapareceu. No Espiritismo, diríamos que foi resultado de vidência; mas é preciso ouvirmos a voz dos cientistas que exigem às vezes um método diferente de investigação chegando ao mesmo resultado. Para fins didáticos, consideramos fenômeno paranormal quando é resultado do poder do indivíduo e mediúnico, quando há interferência dos Espíritos desencarnados. As vezes os dois fenômenos aparecem separados, como os narrados no livro: *Possibilidades humanas*, no qual narra várias experiências ocorridas na Rússia, quando os *sujets* (designação do paranormal), deslocam pelo poder do pensamento objetos vários, entre

os quais, bolinhas de isopor. Conseguem fazer o relógio parar, entortam garfos e colheres; entram em contato com mentes extrafísicas nos chamados Fenômenos Theta.

Camille Flammarion narra outro fato interessante. Uma mãe procurava, entre mais de mil túmulos enterrados em um cemitério, o do seu filho morto na guerra. Parecia impossível descobri-lo. Ela olhava desanimada pela janela, quando viu o jovem desencarnado entre dois outros que usavam uniformes militares, um igual ao dos alemães, e outro, ao dos russos. Correu em direção ao local aonde os vira e encontrou o túmulo do corpo do filho.

Quando mais de uma possibilidade paranormal se faz presente, Rhine denomina de Percepção extra-sensorial geral.

O Espiritismo nos explica, nos livros básicos de Allan Kardec e em outras obras complementares, a possibilidade de “fazermos o que Jesus fez e muito mais”. Quando a ciência contemporânea abrir decididamente a porta para essas possibilidades, uma nova educação, a espírita, fará surgir o indivíduo que só faz ao outro o que deseja para si, porque sabe que, em caso contrário, será o grande lesado...

### **É possível ver sem os olhos**

*Qs'ias* horas de tempestade os olhos ficam cegos, é preciso enxergar com o coração...”

Saint-Exupéry lembra a possibilidade de compreendermos o mundo em nossa volta por vias outras que não as dos sentidos físicos. Se estivéssemos limitados à visão proporcionada pelos olhos, seríamos muito pobres na capacidade de perceber o mundo. Sim, podemos ver sem os olhos, prova a

parapsicologia. A clarividência está cientificamente provada desde 1940. O preconceito científico impede a aceitação dessa verdade por vários cientistas; mas um número imenso já aceita essa possibilidade.

Para estudarem a clarividência, colocam o *sujet*, o paranormal, em contato com objetos desconhecidos por todos os presentes participantes da experiência. Cartas de baralho embaralhadas permitem a verificação do fenômeno, porque o *sujet* dizia claramente a ordem em que estavam.

Havia, muitas vezes, interferências em fenômenos de Precognição, o que fez com que Robert Amadou reduzisse os fenômenos apenas à telepatia. Ele diz: “A Telepatia está cientificamente comprovada, a Clarividência, não.” E a opinião de Robert Amadou e de alguns outros preconceituosos, mas, felizmente, não o da maioria.

### **32 Telepatia: a linguagem da mente**

José Herculano Pires, meu querido pai, explica que assim como temos a linguagem do cérebro na palavra, temos a linguagem da mente nos conceitos.

“Um pensamento é um vetor poderoso que deflagra um acúmulo de energias psíquicas.”

Em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo: No Laboratório do Mundo Invisível, Allan Kardec explica o que a Parapsicologia confirma: somos Pensamento e Vontade, agimos via pensamento sobre nós, o próximo e o mundo à nossa volta. A Telepatia transmite não só o pensamento, mas todo um estado de espírito. O *pathos* individual se comunica à distância. Ou seja, com o pensamento chegam as sensações, o modo de ser do indivíduo ao qual nos ligamos.

Lembro-me de um estudante de medicina que freqüentava a Casa Espírita fundada por meus pais e que uma vez chegou muito mal, sofrendo dores abdominais; necessitou atendimento antes do início da sessão, e o Espírito desencarnado comunicou irritado que era porque os estudantes brincavam com o seu corpo físico. Foi esclarecido e partiu; mais esclarecido ficou o jovem médico que aprendeu a orar ao se ver diante de um cadáver.

André Luiz, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, conta a história de um desencarnado que, no velório, ouve calúnias a seu respeito e vem tirar satisfações; não o vêem, mas sentem arrepios e mal-estar. Por isso o povo sabiamente aconselha a não criticarmos destrutivamente os mortos.

Enquanto conversamos com uma pessoa, podemos nos sintonizar ou não, com ela. Se nos ligamos com simpatia, a conversa será agradável, fluirá com

facilidade; as frases orais serão acompanhadas pela permuta das imagens mentais. Se não sintonizamos, ela nos é antipática, as energias se repelem, e a conversa será difícil ou impossível.

Somos o que pensamos e nos ligamos via pensamento aos que pensam de forma semelhante; escolhemos a melhor companhia espiritual pensando harmoniosamente. O nosso livre-arbítrio permite nos cerquemos de luzes ou sombras...

### **33 Fenômeno PEG: da relatividade no tempo**

*P* tempo na Terra é relativo, como explica Allan Kardec em *A Gênese* e, exatamente como explicou Albert Einstein na Teoria da Relatividade. Varia de região para região, de um país para outro. Refletindo dessa forma, fica mais fácil entender o fenômeno paranormal *Peg*, a capacidade de se projetar no passado e no futuro.

O Coronel Alberto de Rochas, diretor do Instituto Policlínico de Paris, levou indivíduos ao mergulho na vida intra-uterina e depois, a recuarem a encarnações passadas. As experiências permitiram que mergulhassem até três vidas anteriores. No livro *As Vidas Sucessivas*, o coronel Rochas conta as vivências desses indivíduos. Os parapsicólogos fizeram experiências com *sujets* que conseguiam apresentar a retrocognição (passado) e a precognição (futuro). Concluíram que os resultados eram melhores quando havia simpatia, sintonia, confiança, entre pesquisado e pesquisador. Em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec explica que, principalmente nos fenômenos de efeitos físicos, pesquisadores descrentes, antipáticos, criam barreiras. Não se admite crer em tudo, incapaz de análise e crítica, mas é preciso assumir uma dilatação da consciência, libertar-se das amarras, dos preconceitos religiosos e científicos, estudar os livros de Allan Kardec, para compreender que somos mais do que organismos de carne e para admitir a existência de fenômenos que hoje, mais do que ontem, podem ser compreendidos e explicados com mais clareza. Um exemplo é o de William Crooks, que depois de dizer que ia mostrar que Allan Kardec era louco, estuda criteriosamente os fatos espíritas e conclui que eles existem. Analisa principalmente os fenômenos realizados através da mediunidade de Florence Cook e da manifestação do Espírito desencarnado Katie King. O grande e corajoso William Crooks termina as suas pesquisas dizendo que “os fatos espíritas estão cientificamente provados...”

Experiências foram realizadas por Joseph Rhine e pelo professor Soal, deixando bem comprovada a existência do fenômeno paranormal. Utilizam entre outros recursos, baralhos especiais, cartas com desenhos. Os sensitivos captavam a ordem anterior das cartas (Retrocognição), bem como a posterior

(Precognição). Dessa maneira era possível descobrir se o *sujet* possuía essa capacidade.

A Ciência prova a existência dos profetas...

### **34 PK: Psikapa**

A mente extrafísica, sem corpo físico, pode agir sobre o mundo da matéria condensada, o mundo sensível de Platão. “A mente que não é física, servindo-se de vias não físicas, age sobre o mundo físico”. Ou seja, o nosso pensamento, de encarnados ou não, age sobre a matéria.

As experiências começaram na Duke University em 1934 e, em 1943, Joseph Rhine conclui: “A mente possui uma força capaz de agir sobre a matéria. Produz sobre o meio físico efeitos inexplicáveis por qualquer fator ou energia conhecida pela Física.”

Alguns parapsicólogos, como Robert Amadou, não aceitam o fenômeno denominado Psicocinésia, que é a ação da mente sobre a energia condensada.

Os fenômenos são conhecidos no mundo todo e em todas as épocas do desenvolvimento humano: “cura de verrugas, bicheiras, hérnias”, cita José Herculano, e cicatrização mais rápida de feridas, picadas de cobras, fenômeno que o povo chamava de benzedura, produto da ação do pensamento.

Bárbara Ivanova realiza experiências na Rússia e começa a ensinar alunos a realizarem curas. Suas pesquisas são narradas em um livro: *OCálice Dourado*, no qual ela aconselha a se ligar ao “cósmico” via pensamento, impor as mãos e curar. Visitando o Brasil, provou o acerto de suas pesquisas.

Chevalier e Hardy, na França, realizam experiências com gotas d’água, provando que podemos desviá-las, atraí-las, com a força do nosso pensamento; verificaram a possibilidade de acendermos lâmpadas e movermos uma pequena balança de precisão usando a força interior.

O casal Paul Vase, na França, realiza pesquisas que provam que o nosso pensamento pode acelerar “a germinação e o desenvolvimento de sementes especiais”.

Um mundo velho que é explicado pela Parapsicologia com uma linguagem que concorda com a usada pelo sábio de Lyon, Allan Kardec.

Remy Chauvin lembra que “a alergia do futuro”, ao novo, impede o esclarecimento, a libertação do indivíduo da Terra escravizado ao barro, ao fenômeno, ao ilusório. Fechou-se no círculo pequeno do seu orgulho e egoísmo e julga-se o rei do Universo...

Novelas, livros e filmes lembram a possibilidade de mergulharmos no passado.

O *Livro dos Espíritos* explica que a Reencarnação é oportunidade de crescimento espiritual, de desenvolvimento do indivíduo integral. Não podemos esquecer que, se temos um *Karma* negativo, temos também um positivo, que se expressa no auxílio do nosso anjo da guarda, dos Espíritos familiares e dos amigos. Alguns espíritas sentem prazer em imaginar um umbral inferior terrível, no qual o ser é condenado por Deus. José Herculano lembra que Deus não julga nem castiga, que é o indivíduo que se julga e determina a sua pena; mas é essa a explicação de Allan Kardec, assessorado pela equipe do Espírito da Verdade.

Construímos nossas encarnações, nossas vitórias ou nossos fracassos; herdeiros de nós mesmos, como disse André Luiz.

Cientistas russos e americanos reconhecem a possibilidade de mergulharmos no passado. O fenômeno é estudado com o nome *dememória extracerebral ou paramemória e reencarnações sugestivas*. A memória que permite o mergulho no passado transcende o corpo físico, o tempo e o espaço.

Na Rússia temos as pesquisas importantes de Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou; nos Estados Unidos o trabalho de Ian Stevenson, apresentado no livro *Vinte Casos Sugestivos de na*

índia, Hamendras Nat Banarjee, da Universidade de Jaipur, com vários livros, entre os quais: *Vida Pretérita e Futura*. No Brasil, as pesquisas excelentes do querido engenheiro Hemani Guimarães de Andrade.

As provas consideradas como de reencarnação, são: lembranças comprovadas pela pesquisa, sinais físicos que repetem os da encarnação anterior, semelhança de temperamento, tendências; reconhecimento de locais ou de parentes etc. Vários filmes e novelas abordam fatos baseados em vidas passadas.

O gênio, as simpatias, as antipatias, as tendências, provam essa possibilidade.

Felizmente somos reencarnados, caminhamos em grupos que formam famílias, que em geral reencarnam juntos. Os laços de amor não se desfazem com a morte, o amor continua através das várias vidas, em nossa *Renovação Pelo Amor...*

### ***36 Fenômeno teta***

O professor Pratt, na Duke University, investiga a ação de mentes extrafísicas no mundo físico, através de casos de aviso de morte. Há também casos de

mortos “antigos”, mortos há muito tempo, que se expressam no mundo dos vivos. Os fenômenos aparecem em forma de aparições, vozes, estrondos, queda de quadros, o arrastar de móveis etc.

Em *O Livro dos Médiuns* e na *Revista Espírita*, Allan Kardec narra vários casos sobre essas interferências.

A Doutrina Espírita lembra a necessidade do “orai e vigiai” aconselhado por Jesus, para que possamos nos ligar a irmãos mais velhos que nos auxiliam a ajudar os irmãos necessitados, que muitas vezes não sabem que desencarnaram.

A Parapsicologia vem estudar o que já foi alvo da atenção do casal Allan Kardec e Amélie-Gabrielle Boudet e muito bem explicado, porque tiveram a assessoria da equipe do Espírito da Verdade.

A Humanidade sempre contou histórias que atestam a presença dos agentes espirituais entre os encarnados. E se essa presença é constante. Allan Kardec nos lembra que nos convém estudá-la para aproveitá-la para o nosso desenvolvimento espiritual.

A história de castelos e casas mal-assombradas exige a nossa atenção para os fenômenos Teta.

No Brasil, em muitas casas antigas ouviam o arrastar de correntes, de indivíduos que tinham sido escravos e continuavam mergulhados na fase de sofrimento. Outros, porém, perdoavam os seus algozes e partiam felizes rumo a dimensões luminosas.

Todo esse despertar para a compreensão do mundo inteligível de Platão visa tomar o reencarnante na Terra mais seguro, mais forte na compreensão de sua imortalidade. Ou, como disse o Mestre de Nazaré, de que “podemos fazer o que ele fez e muito mais...”

### ***37 Gravação do inaudível***

Houve uma “febre”, um modismo em relação às gravações do inaudível, agora amainados. As gravações só acontecem na presença de um indivíduo que possui a capacidade paranormal ou mediúnica voltada para essa possibilidade. Lembro-me de Casas Espíritas nas quais o estudo e o trabalho assistencial eram relegados a segundo plano, porque todas as atividades estavam voltadas para as gravações; compravam antenas, construíam rádios, aparelhos vários, e nada; raros conseguiam gravações suficientemente claras.

O Dr. Constantin Raudive apresentou, como escreve José Herculano Pires no seu livro sobre Parapsicologia, no III Congresso Internacional de Puchberg,

seu relatório de 30 mil das 80 mil gravações que havia obtido. Raudive ouviu a voz de uma criada de sua mãe, moça que morrera há pouco tempo. As vozes são gravadas em fitas magnéticas de gravadores comuns. As vozes, para os espíritas, são obtidas pelo fenômeno chamado de voz direta.

Os parapsicólogos apresentam também os fenômenos de escrita direta considerados *psikapa*, efeitos físicos, ação de mentes extrafísicas sobre a matéria.

Ernesto Bozzano narra a história de um granjeiro que não acreditava em comunicação dos Espíritos, mas se convenceu através da escrita direta; as instruções escritas em uma cabana fechada o orientavam sobre como realizar sessões de efeitos físicos; obedecendo, Jonatan Coons obteve belíssimos fenômenos no qual “vozes de anjos” cantavam, acompanhadas por instrumentos musicais movidos por mentes extrafísicas. O fenômeno atraía multidões; começou a irritar vários indivíduos que ficaram revoltados com o convite à compreensão da existência espiritual. O granjeiro foi perseguido, a sua casa, apedrejada, e ele partiu com a família, fugindo daquela agressão inesperada e injusta. Bozzano escreve que por alguns anos obteve notícias de Jonatan Coons, que apresentava os fatos paranormais em várias cidades, mas depois sumiu; deve ter ficado decepcionado com a ignorância do povo que não aceita o convite ao desenvolvimento espiritual, preferindo viver como um tatu, mergulhado na toca escura do seu mundinho pequeno e sem graça. Como o mundo estaria melhor e mais justo se compreendéssemos a finalidade da vida e esse dinamismo que liga os universos material e espiritual!

Friederich Jurgenson estava refugiado na Suécia, morando próximo a Estocolmo, gravando o canto dos pássaros, e quando foi ouvir a gravação verificou a existência de vozes humanas e acordes musicais. Reaudive esclareceu o problema colocando o fenômeno no campo da Parapsicologia. Constantin Reaudive, formado em Filosofia e Psicologia pela Universidade de Paris, apóia o colega, que estava decepcionado com muitos cientistas, entre os quais, o professor Olander e vários psicólogos. Depois, o parapsicólogo Hans Bender, de Friburgo, ficou interessado nas gravações e, aos poucos, a compreensão da importância do fato cresceu no meio de cientistas internacionais.

### A antimatéria

A descoberta da antimatéria a partir de 1930 “levou os cientistas à descoberta do espírito”, diz Herculano Pires. O casal Kirlian inventa uma máquina para fotografar o avesso da matéria; o átomo tem agora o antiátomo. A estrutura energética aparece através da câmera Kirlian: é uma linda estrutura luminosa e transparente, que é o molde do corpo de carne. Os russos viram que o corpo energético é flexível, irradia, iluminado com maior ou menor intensidade,

conforme a harmonia ou não, do indivíduo que pensa. Parapsicólogos, biólogos russos, verificaram que, quando o indivíduo se expressa em bons pensamentos, o corpo energético é uma força luminosa que se irradia transcendendo o corpo físico. Quando o ser pensa mal, o corpo de luzes se retrai e aparece com manchas, que muitas vezes aparecem no corpo físico como doenças.

O mestre de Lyon, Allan Kardec, já explicara que o perispírito é a chave de inúmeras moléstias. O corpo energético ou bioplasmático e o perispírito são o mesmo corpo já apresentado como *ka* entre os egípcios, corpo espiritual por Paulo de Tarso, alma do outro mundo, pelo povo.

### **38 Planeta Terra**

Segundo os astronautas, a Terra é um planeta azul. Para nós, terráqueos, neste momento existencial, mas habitantes do Universo, na Cosmóvisão tão bem apresentada por Jesus de Nazaré, é um planeta modesto, minúsculo, no quintal de uma galáxia, iluminado por um sol de quinta grandeza! Assim explica o russo Vassiliev sobre o mundo no qual vivemos.

Séculos se passaram para que o ser encarnado na Terra começasse a compreender o papel magnífico da nossa escola; a oportunidade preciosa da expressão existencial na condensação relativa do Fluido Universal.

Fechando-se no corpo de carne, o indivíduo do planeta azul considerava-se criado para participar da “festa do mundo”, incapaz de transcender a visão estreita dos escravos confusos apresentados no *da Caverna*, de Platão.

Os Carajás, índios brasileiros, contam uma linda história apresentada por Leonardo Boff em uma de suas palestras. Vou me permitir enriquecer a lenda com a visão proporcionada pelo início da compreensão da Verdade, que convencionamos chamar de Espiritismo, transcendendo a historinha dos índios brasileiros.

Peixinhos tolos viviam num lago escuro e cheio de barro e julgavam que o mundo era constituído apenas pelas águas barrentas; que a finalidade da existência seria a de comer minhocas, reproduzir ou não, e morrer; aliás, não gostavam de lembrar da morte.

No meio do lago havia um bloco escuro do qual saía uma luz belíssima, que ofuscava a visão, impedindo a compreensão da verdade.

Entre as centenas de peixinhos semi-adormecidos, um manifestou o desejo de penetrar no bloco para descobrir o que era a luz. Como na alegoria de Adão e Evá, a curiosidade é fator de transformação.



Os irmãozinhos assustados tentaram dissuadi-lo, dizendo que eram tão felizes, que a vida era perfeita, bastava comer e dormir, se reproduzir, ou não. Falaram para o peixinho que os perigos seriam imensos se ele deixasse a proteção das águas escuras. Mas, determinado, inteligente e curioso, o pequeno ser resolveu penetrar no bloco, mergulhar na luz. Fechando os olhinhos, mergulhou na outra dimensão. Viu-se projetado em um lugar maravilhoso, cheio de luzes e cores. Fascinado, olhava o oceano profundamente azul que desaparecia no horizonte. Sobre a cabeça, viu o Sol pela primeira vez, sentiu o carinho da energia aquecendo suas escamas. Formas inimagináveis continuaram a encantá-lo. Flores, frutos, seres humanos, insetos, deixavam o peixinho boquiaberto. Na cabecinha encantadora, a idéia de um Ser Supremo começou a se formar. Ficou tão admirado que resolveu, generoso que era, voltar ao lago e convidar os seus amigos para penetrarem no mundo melhor. Iniciou a viagem de volta.

O peixinho, chegando ao lago, convidou os irmãos para uma conversa sobre o mundo. Falou sobre o que vira e disse claramente que eram tolos se permanecessem escravos do barro, quando havia um mundo de luzes e oportunidade perto. Bastariam coragem e espírito de luta; a união facilitaria a grande viagem. Os peixes ficaram em silêncio. Finalmente, um peixe grande e cheio de pose disse que tudo aquilo era mentira; que o peixinho estava querendo enganá-los, que se fosse tão bom ele não voltaria para buscá-los. Um outro peixe, vestido com uma roupa diferente, começou a falar e lembrou que era o dirigente espiritual de todos e proibia de acompanharem o louco. O peixinho ameaçava a integridade da tribo e devia ser expulso. Fosse para a luz e lá permanecesse, pois não precisavam dele; eram felizes passando dias e noites preocupados apenas com o que comer.

O peixinho foi expulso e mergulhou na luz; sentia-se feliz, pois fizera a sua parte; sabiozinho, sabia que de tempos em tempos, um outro irmão estaria na luz libertadora e outro e outro, até que a tribo acreditasse em formas aprimoradas de vida. Pensou que cada um tem o seu tempo de maturidade e partiu feliz rumo à Luz da Verdade...

Nossos irmãos Carajás são sábios. A história lembra a do *Peixinho Vermelho* contada por Emmanuel, em um dos livros psicografados por Francisco Cândido Xavier. A essência é a mesma.

José Herculano Pires, meu querido pai “Zequita”, utiliza peixes para nos fazer compreender a Verdade Libertadora. José Herculano diz que convenciamos, também no meio espírita, que seríamos peixes fechados num aquário sem saída. Os capatazes de Deus se aproveitavam de nossa impotência para descerem o chicote em nossos lombos, provocando a evolução. Não teríamos escolha, só nos caberia permanecer de mãos postas esperando o castigo de um deus terrível. Transformamos uma Doutrina libertária, consoladora, em

possibilidade de escravidão; escravizamo-nos ao *Karma* negativo, ao passado de erros, impedindo a marcha para futuras luzes. E piorando a nossa situação, declaramos que na realidade estamos escravizados ao corpo físico, conhecendo o mundo através apenas dos sentidos. Criamos dificuldades, depressões, dores várias, por incapacidade de enxergar a luz que sai do bloco formado pelos livros básicos de Allan Kardec, permanecendo amarrados às apresentações inibidoras da compreensão da Verdade.

Não nos conhecemos, não nos entendemos como “deuses e luzes”, como disse Jesus e continuamos a nos comportar como peixinhos tolos amarrados às águas barrentas. Estáticos, inertes perante nossas possibilidades luminosas, permitimos que o barro de interesses imediatistas impeça a nossa visão.

Jesus é o sábio que nos convida a quebrar as paredes de vidro do aquário do nosso egoísmo e orgulho, permitindo que o sol da capacidade de amar penetre em nossas almas.

Com medo da luz, impedimos a nossa felicidade e, fracos, permitimos que os maus, os ousados, dominassem a Terra. Mas por um método didático ou outro vamos amadurecer; o trabalho amoroso em benefício do próximo, ou a dor, agem como indutores à nossa dilatação mental, espiritual.

O interessante é que, embora no Horizonte Tribal a Verdade já nos fosse apresentada, continuamos analfabetos na capacidade de compreender o sentido da vida.

Em pleno século XXI, permanecemos nos patamares da barbárie, da corrupção, dos vícios vários, na indiferença para com os sofredores do nosso planeta.

José Herculano Pires, no livro *Evolução Espiritual do Ser*, lembra que “quem vive debruçado sobre si mesmo, cuidando apenas do seu umbigo, não pode perceber e muito menos compreender a grandeza espiritual, que é a sua imperecível herança de filho de Deus”. Como nos julgamos “filhos do pecado e da dor” não conseguimos entender o quão especiais somos, filhos da Luz, caminhando para a Luz...

Continuamos com os olhos cobertos pelo barro dos interesses materiais, não conseguimos perceber o nosso brilho nem o nosso destino de herdeiros da Luz. Nossos olhos permanecem voltados para as sombras, pregados no cascalho, julgando que são pedras preciosas.

Não conseguimos a transcendência porque permanecemos apegados à nossa vida material, no quintalzinho fechado da nossa vaidade. O Mestre de Nazaré

já disse que “o que se apega à sua vida, perde-la-á, mas o que a perder por amor a mim, a encontrará.”

“Essa é a razão porque o Espiritismo rejeita a alienação do homem no culto externo, em que os mitos supostamente sagrados servem apenas para o espírito em fase primária de evolução”, escreve José Herculano, no seu livro sobre o desenvolvimento do ser na Terra.

O orgulho do reencarnante da terra é quebrado no século XXI, na apresentação da ciência contemporânea, que mostra cientificamente nossa semelhança com os ditos irracionais; o nosso DNA é pouco diferente do DNA do rato, do porco, e muito semelhante ao do chimpanzé. Como escreve Allan Kardec, “do átomo ao anjo tudo se encandeia no Universo.”

*O Livro dos Espíritos* ensina que herdamos dos irracionais o corpo e os instintos, mas que a nossa Razão iluminada pela Fé faz a grande diferença, ou melhor, fará a diferença.

Quando ainda não compreendemos a finalidade da existência, não entendemos nossa paranormalidade, nossas luzes interiores, expressamo-nos de forma pior do que os irracionais, na crueldade, no egoísmo, na irresponsabilidade. A nossa inteligência permite projetarmo-nos na Angelitude, mas também possibilita o mergulho nas paixões inferiores. E claro que chega o momento em que nos saturamos dos erros, e começamos, dentro do Construtivismo Divino, a construir nossos acertos, nossa felicidade. Infelizmente escolhemos para isso, muitas vezes, o caminho da dor.

O Espiritismo é o convite ao desenvolvimento da nossa paranormalidade, conseguido através do “amai-vos e instruí-vos”, para que, instruídos, possamos nos modificar.

Infelizmente, como lembra “Zequita”, o indivíduo da Terra nos permite ver, “por trás da roupagem moderna dos conflitos atuais, a continuidade inevitável da Lei de Ação e Reação”. O respeito ao livre-arbítrio do homem permitiu que a Humanidade se condenasse “por sua leviandade inconsequente”, a repetir o curso desnecessário das experiências dolorosas.

Lendo e relendo os livros básicos de Allan Kardec, lembrando apenas um capítulo: O Laboratório do Mundo Invisível, em *O Livro dos*, compreendemos

porque o Espiritismo, como ressurreição do Cristianismo, possibilita um amadurecimento maior e mais rápido do indivíduo que se expressa na Terra. “Podeis fazer o que faço e muito mais...” Basta querer...

Agora é a hora, antes que o planeta realize a grande transformação para mundo feliz, porque se não conseguirmos acompanhar a evolução podemos reencarnar em mundos primitivos por necessidade energética, de alimento espiritual, que sintoniza com nosso modo de ser. Mas como somos “deuses e luzes”, isso não acontecerá...

### **39 Necessidade de união**

No tempo e no espaço, o indivíduo da Terra desenvolveu as suas habilidades e sobreviveu graças a um trabalho de equipe: nos dois planos, o material e o espiritual, irmãos trabalhavam pelo ser que se expressava, na necessidade de evolução, no planeta azul.

Na inconsciência dos vegetais, na irracionalidade dos animais ditos inferiores, no reino hominal, no qual o ser iniciava o desenvolvimento da Razão, o crescimento espiritual era realizado através do trabalho conjunto.

Allan Kardec, no seu livro *A Gênese*, no capítulo *Gênese Orgânica*, apresenta o desenvolvimento que é marcado pelo aparecimento de sociedades ideais, como a das abelhas e a das formigas. O que seria dos bebês abelhas sem o sacrifício da rainha, que vive apenas para botar os ovos e o trabalho das obreiras, incansáveis no serviço à espécie? Os embriões do amor, da renúncia, se fazem presentes através do trabalho, dos instintos. A maioria da espécie sobrevive apenas graças ao apoio dos seus semelhantes. A abelha sozinha sucumbe, verificou Remy Chauvin, mesmo atendida em suas necessidades físicas; necessita da troca energética proporcionada por suas companheiras.

No Horizonte Tribal, a união de corações, expressada no trabalho de equipe, nas casas em comum, a assistência a todas as crianças, no atendimento às necessidades de todos os elementos da tribo, nos faz refletir em como precisamos uns dos outros para sobreviver física e espiritual mente.

À medida em que o ser consegue maior desenvolvimento, o seu organismo reflete esse crescimento, e as exigências em relação ao auxílio dos outros aumenta. Nenhum reencarnante é tão frágil, desprotegido, quanto o humano. A cada encarnação precisamos de atenção, amor e da estimulação adequada para o nosso desenvolvimento pleno; a capacidade de falar, andar como um ser humano, defender-se, sobreviver, dependem do exemplo recebido em cada existência. Da união da família, de profissionais capacitados, o indivíduo do século XXI consegue se expressar na dignidade que lhe é própria. Tanto quanto os neurônios precisam uns dos outros para a expressão luminosa no trabalho no corpo físico, conseqüência dos pensamentos do Espírito, a nossa sociedade da Terra necessita urgentemente de um trabalho de união, para que o planeta se transforme em um mundo de Paz, Justiça, Amor e Alegria.

A individualização espiritual foi fruto dos séculos e é bem explicada por José Herculano Pires no seu livro *O Espírito e o Tempo*. Herdeiro de si mesmo e dos séculos, trazendo as marcas das suas experiências no inconsciente individual e coletivo, o indivíduo deveria estar preparado para amar o próximo e servir à comunidade. Quando Narciso se debruça e, encantado, vê o seu reflexo nas águas, quando se entende como um corpo em conflito

com outros corpos deveria continuar a amar e servir, agora à luz da Razão, na compreensão de que seria a única forma de encontrar a felicidade na Terra. Isso infelizmente não acontece. O gregarismo, superado pelo narcisismo, faz com que o orgulho se exalte: o egoísmo, o egocentrismo, impedem que a Razão, iluminada pela Fé, pela confiança em si e em Deus, pelo “amai ao próximo como a se mesmo”, se estabeleça. Quando “o homem se destaca da massa se reconhece como unidade que se opõe ao múltiplo”, como escreve José Herculano Pires; torna-se um tolo e, em vez de usar a Razão nas melhores escolhas, permite que as paixões inferiores o dominem e toma-se joguete das forças obscuras das emoções desequilibradas. Julga-se livre, mas é apenas um escravo das forças ainda indomadas do seu Espírito mal educado.

“O primitivo humaniza o mundo sem o controle da Razão”, lembra José Herculano. O “civilizado” desumaniza o mundo levado pelo orgulho e egoísmo, dificulta a sua caminhada e complica as suas encarnações.

O conhecedor da Terra não consegue aproveitar os magníficos instrumentos de trabalho, corpo físico e perispírito, para conseguir a felicidade para o qual foi criado pela Inteligência Suprema. Usa o corpo físico como um brinquedo que deve-lhe permitir prazeres efêmeros e muitas vezes com tristes resultados; nega a existência do perispírito porque lhe interessa expressar-se no comportamento dos animais irracionais, superando-os na procura dos prazeres, porque não possui o controle intenso dos instintos que deveria ser superado pela Razão; não iluminada pela Fé, pelo amor, pelo desejo de Justiça; “embaçada” pela falta de amor, mutilada pela incompreensão

dos conceitos de Deus, finalidade da existência do próximo, Narciso continua totalmente se admirando nas águas e muitas vezes se afogando nas paixões indisciplinadas. Como a criança no período pré-operatório, apresentada por Piaget, é egoísta, incoerente, incapaz de se colocar no lugar dos outros e pensa que o Universo só existe para servi-lo.

O pior é que em Casas Espíritas o problema continua, impedindo que o Espiritismo consiga a libertação do homem, que a individualização espiritual seja plena, que Narciso compreenda que é um em meio à massa, mas que só unido à luz da Razão aos irmãos da Humanidade existirá e será feliz. É a essa unificação que o Espiritismo conduz, à compreensão de que unidos no entendimento dos conceitos apresentados por Jesus e reapresentado por Allan

Kardec, conseguiremos a transformação moral que iluminará nosso planeta. O espírita deve estudar, compreender e praticar Kardec; divulgar os princípios filosóficos que convenciamos chamar de espíritas, para que o Horizonte Espiritual seja realidade nesse século de luz e sombras. Mas para que a ignorância, a dor, a guerra, sejam extintas do planeta, é preciso que o conhecedor da Terra se expresse como tal. Confusão na compreensão dos conceitos, aceitação de sombras e ignorância sem esforço para mudar retardarão a marcha da Verdade, o cumprimento das palavras do Mestre de Nazaré: “os mansos herdarão a terra”...

Omitir-se na compreensão do Espiritismo, que é compreender Sócrates, Platão, Buda e tantos irmãos maiores, que é tentar seguir aquele que exemplificou, Jesus, é desconhecer a importância da Verdade.

“Conhecereis a Verdade e ela vos libertará”, disse Jesus. A união de todos deve se realizar nesse sentido de compreensão, estudo e prática dos ensinamentos dos irmãos mais velhos e da exemplificação do Mestre dos mestres, Jesus... A união na ignorância da Verdade continuará a gerar sofrimento e impedimento ao aparecimento do Reino de Deus na Terra.

### **Dados da autora**

FORMAÇÃO EDUCACIONAL Universitária: Licenciatura em Matemática e Física.

Licenciatura em Pedagogia. Especializações: Deficientes físicos e visuais;

dificuldades na leitura e escrita; uso de computadores para deficientes físicos. ATIVIDADES PROFISSIONAIS Psicopedagoga na AACD.

Coordenadora do Núcleo de Assistência à Criança Excepcional ( NACEME).

ATIVIDADE ESPÍRITA Tesoureira do Centro Espírita Cairbar Schutel. Trabalhadora na Assistentência Espiritual do Centro Espírita Cairbar Schutel e do Centro Espírita Casa do Caminho, Vila Mariana, São Paulo (SP).

Expositora nos Centros Espíritas Cairbar Schutel, Bezerra de Menezes, Casa do Caminho, Federação Espírita do Estado de São Paulo, nos vários Centros Espíritas filiados à União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e em diversos Centros Espíritas por todo o Brasil.

Participação em Congressos Nacionais e Internacionais. OBRAS PUBLICADAS

*Herculano Pires, o Homem no Mundo*, Edições FEESP. *Educação Espírita*, Editora Paidéia.

*Educar para Ser Feliz*, Editora Camille Flammarion. *Preparados para a Vitória*, Editora Camille Flammarion.

Este livro foi impresso em sistema digital com disquetes fornecidos pela Editora por

## **Linear B**

**gráfica e editora**

Fone: (11) 3812-2817 [linearb@linearb.com.br](mailto:linearb@linearb.com.br) [www.linearb.com.br](http://www.linearb.com.br)

A escritora Heloisa Pires vem esclarecer aos que caminham com dificuldade, errando e acertando, sofrendo e chorando, incapazes de resolver desafios indispensáveis ao seu crescimento e que nos comovem com suas histórias.

Neste livro, Heloisa Pires retrata esse indivíduo especial que continua tantas vezes amarrado ao seu escafandro de barro. Médiuns, pa-ranormais, reencamados, "deuses e luzes" sobem com dificuldade a escada da evolução, rolando muitas vezes no abismo da descrença e da solidão afetiva.

A autora mostra a força interior de cada ser, encarnado ou não, que tem tudo para buscar sua *Renovação pelo Amor*.

**Editora Camille Flammarion**

*São Paulo*

[camilleflammarion@uol.com.br](mailto:camilleflammarion@uol.com.br)